Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional:

interfaces com o campo da saúde

Simone Monteiro & Eliane Vargas
Organizadoras

Educação, Comunicação e Tecnologia Educacional:
interfaces com o campo da saúde

ISBN: 85-7541-087-3

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Carlota Rios
Copidesque e revisões
Janaina de Souza Silva

Catalogação-na-fonte
Centro de Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

M775e Monteiro, Simone (org.)

Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde. / Organizado por Simone Monteiro e Eliane Vargas. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 2006.

232 p.

1.Educação em saúde. 2.Tecnologia educacional. I.Vargas, Eliane (org.). II.Título.

CDD - 20.ed. – 362.1

2006
EDITORA FIOCRUZ
Av. Brasil, 4036 – Térreo – sala 112 – Manguinhos
21040-361 – Rio de Janeiro – RJ
Tels: (21) 3882-9039 / 3882-9041
Telefax: (21) 3882-9006
e-mail: editora@fiocruz.br
http://www.fiocruz.br

Autores

Anita Matilde Silva Leandro – Doutora em Etudes Cinematographiques et Audiovisuelles da Universite de Paris III (Sorbonne-Nouvelle – França), documentarista e professora de cinema da Universidade Bordeaux 3, responsável pelo Mestrado Profissional de Realização de Documentário e Valorização dos Arquivos de Bordeaux 3.

Clarice Ehlers Peixoto – Doutora em Antropologia Social e Visual pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS/França), professora adjunta e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/Uerj) e do Grupo de Estudos sobre a Família Contemporânea (Grefac-CNPq).

Denise Nacif Pimenta – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde do Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (CPqRR/Fiocruz –MG).

Eliane Vargas (Organizadora) – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/Uerj), pesquisadora do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde, do departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Leas/IOC/Fiocruz).

Inesita Araújo – Doutora em Comunicação e Cultura, pesquisadora do Núcleo de Ensino e Pesquisa do Departamento de Comunicação e Saúde do Centro de Informação Científica e Tecnológica (NEPCOM/DCS/CICT) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e do Núcleo de Pesquisa em Estratégias de Comunicação/Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Nupec/ECO/UFRJ), vice-diretora de ensino do Centro de Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz (CICT/Fiocruz).

MARLY CRUZ– Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz), pesquisadora colaboradora do Departamento de Endemias Samuel Pessoa (Ensp/Fiocruz).

MIRIAM STRUCHINER – Doutora em Educação pela Boston University (EUA), diretora, professora adjunta e coordenadora do Laboratório de Tecnologias Cognitivas do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Nutes/UFRJ).

SIMONE MONTEIRO (Organizadora) – Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz), chefe e pesquisadora do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde do Departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Leas/IOC/Fiocruz)

TAÍS RABETTI GIANNELLA – Doutoranda do Programa de Educação, Difusão e Gestão em Biociências do Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBqM/UFRJ) e pesquisadora do Laboratório de Tecnologias Cognitivas (Nutes/UFRJ)

VERA HELENA FERRAZ DE SIQUEIRA – Doutora em Educação pela Columbia University (New York – EUA) e professora do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Nutes/UFRJ).

VIRGÍNIA TORRES SCHALL – Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), chefe e pesquisadora do Laboratório de Educação em Saúde do Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (CPqRR/Fiocruz – MG).

Sumário

Prefácio

É possível compatibilizar o dito e o compreendido? Os usuários dos serviços de saúde assimilam o conteúdo dos materiais educativos que recebem? Qual a eficácia das tecnologias educacionais como instrumentos de comunicação? De que modo compatibilizar os inúmeros interesses que se confrontam e os significados construídos na relação entre os emissores e os receptores dessas mensagens? Os órgãos públicos e privados que financiam a produção de material educativo têm acompanhado o resultado da veiculação e utilização desses recursos? Quais são os pressupostos subjacentes à produção e utilização das tecnologias educacionais voltadas para os usuários dos serviços de saúde? Essas tecnologias têm sido objeto de avaliação? Saberes de quais áreas disciplinares estão, ou deveriam estar, na base da produção e da avaliação desse material?

A falta e, mais freqüentemente, a percepção de que quase todas as respostas a essas questões seriam negativas, evasivas ou sem base em levantamentos prévios, parecem ter inspirado as pesquisas apresentadas nesta coletânea, com a pretensão de alcançar objetivos bastante arrojados: estimular a produção de conhecimento na área da educação em saúde e de avaliação de tecnologias educacionais aplicadas à saúde; produzir reflexões e estimular investigações sobre as práticas de educadores e profissionais de diversas áreas; contribuir para o conhecimento de variáveis que interferem na apropriação, pela população, dos discursos institucionais; contribuir para o avanço de investigações acerca das relações entre a distribuição, o acesso e o consumo dessa produção.

A *expertise* e a experiência prévia das organizadoras e das colaboradoras – no desenvolvimento de estratégias metodológicas voltadas à produção e ava-

liação do uso de tecnologias educacionais – certamente contribuíram para o alcance de tão ambiciosos objetivos. O vínculo – trabalho, docência e/ou formação – com sólidas instituições de pesquisa e intervenção em saúde, algumas delas pioneiras na produção de tecnologias educacionais é outro fator estrutural que pode ter favorecido os resultados animadores deste livro. Além disso, as perspectivas oferecidas por diferentes tradições disciplinares, como educação, tecnologia educacional, comunicação, antropologia e saúde pública, contribuem para a grande diversidade do material pesquisado, que abrange desde estudos e revisões de vídeos e emissões de rádio até acervos de materiais educacionais e entrevistas com camponeses e profissionais.

O universo empírico abrangente, apreendido por uma diversidade de instrumentos de coleta de dados, analisados pelo crivo de pesquisadores experientes, gerou uma avalanche de resultados, mostrando que a 'arte' da comunicação em saúde enfrenta desafios de grande monta, que comprometem sua eficácia.

O primeiro resultado mencionado em todas as pesquisas é apresentado de um modo geral como modelo herdado das ciências biomédicas, sempre referido como 'hegemônico'. Os artigos contidos neste livro esquadrinham esse arcabouço, criticando as visões, ênfases, representações sobre os usuários e os resultados esperados das propostas educativas realizadas sob esse enfoque. Segundo nossos autores, esse modelo parte de visões unilaterais conformadas pelas experiências dos produtores do material educativo, provenientes de camadas médias urbanas, que freqüentemente se chocam com as expectativas dos usuários dos serviços, muitas vezes infantilizados nos materiais oferecidos, vistos como meros depósitos de conhecimentos – recipientes nos quais os órgãos oficiais depositam suas informações e receitas do que devem fazer –, ou percebidos como espectadores, ao invés de cidadãos críticos.

A ênfase da comunicação, nesse prisma, incide sobre fatores de risco, sobre a cura, ou aspectos individuais e biológicos, desvinculando-os da prevenção, do coletivo e do universo social, político, econômico e cultural, promovendo a 'naturalização' de estados, situações e comportamentos. A transferência de informação ocupa o vértice da ação educativa, enquanto os resultados esperados nessa matriz se voltam para a aprendizagem de atitudes, hábitos e comportamentos 'corretos' muito estreitos e específicos, como

deixar de fumar, aceitar vacinação, desenvolver práticas higiênicas, fazer exames periódicos etc.

A ativação de mecanismos de dominação em práticas educativas é apontada em duas pesquisas: no material analisado, "o apelo ao grotesco, terror, vitimização e 'monstruosidade' dos doentes foram aspectos freqüentes (...). O doente é representado ora como vítima, ora como causador da doença e até mesmo como culpado por tê-la contraído [... potencializando] percepções diversas, podendo reforçar estereótipos e formas de dominação, em vez de contribuir com a educação em saúde". Por outro lado, verificou-se também a tendência de "recolher o conhecimento popular, aparentemente desorganizado e acientífico, para conferir-lhe um princípio de ordem e então 'devolvê-lo' à população". Essa prática "ativa um princípio de dominação que é a imposição de uma ordem através dos princípios de análise e classificação".

Constatações de ordem geral, bastante relevantes, incidem também sobre o desgaste sofrido pelos modelos hegemônicos de representação das doenças e do corpo no campo da educação em saúde, perante a indefinição de um arcabouço teórico que possa nortear as ações preventivas com base em novos modelos, o que é agravado pela escassez de trabalhos acadêmicos voltados para a avaliação de recursos educativos.

Deixando os demais limites discutidos ao longo do livro para a curiosidade do leitor, empenho-me em listar as possibilidades de mudança nas ações de comunicação em saúde sugeridas pelas pesquisas. A mais recorrente, como era de se esperar, é a expectativa de que as contundentes críticas à influência danosa do modelo biomédico hegemônico sobre as tecnologias educacionais venham a fundamentar alternativas que, em sintonia com as demandas dos usuários, possam contribuir para a autonomia na tomada de decisão do público e a transformação da realidade. Uma sugestão prática merece ser citada na íntegra: "Há uma necessidade de materiais que situem a população em relação às políticas públicas, os programas, as rotinas, os procedimentos, muito mais do que sobre comportamentos a serem aprendidos".

Dentre os inúmeros caminhos sugeridos para a produção de tecnologia educativa, as autoras defendem perspectivas transdisciplinares, estreitando a vinculação de saberes produzidos em disciplinas como a antropologia, a comunicação e as artes visuais, que podem, respectivamente, contribuir para re-

fletir a cultura dos educandos e considerar a constituição de sujeitos na modernidade, além de promover a 'desnaturalização', indicando a construção social de fenômenos e comportamentos tidos como biológicos; facilitar a produção de sentidos compartilhados e estimular o debate entre atores sociais, com destaque para o entendimento da comunicação como instância de disputas e negociação de interesses; e produzir imagens bem cuidadas do ponto de vista estético e bem integradas como narrativa, ao invés de meramente justapostas.

Como era de se esperar, devido às áreas disciplinares a que se vinculam as pesquisadoras, uma forte ênfase é colocada na extrema importância de os produtores de tecnologias educacionais perceberem, considerarem e participarem dos diferentes 'contextos de circulação e apropriação' – expressão muito adequada, utilizada num dos artigos –, uma vez que estes são determinantes para os sentidos que as pessoas atribuem aos textos oferecidos.

Que possibilidades de interação com o trabalho pioneiro contido nesta publicação nos são oferecidas? Conforme sabemos – e confirmamos com entusiasmo ao longo deste livro –, nossas percepções, análises de fatos e situações dependem de muitos fatores além da informação recebida: nossas experiências pessoais e profissionais, valores, curso da vida, sexo, aprendizado e conhecimento prévio, preferências, crenças, imaginário, identidade. É justamente dessa perspectiva que mantenho meu diálogo: como pesquisadora envolvida em questões de saúde reprodutiva, militante de movimentos sociais, atuante por muitos anos em serviços públicos de saúde, formada em ciências sociais, tendo investigado a mídia impressa visando interpretar processos de inter-relação ciência/tecnologia e sociedade (CTS) e possuindo como base teórica os "estudos sociais das ciências e da tecnologia" (ESC&T).

Essa proposta construtivista, surgida a partir da década de 1970, tem como principal traço distintivo a afirmação radical da importância dos vínculos estratégicos e associações que cientistas e geradores de tecnologia estabelecem, alistando com muita versatilidade outros atores tidos como de dentro e de fora do mundo das ciências – profissionais de saúde, pacientes, jornalistas, empresários, gestores de políticas públicas, políticos, público em geral, estudantes –, necessários para que C&T sejam produzidos, funcionem, circulem e produzam os resultados por eles esperados.

Os trabalhos, nessa vertente, afastam-se das explicações de estudiosos clássicos sobre a relação entre ciência e sociedade, como Robert Merton e até mesmo Thomas Kuhn, que concedem grande margem de autonomia e privilégios às atividades científicas, em relação à sociedade e a outras atividades humanas, restringindo suas análises aos vínculos e relações sociais estabelecidos no âmbito da comunidade científica, pelos cientistas entre si, bem como a suas condutas e motivações na produção de consensos (paradigmas) e aspectos normativos (imperativos) que resultam de negociações mantidas exclusivamente entre cientistas.

Quero sublinhar, mesmo que de modo esquemático, a diferença entre essas duas vertentes de estudos na percepção da relação entre ciências e sociedade. De um lado, a visão clássica destaca os mecanismos internos vigentes na comunidade científica, as motivações dos praticantes das ciências e as disputas que travam entre si. De outro, os estudos sociais das ciências e da tecnologia promovem a ampliação do panorama da prática científica, de modo a incorporar novos espaços (muito além dos laboratórios e das universidades e centros de pesquisas), incluindo um conjunto diversificado de atores não-cientistas e de interesses que integram a produção da ciência e da tecnologia.

Essa abordagem profana e micro-sociológica estabelece a ênfase na importância da comunicação para a produção e circulação da C&T, tendo por base princípios que podem nos surpreender à primeira vista, como a afirmação de que os principais detentores do grande poder para definir o destino final (sucesso ou fracasso) dos fatos científicos e tecnologias são os usuários finais desses produtos. É justamente por esse motivo que os cientistas e geradores de tecnologia freqüentemente consomem muito mais esforços e recursos para expandir (fazer circular) a ciência e tecnologia do que para produzi-las. Precisam sair das suas comunidades pares (a torre da marfim) para ingressar cada vez mais em novos espaços de comunicação com o público amplo de não especialistas.

Os ESC&T duvidam também das grandes dicotomias, como: ciência e sociedade; saber científico e senso comum; ciência pura (fatos) e aplicada (produtos); e ciência e tecnologia – esta última, a que mais interessa neste diálogo. Uma definição simples e abrangente de tecnologia – um conjunto de instrumentos e/ou procedimentos planejados para a obtenção de uma finalidade desejada, a partir de escolhas entre diversas alternativas, vinculadas a interesses

sociais específicos – permite entender porque C&T não devem ser desmembradas: conhecimento e tecnologia são inertes (não se movem por si), e a tarefa dos construtores de ambos é justamente alistar o interesse de atores, portando um conjunto diversificado de interesses, que contribuam, por meio do uso, da crença e da adesão para que C&T circulem mundo afora.

Esses produtos da ciência e da técnica escapariam ao sistema de complicadas alianças como as que são feitas na política, por exemplo? Seriam eles menos 'sociais'? Claro que não, responderia Bruno Latour: se fôssemos caracterizá-los nesses termos, teríamos de descrevê-los como mais, muito mais 'sociais'. O que acontece, entretanto, é que a expressão 'social', nesse caso, é empregada para designar o caráter 'coletivo', no sentido 'construído através de associações, de alianças entre atores', 'intersubjetivo', tanto mais social um fato e uma máquina quanto maior o número de associações entre diferentes atores para produzi-los e fazer com que circulem. Não se trata de um problema de lógica (de explicar se as tecnologias são bem feitas, a partir de critérios racionais), e sim de 'sócio-lógica', de entender os coletivos envolvidos entre associações mais fortes (elos mais resistentes) e mais fracas.

Essa perspectiva de não descartar os diferentes atores intervenientes no processo também conduz à negação de explicações baseadas em modelos lineares, que separam a produção de ciência de um lado e sua difusão de outro, como se fossem processos diferentes e hierarquizados: um puro, verdadeiro e legítimo, produzido no Olimpo, e outro simplificado, desqualificado, humano e repleto de imprecisões cometidas por jornalistas, sociólogos, historiadores, comunicólogos e leigos que não foram suficientemente iniciados nos rituais do 'verdadeiro e puro saber'.

É com essa bagagem, leve e despretensiosa, que pretendo estabelecer minha interlocução com o conteúdo desta coletânea. Levando em conta o caráter coletivo da produção tecnológica, mediante processo intersubjetivos de negociação de interesses e significados, configurados ao ultrapassar o laboratório para estreitar os limites entre as disciplinas e para construir novos espaços de negociação com o público amplo de não-especialistas, que detêm nada menos que o poder de decretar a vitória ou o fracasso de nossos produtos.

Uma primeira analogia a estabelecer entre essas abordagens e as adotadas neste livro diz respeito às estratégias e táticas que diversos autores do campo

ESC&T (para citar apenas alguns, Bruno Latour, Dorothy Nelkin, Harry Collins e Nelly Oudshorn) relatam ter observado nas comunicações dos cientistas com outros atores, para que estes 'se sintam livres' e, ao mesmo tempo, obedientes: a estratégia de comunicar-se com os aliados de tal forma que eles se percebam nossos interlocutores e, ao mesmo tempo, não tenham como escapar, ou seja, deixando-os fluir livremente, dentro de fronteiras como num vale profundo, isto é, bastante delimitado, para permitir a interlocução sem que possam desviar-se dos nossos objetivos. O limite prático seria atingido quando qualquer discordante das nossas alegações científicas tivesse de confrontar-se não apenas com a opinião de um autor, mas com aquilo que milhares pensaram e escreveram. Se continuasse duvidando, ficaria sozinho, isolado.

Essa perspectiva – da importância da delimitação e da clareza das respostas que os comunicadores esperam de seus interlocutores e vice-versa – revela-se em um exemplo citado neste livro por uma pesquisadora de comunicação: um grupo de pesquisa, ao perguntar a camponeses qual programa de rádio ouviam mais, recebeu como resposta da maioria dos respondentes "a reza do rosário". Surpresos, os pesquisadores não conseguiam entender tal preferência frente a tantos programas educativos e práticos, de informação ou entretenimento e, ao investigar o porquê, receberam a seguinte explicação: "porque é o único programa em que podemos responder. Na reza do rosário eles dizem uma parte da Ave-Maria, e nós respondemos a outra". É o único programa em que eles não falam sozinhos. Segundo a autora, sua pesquisa detectou, com bastante segurança, que os entrevistados percebem claramente a capacidade de interlocução dos meios de comunicação. Ela nos faz lembrar que "nos materiais educativos ainda predomina uma tendência à comunicação unilateral".

Estamos de acordo, primeira dificuldade a vencer: a tendência à comunicação unilateral, que aliás não parece ser característica exclusiva do modelo 'hegemônico', como se depreende das questões que a leitura esta obra instiga.

Para finalizar, quero levantar questões de três diferentes ordens. A primeira refere-se aos vínculos institucionais das 11 responsáveis pela pesquisa e organização desta coletânea. Três delas são mestras em tecnologia educacional em ciências da saúde pelo Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Nutes/CCS/UFRJ) e, depois de concluído o mestrado, mantêm-se ligadas ao Núcleo ou se vinculam a dois

laboratórios de pesquisa na mesma área: Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (Leas/IOC/Fiocruz), Laboratório de Educação em Saúde do Centro de Pesquisas René Rachou (Labes/CPqRR/Fiocruz-MG). Duas fizeram pós-graduação na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz) e agora mantêm vínculo com o Leas da Fiocruz. Outras duas estão vinculadas ao Nutes, enquanto uma comunicadora é pesquisadora do Núcleo de Ensino e Pesquisa do Departamento de Comunicação e Saúde do Centro de Informação Científica e Tecnológica (NEPCOM/DCS/CICT) da Fiocruz.

Tudo isso parece indicar que existem associações fortes entre três núcleos ou laboratórios de pesquisa sobre o tema (Nutes, Leas, Labes), vinculados à UFRJ e à Fiocruz, em dois estados brasileiros. Parece que o grupo integra uma rede com bases institucionais bem estruturadas, além de manter vínculos com o Programa de Saúde Coletiva do IMS/UERJ. Isso já pode ser considerado, como se diz, meio caminho andado para o avanço na produção e avaliação de tecnologia educacional em saúde.

No entanto, é intrigante a falta de médicos e outros profissionais da área biomédica na estrutura mais visível dessa rede. Será possível buscar aliados nessa área? Tomara que sim, porque esses vínculos, embora pouco referidos, poderiam trazer contribuições importantes, inclusive devido ao poder que desfrutam junto aos usuários.

A outra questão, que merece se juntar à constatação da escassez de estudos avaliativos sobre as tecnologias educacionais em saúde, incide sobre nosso desconhecimento (quase) total em relação a nossos usuários finais, dos quais nos mantemos muito afastados. Apenas uma pesquisa sobre recepção é apresentada. As três demais referências à produção coletiva de conhecimento e ao diálogo concentram-se no interior da torre de marfim. Se os teóricos dos ECS&T estiverem certos – e parece que estão –, se o sucesso ou fracasso do saber e das tecnologias que criamos estiverem de fato nas mãos desses usuários, temos de correr atrás dos vínculos e das associações com eles, o que de certo modo contribuirá, em muito, para facilitar o alcance dos objetivos expressos no início desta coletânea. E mais, como saber de que maneira podemos atrair esses interlocutores privilegiados, capazes de jogar uma pá de cal sobre nosso fracasso, sem saber quais são seus interesses? Como podemos

cativá-los, para que contribuam de modo que nossas tecnologias educacionais circulem amplamente?

Desejando a todos uma boa leitura, não resisto à tentação de encerrar citando o parágrafo conclusivo de um dos artigos aqui publicados, que sintetiza o potencial da avaliação das tecnologias de comunicação para a melhoria da qualidade de nossas políticas de saúde, ao dizer: "Materiais educativos são a ponta de um *iceberg*, do imenso *iceberg* dos processos de comunicação que caracterizam a implantação das políticas públicas. Exatamente por isto são um excelente modo de acesso à prática comunicativa das instituições. Nossos materiais refletem a natureza e qualidade da nossa prática comunicativa".

Maria Teresa Citeli

Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), é professora do Departamento de Política Científica e Tecnológica, do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (DPCT/IGE/Unicamp).

Apresentação

A presente coletânea visa estimular a produção de conhecimento na área da educação em saúde bem como divulgar a produção – particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento e avaliação – de tecnologias educacionais, aqui denominadas materiais educativos.[1]

O propósito de produzir reflexões acerca do uso de recursos de natureza educativa emerge da intenção de estimular investigações sobre as práticas de educadores e profissionais de diversas áreas inseridos nos contextos da educação e da saúde. Tal iniciativa almeja estimular uma maior problematização teórico-metodológica nessa área do conhecimento, consistindo em mais uma oportunidade de contribuir para as proposições na área da educação e da promoção da saúde. Entende-se que a organização e a caracterização dos materiais educativos, associados a uma reflexão sobre as repercussões do uso dos mesmos junto à população-alvo da ação, podem trazer novas perspectivas, pouco exploradas no contexto brasileiro, para a área da saúde coletiva.

Os textos aqui reunidos foram desenvolvidos por pesquisadores dedicados a análises conceituais e ao desenvolvimento de estratégias metodológicas relacionadas, direta ou indiretamente, à produção e avaliação do uso de tecnologias educacionais. Buscou-se agregar diferentes olhares disciplinares oriundos dos campos da educação, comunicação, antropologia e saúde coletiva. A heterogeneidade das abordagens presente nos artigos foi pretendida na

[1] São considerados materiais educativos todos os recursos que dão suporte à prática educativa/pedagógica. Identifica-se uma certa inconsistência conceitual do termo, devendo ser considerado, para fins de análise, seu contexto de produção, cujo caráter 'educativo' comumente o identifica e o distingue.

medida em que reflete as múltiplas interfaces que este objeto de investigação e intervenção suscita.

O livro foi organizado em duas partes. A primeira reúne seis artigos. Esta seção se inicia com o texto de Simone Monteiro, Eliane Vargas e Marly Cruz, denominado "Desenvolvimento e Uso de Tecnologias Educacionais no contexto da Aids e da Saúde Reprodutiva: reflexões e perspectivas", que examina o uso de materiais educativos no campo da saúde. Com base na revisão bibliográfica e no levantamento da produção de materiais sobre DST/HIV/Aids e temas afins, somada à análise de seis Anais de Congresso no campo da saúde, as autoras sugerem que as discussões sobre tecnologia educacional não se constituem em objeto de pesquisa específico na área da saúde. As reflexões indicam uma reduzida problematização dos pressupostos que informam o desenvolvimento e uso dos recursos educativos. Assinalam ainda as autoras que as ações e investigações de tecnologias educacionais aplicadas à saúde devem enfrentar o desafio da construção de alternativas para uma visão de caráter instrumental, predominante na produção e análise dos usos dos mesmos.

Em consonância com esta perspectiva, o artigo de Inesita Araújo, "Materiais Educativos e a Produção dos Sentidos na Intervenção Social", apresenta uma pesquisa sobre a recepção de impressos, rádio, vídeo e audiovisuais no meio rural. Seu trabalho tem como objetivo avaliar o modo como os camponeses recebem a comunicação que lhes é destinada pelas organizações que procuram intervir no meio rural. Por meio da pesquisa-ação, o estudo prioriza organizações não-governamentais, destacando a necessidade de as mesmas operarem uma revisão dos seus processos de intervenção. A autora enfatiza, na produção e uso dos materiais, que a habilidade de comunicar está na habilidade de contextualizar. Isto quer dizer que o saber se comunicar, em qualquer tipo de recurso, está relacionado com a capacidade de conseguir perceber e entrar nos variados contextos que constituem cada situação de comunicação.

O artigo "Tecnologia Educacional na Área da Saúde: a produção de vídeos educativos no Nutes/UFRJ", de Vera Helena Siqueira, tem como foco a construção coletiva de materiais audiovisuais no Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (Nutes)/Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CCS/UFRJ), cujo desenvolvimento é mediado por profissionais de diferentes áreas do conhecimento. A autora valoriza a produ-

ção coletiva como uma via que permite efetivas mudanças de visões e comportamentos. Na primeira parte do artigo, são assinalados os momentos de ruptura e de consolidação da história de formação do Nutes, bem como o contexto necessário à compreensão dos atuais investimentos do Núcleo. Segue-se a apresentação dos dados da produção e desenvolvimento de vídeos como um processo coletivo atravessado por negociações diversas, decorrentes dos diferentes campos disciplinares.

No texto "Experiências de Desenvolvimento e Avaliação de Materiais Educativos sobre Saúde: abordagens sócio-históricas e contribuições da antropologia visual", Denise Pimenta, Anita Leandro & Virgínia Schall utilizam referenciais da antropologia visual e do cinema para analisar as representações da leishmaniose presentes em vídeos educativos. Inicialmente, as autoras fazem uma revisão das abordagens e experiências transdisciplinares em educação em saúde, desenvolvidos nos Laboratórios de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e Saúde e Educação do Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR), ambos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), visando fundamentar a relevância do processo de elaboração e avaliação de estratégias educativas em saúde. A análise dos 14 vídeos educativos, presente na segunda parte do texto, corrobora a necessidade de se estabelecer um diálogo entre a saúde e as demais áreas do conhecimento na construção de imagens com finalidade educativa, particularmente o cinema e a antropologia.

O texto "Videoteca da Mulher. Mas afinal, vídeos para quem?", de Clarice Peixoto, também examina a construção e o uso de imagens videográficas. A autora centra-se na análise de 14 vídeos produzidos por organizações não-governamentais dedicadas à abordagem da para sexualidade, saúde feminina, doenças sexualmente transmissíveis, trabalho doméstico e temas afins. A partir das contribuições da antropologia e do cinema, o artigo aborda as imagens produzidas em vídeo educativo e questiona se estas cumprem sua função de estimular o debate sobre os temas e de oferecer subsídios para os projetos educativos/preventivos. O trabalho sugere que os vídeos examinados interessam mais aos seus 'utilizadores' (agentes sociais, pesquisadores...) do que ao receptor/espectador das imagens, ou seja, ao público que se almeja alcançar.

Miriam Struchiner e Taís Giannella abordam as tecnologias de informação e comunicação na formação continuada de recursos humanos em saúde

no artigo "Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Recursos Humanos em Saúde". Recusando a visão de que estes recursos constituem-se em ferramentas consideradas como fins em si mesmos, as autoras sustentam a necessidade de ser adotada uma abordagem inovadora sobre a tecnologia que deve estar a serviço da autonomia, da diversidade cultural, da inclusão tecnológica e da participação ativa dos sujeitos nos processos de desenvolvimento social.

A segunda parte do livro centra-se na descrição e análise do Banco de Materiais do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas), do Departamento de Biologia do IOC,[2] sendo constituída por um texto seguido da listagem de materiais que integram o Banco propriamente dito.

No artigo, denominado "Banco de Materiais: desenvolvimento e estímulo a novas pesquisas", Eliane Vargas e Simone Monteiro descrevem o processo de formação do Banco de Materiais referido, que reúne grande parte da produção nacional de materiais educativos (*folder*/folhetos, manuais, jogos, catálogos e vídeos) produzidos na década de 1990 sobre DST/HIV/Aids e temas afins. Em seguida, apresentam uma análise exploratória a partir da sistematização dos temas e públicos-alvos predominantes nas publicações do Banco. Os dados descritos indicam a importância de se refletir sobre as definições da categoria 'público-alvo', visando à análise das concepções de identidade sociocultural, sexual e de gênero, a elas associadas. Tais dados, ademais, permitem a identificação de lacunas nas abordagens educativas preventivas, como a escassez de ações integradas de prevenção à Aids e saúde reprodutiva.

Em seguida, o leitor tem acesso aos dados catalográficos dos materiais do Banco, constituído por 745 *folders*/folhetos, 334 manuais e 17 jogos produzidos, por vários grupos e instituições.[3] Considerando o grande vo-

---

2 O Banco de Materiais organizado pelo LEAS encontra-se descrito no Consórcio de Informações Sociais (CIS), mantido pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Democratização e Desenvolvimento da Universidade de São Paulo (NAAD-USP) e pela Associação Nacional de Pós-Graduação (ANPOCS) sob o título "Banco de Materiais Educativos sobre DST/Aids e temas afins, 1990-2000" (Org.) Simone Monteiro e Eliane Vargas (Orgs.). Disponível em: <http://www.nadd.prp.usp.br/cis/index.aspx>.

3 Além do acervo do Leas, integram o Banco as publicações do Catálogo do Prisma (Núcleo de Saúde do Adolescente – Nesa/Uerj), do inventário de Materiais Educativos sobre saúde reprodutiva e educação sexual para adolescentes da Fundação Emílio Odebrecht; do Centro de Documentação da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) e do acervo da Secretaria Municipal de Saúde/RJ. Na ficha catalográfica está assinalado a fonte onde cada material foi encontrado.

lume deste tipo de produção e a dispersão que caracteriza sua difusão, tal iniciativa visa disponibilizar aos pesquisadores e profissionais da educação e da saúde uma fonte de recursos e de investigação. Ao reunir e divulgar este conjunto de materiais tem-se a intenção de contribuir para investigações acerca das relações entre a produção, a distribuição, o acesso e o consumo de materiais.

Dito de outro modo, em que pese alguns esforços e iniciativas de bibliotecas e centros de documentação em termos da organização de acervos, é importante salientar a carência de acervos sobre *folders*/folhetos, manuais e *posters*, jogos, entre outros recursos educativos, contraposta a demanda e intensa produção dos mesmos, particularmente na área da saúde sexual e reprodutiva. Nesta direção, a inclusão do Banco de Materiais do Leas nesta coletânea agrega valor como fonte de consulta e pesquisa para as diversas áreas do conhecimento. Além disso, explicita componentes intrínsecos aos materiais, como definição do tema e da população-alvo. O desenvolvimento do Banco de Materiais do Leas consiste, assim, em uma iniciativa de superação de alguns dos obstáculos identificados, qual seja o de reunir um conjunto específico de materiais, classificando-os segundo tipos, temas e públicos-alvos. Particularmente, com relação a este último aspecto, consideramos bastante pertinente um esforço maior de definição das categorias classificatórias devido ao grande debate no campo das ciências sociais no que concerne à constituição da identidade dos sujeitos sociais na modernidade.

Por fim, destaca-se que a presente coletânea é fruto de um mapeamento das iniciativas e lacunas no campo da tecnologia educacional aplicada à saúde que permitiu identificar a convergência de interesses e objetivos, tanto em termos das práticas quanto da produção de conhecimento. As informações produzidas por essas análises corroboram a necessidade de compartilhamento de experiências e difusão da produção nesse campo, bem como a realização de parcerias institucionais no âmbito nacional em diversos contextos.

Acredita-se que por meio da divulgação desta produção seja possível estimular outras indagações sobre quais pressupostos orientam as ações e práticas educativas/preventivas e quais perspectivas teóricas apóiam noções

como 'materiais' e 'recursos' educativos. A partir da análise dos referenciais teóricos que estão na base do desenvolvimento, avaliação e uso de tecnologias educacionais aplicadas à saúde, tais estudos podem oferecer subsídios para o campo da educação e promoção da saúde.

As organizadoras

PARTE I – Reflexões Teórico-Metodológicas

1. Desenvolvimento e Uso de Tecnologias Educacionais no Contexto da Aids e da Saúde Reprodutiva: reflexões e perspectivas[1]

Simone Monteiro, Eliane Vargas & Marly Cruz

No Brasil, grande parcela dos recursos materiais, técnicos e financeiros da Coordenação Nacional de DST e Aids (CN-DST/Aids) tem sido direcionada às políticas de prevenção do HIV/Aids. Um dos componentes primordiais dessas políticas são as ações de Informação, Educação e Comunicação (IEC), que se apóiam, dentre outros, na produção e no uso dos chamados materiais educativos. Por meio desses recursos, objetiva-se difundir informações acerca da transmissão e prevenção do HIV/Aids e promover mudanças comportamentais e de assistência aos portadores do vírus e à população em geral. Dessa forma, tais materiais são considerados recursos que visam subsidiar as ações preventivas.

A partir desse entendimento, observa-se, no âmbito das ações governamentais e não-governamentais, a existência de um conjunto expressivo de materiais educativos, denominados: cartazes, folhetos, manuais, *folders*, cartilhas, vídeos, livros-texto e adesivos (MS, 1999). Estes materiais apresentam conteúdos expressos de forma bastante diversificada e estão dirigidos para grupos específicos (público-alvo), considerados em situação de maior vulnerabilidade para a infecção pelo HIV/Aids. Todavia, os alcances e resultados da utilização desses recursos são em grande medida desconhecidos, tanto por parte de seus produtores quanto dos usuários dos mesmos. Conforme análise da própria CN-DST/Aids (MS, 1998), tais materiais são elaborados, distribuídos, utiliza-

[1] O presente artigo é uma versão atualizada do trabalho: "Educação, comunicação e tecnologia educacional". Cf. Monteiro, Vargas e Cruz (2001).

dos e/ou veiculados sem que se realize um acompanhamento organizado e sistemático, seja de natureza quantitativa ou qualitativa. Assim, mesmo reconhecendo a relevância de tal produção, constata-se a necessidade de se refletir sobre suas qualidades e repercussões, levando em conta o ponto de vista não só dos produtores, mas também dos usuários do amplo acervo de materiais produzidos no âmbito da prevenção das DSTs/Aids.

Tendo em vista o exposto, o presente artigo visa problematizar o uso dos denominados materiais educativos voltados para a epidemia de HIV/Aids e temas afins. Num primeiro momento, objetiva-se indicar possíveis interfaces do uso de materiais que apóiam as ações pedagógicas no campo da saúde, com os campos da tecnologia educacional, da educação e da comunicação. Posteriormente, serão apontadas as iniciativas e lacunas desse tipo de produção, no âmbito nacional, com base no levantamento bibliográfico, listagem de publicações, organização de acervos e produção de materiais, desenvolvidos na década de 1990.

Tecnologia Educacional, Educação, Comunicação e Saúde: quais as interfaces?

Primeiramente é relevante salientar que a prática da educação como fenômeno constitutivo do social é anterior à pedagogia. Isto significa compreender que o pensamento pedagógico, mais recente historicamente, surge com a reflexão sobre a prática da educação a partir da necessidade de organizá-la em função dos objetivos que se quer alcançar (Gadotti, 1995). Com base nesse fato, tem-se que o desenvolvimento das ações educativas antecede as reflexões sobre a prática pedagógica no campo da saúde, consideradas também recentes. No bojo de tais reflexões, emergentes em um campo específico denominado como educação em saúde, vale ressaltar a necessária problematização da relação entre o uso de tecnologias educacionais e as diferentes concepções pedagógico-didáticas subjacentes à sua abordagem.

Convém, desse modo, apontar, mesmo que de forma breve, orientações que norteiam intervenções de natureza educativa no campo da saúde em geral, que informam os contextos de produção e uso de tecnologias educativas em

saúde. Essa indicação visa chamar a atenção para a importância de uma permanente reflexão sobre os fundamentos que definem o modo de se conceber os fenômenos educativos de caráter preventivo, possibilitando uma melhor caracterização das interfaces entre tecnologia, saúde e educação. Para tal, serão utilizadas análises sobre a dimensão educativa/preventiva do trabalho em saúde já amplamente debatidas.

A educação em saúde, em sua história, tem sido marcada no Brasil por diferentes concepções e práticas e também pela centralidade das ações no combate das doenças infecciosas e parasitárias (Vasconcelos, 1999). Sendo determinada histórica e socialmente, pode ser concebida como um "campo de práticas que se dão no nível das relações sociais" estabelecidas entre os profissionais de saúde, as instituições e, sobretudo o usuário no cotidiano das atividades desenvolvidas no serviço de saúde (L´Abbate, 1994). Dentro dessa perspectiva, identifica-se a existência de interfaces entre a população e os serviços de saúde, como os meios de comunicação de massa, e a interação cotidiana com os serviços (Vasconcelos, 1999). Ao privilegiar o uso dos recursos educativos, a presente reflexão se aproxima de tais interfaces na medida em que estes recursos visam subsidiar as ações desenvolvidas no âmbito das interações cotidianas com os usuários dos serviços.

Segundo Stotz (1993) no âmbito da educação em saúde ainda tem prevalecido uma abordagem não crítica da educação com o predomínio de um padrão definido pelo modelo biomédico. A hegemonia do saber biomédico nas práticas de educação em saúde ganha força principalmente no campo da medicina preventiva, por incutir normas e padrões de comportamento com ênfase no indivíduo, formas adequadas de higiene, mudanças de hábitos e atitudes pela via estrita da informação. Todavia, nos anos de 1970, várias críticas são desenvolvidas a partir das restrições ao 'modelo médico', associadas a evidências epidemiológicas sobre as relações entre melhorias de saúde e fatores sociais, comportamentais e ambientais.[2] Como um dos pressupostos dessa perspectiva crítica tem-se a valorização do processo de capacitação dos indivíduos e de grupos para a transformação da realidade em substituição ao pro-

[2] O autor sistematiza os novos enfoques na área da educação em saúde denominados 'educativo', 'preventivo', 'radical' e 'desenvolvimento pessoal'.

cesso de persuasão sobre os riscos de doença e agravo à saúde ou de transferência de informação.

Tendo em vista o enfoque do presente texto, é pertinente citar em que medida as críticas ao modelo biomédico estão presentes nas reflexões acerca das políticas voltadas para o controle da epidemia de HIV/Aids. Vale salientar que no final da segunda década da Aids, nota-se, em termos mundiais, que as restrições às políticas de intervenção hegemônicas (orientadas pela abordagem epidemiológica e comportamental), o aumento de casos e as mudanças no perfil da epidemia, estimularam reformulações no campo da prevenção. Ao fazer um balanço das respostas sociais frente à Aids, Parker (1996) identifica que na década de 1990 houve mudanças nos paradigmas das pesquisas sociais e comportamentais voltadas para o controle da epidemia, como a ênfase na dimensão social, política, econômica e cultural na análise das causas relacionadas à transmissão do HIV. Segundo o autor, gradualmente, as abordagens educativas centradas na informação e na responsabilidade individual foram sendo substituídas por modelos multidimensionais, orientados pela concepção de mobilização comunitária e '*empowerment* coletivo'.

De acordo com essa visão, compreende-se que os esforços para conter a disseminação da epidemia estão relacionados à busca da superação das desigualdades e injustiças sociais, por meio de ações globais integradas. Apenas mudanças na estrutura social, visando à conquista dos direitos básicos de cidadania e da eqüidade de oportunidade dos variados segmentos sociais e do gênero, podem diminuir a exposição ao HIV. O aumento significativo do número de casos de Aids entre as populações de menor poder aquisitivo demonstra que as políticas de prevenção precisam considerar as conexões entre saúde pública, direitos humanos e transformações na estrutura social.

Levando em conta o exposto, *grosso modo*, pode-se dizer que é na crítica ao modelo hegemônico tradicional de abordagem da saúde em geral, e da Aids em particular, que emergem novas perspectivas pedagógicas que conferem privilégio aos espaços coletivos; enfatiza-se a necessidade de reconhecer o caráter histórico e os condicionantes sociais, políticos e econômicos do processo saúde/doença e propõe-se a formação de uma consciência crítica voltada para a transformação da realidade social. É nesse contexto que as técnicas pedagógicas e a 'tecnologia educacional' aplicada à saúde têm sido utilizadas com vistas à

disseminação de conhecimentos sobre a saúde e a doença em contexto educativo. Resta saber em que medida sua utilização vem sendo acompanhada de uma reflexão conceitual relacionada ao campo da tecnologia educacional.

Isto posto, inicialmente interessa situar essa reflexão no conjunto de orientações que fundamentam a teoria da comunicação e da tecnologia educacional, dado a existência de interfaces entre esses campos e as ações de natureza educativa. Pretende-se, desta forma, enfatizar a dimensão comunicativa do processo educativo que envolve o uso de tecnologias com base nos problemas de comunicação entre os diferentes atores sociais envolvidos nas ações de educação em saúde (Heilborn & Gouveia 1997; Villela, 1996; Assis, 1992; Oshiro, 1988). Tal perspectiva se sustenta no pressuposto da existência de mediações culturais no processo de recepção de mensagens por grupos e/ou sujeitos sociais. Nesta vertente teórica,[3] compreende-se a recepção de mensagens como lugar de produção de sentido (Martín-Barbero, 1995). Isto significa conceber o receptor, em relação às mensagens que lhes são destinadas, como um leitor com capacidade interpretativa e cuja relação com o texto, de natureza simbólica, encontra-se delimitada pelo estoque cultural e pela posição que cada usuário ocupa no cenário social que conformam, em parte, sua subjetividade. Identifica-se que esse recorte analítico encontra ressonância nas críticas à prevalência da influência do modelo biomédico hegemônico nas ações curativas/preventivas no campo da saúde, já anteriormente apontadas. Dito de outro modo, a ênfase na dimensão comunicativa das ações de educação em saúde pode contribuir para as discussões dos limites dos modelos de intervenção na promoção da saúde, podendo iluminar a construção de alternativas neste campo (Vargas et al., 2000; Abrasco, 1992).

A partir dessas considerações, interessa contextualizar, em linhas gerais, as principais orientações presentes nos campos da comunicação e da tecnologia educacional as diversas mudanças de enfoque ao longo do tempo. Com relação à comunicação, Bodernave (1998) indica que as orientações podem voltar-se: a) às análises de conteúdo, isto é, à própria idéia independente do seu alcance em termos do número de pessoas; b) à importância atribuída aos signos, neste caso a ênfase recai na compreensão das palavras e signos inde-

[3] Tal vertente refere-se à trajetória latino-americana da pesquisa em comunicação. Ver Melo (1985); Lopes (1994); Martín-Barbero (1995); Neto (1995) e Orozco & Jacks (1993).

pendente de seu conteúdo; c) aos meios e seus efeitos em termos de seu alcance devido aos avanços tecnológicos (*mass media*); d) à difusão de inovações ('transferência de tecnologia'), seja para a transmissão de informação ou para um melhor conhecimento das funções da comunicação. Esta última orientação comporta um desdobramento interessante, pois, ao levar à 'descoberta do receptor', ressalta a influência da estrutura de classes sobre os fluxos de comunicação. Tem-se ainda a orientação para a mudança social, que privilegia o papel da comunicação na transformação social.[4] Em torno dessa orientação reúnem-se os trabalhos que abordam a dimensão comunicativa da educação no contexto da mudança social, como os estudos de Paulo Freire.

No que se refere à definição de tecnologia educacional, Candau (1980) assinala a existência de várias possibilidades de conceituação[5] que operam diferenças nas maneiras de se refletir sobre as relações entre educação/mudança social e tecnologia/mudança social, consideradas por ela como centrais nessa discussão. Assim, a autora propõe reunir os conceitos de tecnologia educacional em três eixos. O primeiro focaliza os vários meios de auxílio ao ensino, tendendo a se preocupar mais com os efeitos dos equipamentos e das técnicas do que com as diferenças individuais ou a seleção de conteúdo instrucional. Nesta visão, a tecnologia educacional está voltada prioritariamente para os aspectos da eficiência interna, quais sejam: a melhoria do processo, a transmissão do conteúdo educativo e a técnica. Sua contribuição é poder ampliar um determinado tipo de educação, tornando-a acessível ao maior número de pessoas. O segundo eixo centra-se no processo, o que parece ser o conceito mais difundido. Nesta direção, a tecnologia educacional é vista como uma forma sistemática de planejar, implementar e avaliar o processo total de aprendizagem, sendo priorizados o problema da efetividade desse processo e a utilização da abordagem sistêmica. Já o terceiro eixo se insere na linha de uma estratégia de inovação, não somente numa perspectiva de eficiência interna do sistema, mas também de eficácia social da tecnologia educacional, considerando sua relevância social na mudança da sociedade.

[4] Convém destacar que as orientações descritas, embora ordenadas de forma separada, coexistiram em uma mesma época e foram complementares.

[5] Torna-se relevante ponderar que a tecnologia educacional não é um conceito homogêneo e universalmente aceito dentro de uma única perspectiva. Diferentes definições podem ser encontradas na produção acadêmica neste campo. Ver Siqueira (1998); Amorim (1998) e Stone (1981).

Já Litwin (1997) problematiza as tendências da pesquisa no campo da tecnologia educacional por meio de um outro ângulo. A autora parte da definição de tecnologia como um "corpo de conhecimentos baseado nas disciplinas científicas referidas às práticas de ensino (...)". Tal definição permite inscrevê-la nos problemas teóricos do ensino e

> recuperar sua particular visão ao incorporar os desenvolvimentos atuais, tanto no que concerne a outras disciplinas científicas que tiveram um forte impacto em sua origem e crescimento (como as teorias comunicacionais e da aprendizagem) como nos trabalhos eminentemente tecnológicos, enquanto se referem a meios para o ensino. (Litwin, 1997: 112)

Esse caminho pode permitir um melhor discernimento sobre as limitações atribuídas à tecnologia, que muitas vezes não lhes são intrínsecas, mas oriundas dos próprios enfoques teóricos adotados na sua abordagem.

Vale salientar que tais tendências encontram paralelos com as orientações presentes no campo da comunicação. A orientação para a mudança social pode ser um exemplo interessante das aproximações das proposições do campo da comunicação com as formulações conceituais que estruturam o campo da tecnologia educacional. Tal similaridade parece indicar a marca do ponto de vista das ciências que consolidaram esses campos. É sabido que, classicamente, as propostas de tecnologia educacional se apoiaram na confluência de três ciências sociais: a teoria da comunicação, a psicologia da aprendizagem e a teoria sistêmica. Por sua vez, a comunicação, como ciência social, é resultante de outras ciências como a psicologia, a sociologia, a psicologia social, a antropologia e a ciência política (Bodernave, 1998). Assim, ressalta-se que os diferentes objetos de investigação, recortados a partir desses campos específicos, incluindo-se aqui o da educação, são inseridos numa problemática situada, dentre outras, no interior das ciências sociais.

A tentativa de estabelecer conexões entre os campos da educação em saúde, da comunicação e da tecnologia educacional teve como propósito estimular uma reflexão conceitual que subsidie o desenvolvimento e uso dos materiais educativos em geral, e da saúde em particular. Ainda que este não seja o foco central do presente trabalho, as interfaces assinaladas entre estas áreas do conhecimento revelam seu potencial para estudos futuros.

Passamos então, à discussão sobre iniciativas e análises da produção dos chamados materiais educativos voltados para a prevenção do HIV/Aids e temas afins.

Materiais Educativos sobre DST/HIV/Aids: iniciativas e lacunas

Com objetivo de identificar reflexões sobre o uso da 'tecnologia educacional' aplicada à saúde, especialmente à prevenção do HIV/Aids na realidade brasileira, realizou-se uma revisão bibliográfica nas bases de dados disponíveis na Bireme (Medline e Lilacs), nas bibliotecas da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Fiocruz) e da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bem como nos trabalhos apresentados em anais de congressos recentes sobre saúde, Aids e saúde coletiva.[6] De forma complementar, foram consultadas publicações (boletins, catálogos etc..) do banco de materiais do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), somados a contatos pessoais com pesquisadores do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (Nutes/CCS/UFRJ) e do Núcleo de Saúde do Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Nesa/Uerj).

A análise da revisão bibliográfica indicou iniciativas e lacunas, que devem ser destacadas. Nesta perspectiva, convém mencionar o pioneirismo do Nutes no desenvolvimento de tecnologia educacional em saúde no contexto do ensino superior, desde o início da década de 70 (Sá, Siqueira e Marteleto, 1999; Siqueira, 1998). Atualmente, o Nutes tem ampliado essa discussão por meio de pesquisas e da pós-graduação tornando-se um importante núcleo interdisciplinar que se propõe a pensar o campo da tecnologia educacional como abordado no artigo de Vera Siqueira (nesta coletânea).

Com relação a pesquisas sobre desenvolvimento e avaliação de recursos educativos em saúde, cabe citar a experiência do Leas na produção de livros

[6] Foram consultados os anais dos seguintes congressos: I Congresso Brasileiro de Prevenção das DST/Aids (1997), III Congresso Brasileiro de Prevenção em DST/Aids (1999), II Congresso Brasileiro de Ciências Sociais em Saúde (1999), VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva (2000), I Fórum e II Conferência de Cooperação Técnica Horizontal da América Latina e do Caribe em HIV/Aids e DST (2000) e VII Encontro "Perspectivas do Ensino de Biologia" (2000).

sobre a prevenção de doenças (Schall, 1996) e de jogos educativos sobre a prevenção do HIV/Aids e do uso indevido de drogas (Monteiro, Rebello & Schall, 1994). A partir de uma visão crítica dos modelos preventivos hegemônicos, tais recursos priorizam a interatividade, a troca de idéias entre os participantes e a reflexão em torno das temáticas abordadas, fomentando debates acerca das dimensões social, econômica e simbólica desses fenômenos no interior da prática pedagógica. Além de produzir recursos educativos em saúde, o Leas propõe uma metodologia de criação dos mesmos (Monteiro & Rebello, 2000) e realiza investigações sobre as repercussões do uso desses materiais junto aos usuários em contextos educativos (Schall et al., 1999; Vargas, Rebello & Monteiro, 1999; Rebello, Monteiro & Vargas, 2001). O Banco de Materiais Educativos, que reúne um acervo de publicações (folhetos, manuais, catálogos etc.), também resulta dos investimentos do Leas na área de pesquisas sobre tecnologias educacionais aplicadas à saúde[7].

Devem ser destacadas ainda como iniciativas relevantes as reflexões sobre práticas educativas e de prevenção do HIV/Aids desenvolvidas no Instituto de Medicina Social da Universidade de São Paulo (USP) (Aires, 2002), que apóiam as análises sobre materiais educativos; bem como a preocupação do Núcleo de Antropologia do Corpo e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Nupacs/UFRGS)[8] em produzir recursos educativos, especialmente voltados para a saúde reprodutiva, mais afinados com as demandas dos usuários.

Uma outra linha de investigação voltada para a interface entre saúde e tecnologia educacional foi desenvolvida pelo Nesa/Uerj. Por meio do Projeto Prisma foi elaborada uma avaliação qualitativa de materiais relativos à sexualidade e saúde reprodutiva (Barros, 1999). A partir de grupos focais com adolescentes, de oficinas interativas e uso de questionários com profissionais de saúde e educação (de instituições governamentais e não-governamentais), os autores observaram a expressiva dificuldade dos referidos profissionais na avaliação dos recursos educativos (vídeos, cartilhas, folhetos, livros e jogos).

---

7 O processo de elaboração do Banco encontra-se descrito na segunda parte da presente coletânea.

8 A partir de grupos de discussões com populações com características semelhantes, profissionais da universidade orientaram e estimularam pessoas de uma comunidade de baixa renda para a criação de produtos lúdicos e acessíveis ao grupo, capazes de gerar uma identificação. Foram produzidos vídeos, músicas e fotonovelas onde são utilizadas imagens de pessoas das comunidades.

Dentre os resultados do estudo, assinala-se que os materiais/meios são considerados facilitadores da abordagem do tema sexualidade e saúde reprodutiva, e que a avaliação de materiais ainda é vista como uma atividade individual (de 'foro íntimo'), não sendo incorporada pela instituição como parte de um planejamento de ação. As iniciativas de avaliação são escassas e restritas à comparação de resultados obtidos e esperados, ao desempenho/nota ou ao número de atividades/consultas realizadas em determinado período. Ademais, foi também identificada a existência de um grande número de materiais sobre DST/Aids, cujo enfoque não contempla a integralidade dos temas sexualidade, gênero, saúde reprodutiva, família, e outros aspectos que interferem na vulnerabilidade individual e social dos adolescentes as DST/HIV/Aids. Como desdobramento do projeto, foi publicado o *Catálogo Projeto Prisma Região Sudeste* que descreve a metodologia de avaliação criada e traz uma lista ampla e diversificada do acervo de recursos educativos.

Dado que a sistematização de publicações sobre DST/Aids produz fontes de consulta para o planejamento de intervenções e o desenvolvimento de pesquisas, é importante citar iniciativas nesta direção para além do Banco do Leas e do Catálogo do Projeto Prisma. Na década de 1990 foi editado: 1) o inventário de materiais educativos sobre saúde reprodutiva e educação sexual para adolescentes da Fundação Emílio Odebrecht (1994); 2) o catálogo de ações, produtos e serviços em DST/Aids no local de trabalho, produzido pela CN-DST/Aids (MS, 1997) e 3) o catálogo de organizações comunitárias com centros de documentação em HIV/Aids, editado pela Abia (Abia, 1998). Embora existam particularidades na estruturação dessas listagens, há uma preocupação comum em divulgar as publicações editadas, especificando o título, autor(a), editor, local/ano de publicação, público-alvo, assunto principal e resumo da obra. Deve ser salientado que o livro *Como Montar um Centro de Documentação: democratização, organização e acesso ao conhecimento* (Lopes & Pimenta, 2003) visa estimular ações nesta direção.

Em termos de publicações de divulgação científica, identifica-se um dos números do *Boletim Ação Anti-Aids* (Healthlink Worldwide & Abia, 1998) voltado especificamente para a elaboração de materiais educativos. Com o objetivo de divulgar procedimentos e experiências acerca da epidemia de HIV/Aids, tal boletim descreve os princípios que norteiam o desenvolvimento de

recursos pedagógicos sobre DST/Aids, oferece orientações sobre o planejamento, conteúdo, avaliação e adaptação do material e descreve experiências de produção e utilização de recursos, suscitando diversas indagações aos educadores acerca dessas temáticas.

Se considerarmos os investimentos nas ações de Informação, Educação e Comunicação (IEC) expressos, dentre outros, na produção e no uso dos chamados materiais educativos, pode-se dizer que as análises acerca da qualidade e repercussão dessa produção ainda são pontuais. Corroboram com esse ponto de vista as conclusões de Araújo (2000). Por meio de um levantamento bibliográfico sobre Aids, prevenção e avaliação, nas bases de dados da Bireme, nas bibliotecas da Abia, Ensp/Fiocruz, IMS/Uerj e nos anais recentes de três congressos brasileiros de prevenção de DST/Aids, a autora revela que as temáticas mais recorrentes foram educação em saúde e avaliação de serviço. Do total de 153 referências destacadas, no período de 1986-2000, apenas três se referiam a avaliações de material educativo.

Todavia, é importante considerar a valorização do tema materiais educativos em congressos recentes na área da saúde. Nos Anais do III Congresso Brasileiro de Prevenção das DSTs/Aids consta o tópico "Materiais Educativos" como modalidade de apresentação de trabalhos. Ademais, o levantamento nos anais de congressos recentes na área da saúde coletiva, descritos na nota 6, atestou a presença expressiva dessa temática. Do universo de 50 resumos encontrados, 23 são do III Congresso Brasileiro de Prevenção das DST/Aids; 1 do II Congresso de Prevenção de DST/Aids; do VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva; 15 do Fórum 2000; 1 do II Congresso Brasileiro de Ciências Sociais em Saúde e 1 do VII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia.

Com o objetivo de identificar de que forma tais trabalhos têm contribuído para as discussões sobre o uso de tecnologias educacionais aplicadas à saúde, buscamos caracterizar os resumos encontrados nos anais quanto: ao contexto do estudo/ação, ao tipo de material citado, ao tema, ao público-alvo, aos objetivos e à metodologia. Devem ser observadas algumas limitações do *corpus* analisado, dado que descrições sumárias nem sempre revelam a amplitude do trabalho.

Em sua maioria, os resumos voltam-se prioritariamente para os contextos da saúde (do nível local e central) e do ensino escolar, seguido de ações na

comunidade e instituições penais. Quanto ao tipo, foi mencionada uma grande diversidade de materiais produzidos e/ou utilizados, tais como: adesivos, álbuns seriados, boletins, cartazes, cartilhas, catálogos, CDs de música, CD-Rom, curtas-metragens, *folders*, folhetos, jornais, livros, manuais, 'materiais instrucionais', painéis e *baners*; 'perguntas e respostas ilustradas', jogo e vídeo. Estes dois últimos foram os mais citados. Muitas vezes, os materiais são organizados em *kits*, que, segundo a descrição dos estudos, consistem na reunião de alguns dos recursos citados, utilizados em eventos de saúde (por exemplo, campanhas, dia internacional da Aids, dia Internacional da Mulher etc.). Salienta-se a expressiva variedade de tipos sem que haja uma referência quanto à relação entre a especificidade de cada recurso e os objetivos propostos. É pertinente assinalar que outros estudos já apontaram para as particularidades das estratégias educativas, como o caráter interativo dos jogos (Rouco, 1999; Cortes, 1999; Schall et al., 1999) e o potencial dos vídeos educativos na identificação do público com o tema abordado (Vargas & Siqueira, 1999).

Embora prevaleça nos estudos o uso do termo material educativo, foram encontradas outras denominações, quais sejam: recurso educativo (e de comunicação), material de apoio, material informativo, instrumento comunicacional, recurso/material audiovisual, material instrucional, recurso educativo. Tendo em vista que na base do desenvolvimento e uso dos materiais, encontra-se sempre um determinado referencial teórico educacional, nem sempre explicitado ou aprofundado, tal diversidade pode indicar possíveis variações dos fundamentos educacionais que apóiam o uso desses materiais.

A análise sobre o público-alvo dos materiais educativos foi norteada pelas categorias usualmente utilizadas na definição da população para qual são destinas as mensagens educativas/preventivas. A categoria 'adolescente' foi a mais recorrente nos resumos analisados. Observou-se também uma grande concentração de recursos para a 'população em geral', seguida de materiais voltados para 'profissionais de saúde e educação' e 'mulheres'. Em proporção reduzida foram identificadas demais categorias que indicam uma maior especificidade relativa à identidade sociocultural, profissional e ao contexto social, tais como: 'agentes de saúde', 'animadores culturais', 'jovens infratores', 'gestantes', 'crianças' e 'travestis'. Pode-se aproximar tais resultados da análise

do acervo do banco do Leas (Vargas et al., 2002), onde se observou nos materiais do tipo *folheto/folder* um predomínio de recursos voltados para a 'população geral', seguido das categorias 'adolescentes' e 'mulheres'. Os manuais estão dirigidos principalmente ao 'profissional de saúde', seguido da 'população geral' e dos 'adolescentes'. Ainda que pertencentes a universos diferentes, esses resultados denotam a relevância de determinados grupos da população no que concerne aos investimentos em ações preventivas, como é o caso dos adolescentes e das mulheres. Assim, aponta para a expressividade de um conjunto de materiais voltados para um grupo denominado 'população geral' tão inespecífico quanto pouco definido. Ressalta-se aqui a importância de se debruçar sobre este conjunto que pode estar agregando tanto materiais que abordam temas comuns a diversos grupos quanto aqueles que não são claros em relação aos seus objetivos dificultando o trabalho de classificação. Nesse sentido, apenas uma análise mais minuciosa desse conjunto permitiria resultados mais conclusivos.

Vale acrescentar que o argumento da escassez de materiais de prevenção que contemplem a especificidade de uma população ou grupo é recorrente nos resumos. Entretanto, como já citado, tal afirmação não se encontra fundamentada em levantamentos prévios. Além disso, não existe uma explicitação do que seja a 'especificidade da população ou grupo' e/ou uma justificativa acerca da necessidade dessa adequação.

A caracterização dos temas teve por base as designações dos conteúdos dos materiais tratados nos resumos. Tendo em vista o reconhecimento da relevância de uma abordagem integrada dos assuntos DSTs/Aids, sexualidade e saúde reprodutiva e temas afins nos programas e proposições educativas (Diniz & Vilella, 1999; Monteiro, Vargas & Rebello, 2003; [9] Barros, 1999),[10] procuramos observar quais temáticas foram privilegiadas nos materiais. Não foi surpreendente constatar a recorrência do assunto prevenção do DST/

[9] A partir da avaliação do "Jogo da onda", sobre o uso indevido de drogas, Monteiro, Vargas e Rebello (2003) propõem a incorporação de novos conteúdos, principalmente sobre saúde reprodutiva e relações de gênero, nas edições futuras do material.

[10] Ao analisar o processo de avaliação de materiais para adolescentes sobre sexualidade e saúde reprodutiva, Barros et al. (1999) indicam, por sua vez, a necessidade de uma maior incorporação do tema Aids nos respectivos materiais.

HIV/Aids tendo em vista o enfoque dos congressos analisados. Em contrapartida, chamou atenção a presença de temáticas afins ao controle da epidemia HIV/Aids como sexualidade e saúde reprodutiva. Em menor proporção, foram explicitados recortes específicos, como relações de gênero, contextos de violência, uso de drogas, religião e morte. Tal amplitude pode ser considerada um avanço, haja vista a importância de serem incorporadas nas estratégias de prevenção as interfaces entre os inúmeros componentes determinantes das condições de vulnerabilidade ao HIV/Aids. A atual diversidade de situações no processo de difusão da epidemia de HIV/Aids traz à tona a necessidade de modelos preventivos mais complexos.

Existe uma recomendação por parte da organização dos congressos de que os resumos contenham os objetivos dos trabalhos. Assim, na análise dos objetivos dos resumos em foco, buscamos discernir visões mais amplas referentes ao controle da epidemia, caracterizadas pela divulgação de informações e mudanças comportamentais, em contraposição a outras perspectivas específicas, centradas em proposições mais precisas.

O primeiro caso reúne os objetivos relacionados à difusão de informação e conscientização, ao incremento de ações de intervenção e ao estímulo à adoção de comportamento preventivo, o que incluiu, em alguns casos, a promoção da auto-estima. A segunda perspectiva, que aparece em menor proporção, agrega proposições relativas à construção de modelos de avaliação, à elaboração de programas educativos e/ou de materiais, à reflexão do uso de recursos educativos e de comunicação, ao fomento ao diálogo entre pais, educadores e alunos, à 'preparação do professor para uma leitura crítica da imagem', à análise das representações da Aids nos livros didáticos, ao subsídio a adolescentes agentes de saúde, à mobilização comunitária e à diminuição da transmissão vertical.

Pode-se observar, em parte dos objetivos descritos, uma valorização da transmissão da informação como vértice da ação educativa. Tal indício revela a presença do pressuposto de que as pessoas, ao receberem as informações, respondem com escolhas racionais e igualmente objetivas. Todavia, é pertinente registrar críticas a essa perspectiva por meio de referências à importância do contexto sociocultural para as mudanças de comportamento e redução dos riscos de exposição ao HIV.

Como nos objetivos, os congressos recomendam a descrição da metodologia nos resumos dos trabalhos. No conjunto analisado foram identificadas duas abordagens metodológicas prevalentes. Uma dirigida para o desenvolvimento e/ou avaliação de materiais e a outra voltada para o uso dos recursos em variados contextos e populações, visando a uma ação de intervenção.

Aqueles que se encontram no primeiro grupo indicam uma maior preocupação com a definição das estratégias metodológicas, expressa pela caracterização do universo do estudo, da revisão bibliográfica e da definição da amostra. Ademais, há menções ao uso de categorias de análise e de técnicas de pesquisa, tais como questionário, grupos focais, entrevistas e observações. Parte dos trabalhos usa o próprio recurso educativo como recurso metodológico. No segundo grupo, identifica-se uma maior variedade e menor precisão dos procedimentos metodológicos utilizados. Foram mencionadas palestras, oficinas, vídeos, distribuição de materiais diversos, grupo de salas de espera, entre outros.

No cômputo geral, há muitas denominações para indicação da opção metodológica – quais sejam: metodologia participativa, metodologia qualitativa, pesquisa qualitativa (de opiniões), avaliação etnográfica, pesquisa de conteúdo, estudos textuais, abordagem qualitativa –, mas nem sempre tais denominações traduzem os objetivos do trabalho. Alguns poucos mencionam a combinação de estratégias qualitativas e quantitativas.

Por fim, em que pese os limites em se estabelecer no resumo de um trabalho a correlação entre os fundamentos, os objetivos e a metodologia, de um modo geral, percebe-se que os textos não explicitam sobre qual perspectiva teórica se assentam suas formulações. Com algumas exceções, não foram informadas as concepções relativas aos campos da educação, comunicação, tecnologia educacional e da saúde, em especial à saúde sexual e reprodutiva, que orientam as ações de IEC. Corrobora este ponto de vista a afirmação em alguns resumos da necessidade de produção de materiais educativos devido à carência nessa área, sem que seja mencionada a realização de um levantamento prévio que fundamente tal afirmação. Soma-se a este fato a existência de uma vasta produção de materiais, de variados tipos, temas e públicos informados pelos acervos já anteriormente indicados e que serão posteriormente apresentados na segunda parte da presente coletânea.

Constatações e Sugestões de Novos Olhares

Um dos objetivos do presente estudo foi o de enfatizar a necessidade de uma reflexão conceitual sobre a utilização dos chamados materiais educativos na área da saúde, visto que o desenvolvimento e uso de tais recursos se encontram sempre apoiados num determinado referencial teórico educacional, nem sempre explicitado. Com este propósito, buscou-se caracterizar as possíveis interfaces de tal tema com o campo da tecnologia educacional. Tal empreendimento permitiu constatar que as discussões sobre tecnologia educacional estruturam-se, predominantemente, a partir de áreas do conhecimento, como a da educação e da comunicação, não se constituindo como objeto de pesquisa específico no campo da saúde. A escassez de artigos científicos, identificados na revisão bibliográfica acerca dessa temática, sugere que os conceitos originados nessas áreas do conhecimento são aplicados ao campo da saúde sem uma devida reflexão sobre os problemas advindos dessa incorporação. Dito de outra forma, pouco se tem avançado teoricamente nas análises sobre a produção e o uso de recursos educativos e suas relações com as concepções educativas preventivas.

Isto não significa dizer que não existam iniciativas nesta área. Os estudos e proposições acerca do uso de materiais educativos encontram-se publicados em anais de congressos e edições de divulgação científica, conforme demonstrado pelo levantamento descrito anteriormente. Tendo como autores profissionais da saúde, da educação e de ONGs, inseridos mais em contextos de intervenção educativa do que de reflexão acadêmica, seus trabalhos tendem a ser divulgados, na maioria dos casos, nos fóruns mencionados.

Com base no exposto, conclui-se que o presente trabalho converge com os argumentos de Camargo Jr. (1999) no que tange aos problemas inerentes à produção e ao uso de materiais educativos em saúde. A partir da análise das diretrizes da lógica geral das atividades de prevenção a cargo da CN-DST e Aids[11] e projetos prioritários, o autor chama a atenção para a indefinição de um arcabouço teórico-metodológico que fundamente as práticas de preven-

[11] Foram identificadas as seguintes atividades: mudanças de comportamento, modelos de intervenção segundo os diversos grupos populacionais, trabalhos de intervenção centrados no *peer education* e *outreach work*, fortalecimento de redes sociais, parcerias com organizações da sociedade civil, entre outros.

ção do HIV/Aids. Nesta direção, sugere que um dos grandes problemas da área de IEC refere-se à dificuldade do acompanhamento do material produzido. A ocorrência de produções redundantes em algum grau, como folhetos variados abordando os mesmos temas da mesma forma, também é assinalada.

As implicações da falta de articulação entre uma sistematização teórico-metodológica e os chamados materiais educativos usados como suporte das ações educativas também foram evidenciadas por Vargas e Siqueira (1999). Na revisão bibliográfica sobre os denominados vídeos educativos, as autoras não encontraram estudos que abordassem a temática do corpo e da sexualidade, apesar da vasta produção de vídeos educativos de organizações não-governamentais e organizações governamentais voltados para a prevenção do HIV/Aids.

Embora não tenha estudado especificamente o problema da Aids, Lèfevre (1980) contribui para a discussão em foco, ao afirmar que somente conteúdos que reflitam de perto a cultura dos educandos têm possibilidades de provocar nestes mudanças de comportamento. Por meio do trabalho de pesquisa sobre os cartazes dos escolares a respeito da esquistossomose, o autor pôde identificar que a abordagem escolar acerca desta temática não levou em conta as experiências de vida e valores dos estudantes. Seu estudo indica ser possível realizar uma avaliação indireta de programas de educação em saúde através de materiais educativos.

Depreende-se dos trabalhos analisados que a percepção dos materiais educativos como elementos facilitadores da prática educativa/pedagógica é recorrente no campo da educação em saúde. No entanto, essa valorização parece não ser acompanhada de uma clareza e problematização dos pressupostos que informam o desenvolvimento e uso desses recursos. Pondera-se que as ações e investigações de tecnologias educacionais aplicadas à saúde devem enfrentar o desafio de construir alternativas a uma visão de caráter instrumental, predominante na produção e análise dos usos dos recursos educativos. Concebendo tais materiais como produtos culturais e de comunicação, destaca-se, como uma das vias de análise, a compreensão de que no uso de tecnologias educacionais estão implicados não somente conteúdos e/ou formas, mas, dentre outros, elementos estruturantes da identidade social (atributos de classificação do sujeito, tais como, estratificação social, idade, gênero

etc.). Em suma, em que pese o desafio das práticas de intervenção e/ou de pesquisa nesta área, aponta-se ser necessário avançar na identificação das concepções teóricas que as norteiam.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). *Comunicação Social em saúde: diagnóstico preliminar das práticas institucionais na saúde e contribuições para o delineamento de uma política*. Rio de Janeiro, 1992. (Mimeo.)

AMORIM, A. C. R. Quais os caminhos a trilhar na discussão da tecnologia educacional no âmbito das escolas? *Revista Tecnologia Educacional*, Ano XXVI, 26(141): 41-45, abr.-jun., 1998.

ARAÚJO, C. L. F. *Avaliação das Ações de Prevenção em DST/Aids no Brasil: um levantamento bibliográfico*. Rio de Janeiro: Abia, 2000. (Coleção Abia– Fundamentos de Avaliação, n. 3 – Mimeo.)

ASSIS, M. *Da Hipertensão à Vida: por uma práxis comunicativa na educação e saúde*, 1992. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Preventiva e Social (IMS/Uerj).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA). *Catálogo de Organizações Comunitárias com Centros de Documentações*. Rio de Janeiro: Abia, 1998.

AYRES, J. R. C. M. Práticas educativas e prevenção de HIV/Aids: lições aprendidas e desafios atuais. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 6(11): 11-24, 2002.

BARROS , C. R. P. *Catálogo Projeto Prisma: região Sudeste*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos de Saúde do Adolescente (Nessa/Uerj), 1999.

BODERNAVE, J. E. D. *Além dos Meios e Mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAMARGO JR. K. R. Políticas públicas e prevenção em HIV/Aids. In: PARKER, R. & GALVÃO, J. & BRESSON, M. (Orgs.) *Saúde, Desenvolvimento e Política: respostas frente à Aids no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

CANDAU, V. *Tecnologia Educacional e Mudança Social*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. (Mimeo.)

CORTES, B. A. O jogo da onda: um convite ao diálogo. *História, Ciências, Saúde,* V(3): 762-765, 1999.

DINIZ, S. & VILELLA, W. Interfaces entre os programas de DST/Aids e saúde reprodutiva: o caso brasileiro. In: PARKER, R.; GALVÃO, J. & BRESSON,

M. (Orgs.) *Saúde, Desenvolvimento e Política: respostas frente à Aids no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

GADOTTI, M. *História das Idéias Pedagógicas*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1995.

HEALTHLINK WORLDWIDE & ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA). *Boletim Internacional sobre Prevenção e Assistência à Aids – Ação Anti-Aids*. Rio de Janeiro: Healthlink Worldwide/ Abia, 1998.

HEILBORN, M. L. & GOUVEIA P. F. Classes trabalhadoras, mulheres e sexualidade no contexto da Aids. Rio de Janeiro: Seminário "Saúde Reprodutiva e Aids"/Abia, 1997.

L'ABBATE, S. Educação em saúde: uma nova abordagem. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(4): 481-490, 1994.

LEFÈVRE, F. Análises de cartazes sobre esquistossomose elaborados por escolares. *Revista de Saúde Pública*, 14: 396-403, 1980.

LITWIN, E. *Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOPES, A. & PIMENTA, C. (Orgs.) *Como Montar um Centro de Documentação: democratização, organização e acesso ao conhecimento*. Rio de Janeiro: Abia, 2003.

LOPES, M. V. *Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

MARTÍN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUZA, M. W. (Org.) *Sujeito: o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense/Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, 1995.

MELO, J. M. *Comunicação: teoria e política*. São Paulo: Summus, 1985.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). *Catálogo de Ações, Produtos e Serviços em DST/ Aids no Local de Trabalho*. Brasília: Coordenação de DST e Aids, 1997.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). *Guia de Produção e Uso de Materiais Educativos*. Brasília: Coordenação Nacional de DST e Aids, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). *A Resposta Brasileira ao HIV/Aids – experiências exemplares*. Brasília: Coordenação Nacional de DST/Aids, 1999.

MONTEIRO, S. & REBELLO, S. Prevenção do HIV/Aids e do uso indevido de drogas: desenvolvimento e avaliação de jogos educativos. In: ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

MONTEIRO, S; REBELLO, S. & SCHALL, V. Jogando e aprendendo a viver: uma abordagem da Aids e das drogas através de recursos educativos. In: MESQUITA, F. & BASTOS, F. (Orgs.) *Drogas e Aids: estratégias de redução de danos*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MONTEIRO, S; VARGAS, E. & CRUZ, M. Educação, comunicação e tecnologia educacional: aproximações com campo da saúde. In: ANAIS DA 24ª REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (Anped – GT Educação e Comunicação), Caxambu, out. 2001. p. 171-191.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E. & REBELLO, S. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. *Revista Educação & Sociedade*, 24(83): 659-678, 2003.

NETO, A. F. A deflagração do sentido: estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUZA, M. W. (Org.) *Sujeito: o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense/Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, 1995.

ODEBRECHT, Fundação Emílio. *Inventários de Materiais Educativos sobre Saúde Reprodutiva e Educação Sexual para Adolescentes*. Bahia: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

OROZCO, G. & JACKS, N. Pesquisa de recepção: investigadores, paradigmas, contribuições latino americanas. *Revista Brasileira de Comunicação*, 16: 22-33, 1993.

OSHIRO, J. *Educação para Saúde nas Instituições de Saúde* Pública, 1988. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.

PARKER, R. Empowerment, community mobilization and social change in the face of HIV/Aids. *Aids,* 10 (supl 3): S27-S23, 1996.

REBELLO, S.; MONTEIRO, S. & VARGAS, E. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 5(8): 75-88, 2001.

ROUCO, J. J. M. Sexualidade e mudanças de comportamentos: uma estratégia lúdica de prevenção da Aids. In: HEILBORN, M. L. (Org.) *Sexualidade:* o *olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SÁ, D. T.; SIQUEIRA, V. H. F. & MARTELETO, M. A. Demanda e clientela multiprofissional: influências e desafios para um mestrado em tecnologia educacional nas ciências da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(Supl. 2): 45-53, 1999.

SCHALL, V. *A Educação em Saúde para Crianças do Primeiro Grau: construindo a autonomia afetiva e a responsabilidade socioecológica*, 1996. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: PUC.

SCHALL, V. T. et al. Evaluation of the Zig-Zaids Game: an entertaining educational tool for Hiv/Aids prevention. *Cadernos de Saúde Pública*, 15 (Supl.2): 107-119, 1999.

SIQUEIRA, V. H. F. O vídeo educativo produzido pelo núcleo de tecnologia educacional para a saúde/UFRJ: uma visão crítica. *Revista da Associação Brasileira de Educação Médica*, 22(2/3): 77-82, set.-dez., 1998.

STONE, V. I. Avaliação de materiais instrucionais. In: STONE, V. I. (Org.) *Questões de Avaliação: estudos e pesquisas*. Rio de Janeiro: ABT, 1981. (Estudos e Pesquisas, 20)

STOTZ, E. N. Enfoques sobre educação e saúde. In: VALLA, V. V. & STOTZ, E. N. (Orgs.) *Participação Popular, Educação e Saúde: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

VARGAS, E. P. & SIQUEIRA, V. H. F. Sexualidade e corpo: o olhar do sujeito através das imagens em vídeo. *Cadernos de Saúde Pública*, 15 (supl. 2): 69-83, 1999.

VARGAS, E.; REBELLO, S. & MONTEIRO. Aids e drogas: avaliando alternativas de prevenção. *Revista de Atenção Primária a Saúde* (Nates/UFJF), 4: 17-19, nov./99-fev./2000, 1999.

VARGAS, E. et al. *Caracterização da Produção de Recursos Educativos sobre DST/Aids e Temas Afins: um estudo exploratório*. In: ANAIS DO I FÓRUM E II CONFERÊNCIA DE COOPERAÇÃO TÉCNICA HORIZONTAL DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE EM HIV/AIDS E DST, II, 2000.

VARGAS, E. et al. Aids and reproductive health: an analysis of the production of educational technology. In: ANAIS DO PROCEEDINGS OF X IOSTE SYMPOSIUM, 2002, Foz do Iguaçu, I, p. 199-208, 2002.

VASCONCELOS, E. M. *Educação Popular e a Atenção à Saúde da Família*. São Paulo: Hucitec, 1999.

VILLELA, W. *Oficinas de Sexo Mais Seguro para Mulheres: abordagens metodológicas e de avaliação*. São Paulo: Nepaids, 1996.

2. Materiais Educativos e Produção dos Sentidos na Intervenção Social

Inesita Araújo

Quando Escrevemos, Produzimos Sentidos

Quando escrevemos, produzimos sentidos. Texto quer dizer tecido, trama, malha, rede. Tal como os tecidos, textos são produto do entrelaçamento de muitos fios, que, em contato uns com os outros, formam uma trama única, resultado da combinação das várias cores e matizes, várias texturas. Os fios são, na nossa prática comunicativa, sentidos sociais. Cada fio representa um sentido, produzido em outros contextos, que agora estão ali, prontos para uma nova combinação. Textos são feitos, então, de sentidos que preexistem, e que são combinados por nós para atender uma dada situação, para serem lidos em determinadas momentos, por pessoas que possuem características específicas, em contextos específicos. E, naqueles momentos, naqueles contextos, eles se tornarão fios de uma nova trama, ao se associarem a outros textos, para formarem novos sentidos.

Textos são parte importante da construção dos sentidos sociais. Textos expressam modos de ver a realidade e, como tal, participam da construção da realidade. Só podemos compreender a realidade através de algum enquadramento, alguma forma, algum modelo. Esses modelos encontram seu melhor espaço de expressão nos textos que circulam através da prática comunicativa, seja em suporte impresso ou eletrônico. Por isto, textos são espaço de luta pelo poder simbólico, o maior poder de todos, o poder de fazer ver e fazer crer (Bourdieu, 1989). O modo como construímos nossos textos – dispositivos de enunciação – são, então, dispositivos de poder ou de luta pelo poder.

Quando escrevemos materiais educativos, produzimos sentidos. Ali, estamos expressando uma maneira de ver e interpretar a realidade e tentando obter adesão dos leitores para nossa perspectiva. Sob este prisma, um material educativo é, sempre, uma tentativa de intervir na realidade. Se esta tentativa será mais ou menos bem-sucedida dependerá não apenas do que ali foi expresso, ou da competência de organização do dispositivo de enunciação, mas de uma série de variáveis que poderíamos, num primeiro momento, englobar sob a denominação de 'contextos de circulação e apropriação' dos sentidos propostos no material.

Quando escrevemos, produzimos sentidos, e é com estes sentidos que entraremos no espaço disputado por muitos outros textos, muitos outros sentidos, anteriores e simultâneos aos nossos, entraremos nesse espaço tentando fazer valer nosso modo de ver e de categorizar a realidade, as pessoas, as relações sociais e institucionais, a prática social.

Mas que sentidos são estes? Esta pergunta admite mais de uma resposta. Se queremos saber de que modo estamos constituindo a realidade, que visões, modelos, discursos, enfim, estamos fazendo circular, necessitamos de uma análise dos dispositivos de enunciação que inclua não só o texto propriamente dito, mas também a forma, sempre relacionados com suas condições de produção. Se estamos, porém, desejando saber que sentidos serão produzidos no momento em que nosso texto entrar numa rede intertextual, no espaço da prática social, esta resposta só poderá ser aproximativa a partir de um estudo de circulação e apropriação dos materiais educativos. Esta questão só poderá respondida compreendendo-se como aqueles textos se articulam com os contextos, ou seja: como os contextos determinam os sentidos que as pessoas atribuem aos textos que lhes são destinados.

As ciências da comunicação apresentam um bom desenvolvimento teórico-metodológico neste campo, seja por meio dos estudos de recepção, que localizam seu interesse no processo de reconhecimento e apropriação das mensagens, seja por meio de estudos de produção textual, que buscam analisar como se constróem os sentidos nos textos que emanam da mídia e das instituições. Os primeiros estudos de recepção trazem o 'risco' de superestimar o poder do receptor na constituição dos sentidos, por deixarem de fora a dimensão do poder do texto (Verón, 1980), dos processos de construção da

fala autorizada (Bourdieu, 1989) e da hegemonia discursiva (Fairclough, 1997). Os estudos de produção textual acrescentam um importante conhecimento sobre as relações de poder simbólico, mas não podem afirmar como os sentidos propostos serão ressignificados pelos destinatários daqueles textos.

Uma perspectiva mais abrangente deveria contemplar o ciclo completo da produção social dos sentidos: produção, circulação e apropriação (ou consumo), etapas sempre mediadas por um processo de negociação. Esta é, porém, uma tarefa ampla e complexa demais para os parâmetros das instituições de pesquisa, com horizontes de tempo e recursos limitados, e, no momento, pode-se dizer que há uma consolidação teórica em curso (principalmente a partir dos programas de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – e da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) – São Leopoldo-RS –, mas ainda há muito o que fazer no campo metodológico.

Este artigo situa-se em meio a esta discussão e objetiva oferecer aos leitores uma contribuição para o conhecimento sobre algumas variáveis que interferem na apropriação, pela população, dos discursos institucionais. As reflexões que trarei a seguir apóiam-se em muitos anos de prática profissional voltada para a comunicação em processos de intervenção social (portanto com um forte componente educativo), fundamentam-se em estudos pós-graduados e estão respaldadas por uma pesquisa aplicada, de amplas dimensões.

Um Estudo Pioneiro

A pesquisa sobre "A recepção de impressos, rádio, vídeo e audiovisuais no meio rural"[1] foi realizada no período de outubro de 1988 a julho de 1992, pelo 'Espaço Aberto – estudos, consultoria e serviços' –, escritório com sede em Recife –, com apoio da Fundação Ford, e objetivou avaliar o modo como os camponeses recebem e aproveitam a comunicação que lhes é destinada pelas organizações que procuram intervir no meio rural. O estudo privilegiou

[1] Originalmente os resultados da pesquisa foram apresentados em três relatórios separados, cada um correspondendo a um dos meios: impressos, rádio e vídeos/audiovisuais. Posteriormente, para facilitar o compartilhamento, condensei os resultados em um único volume. Araújo e Azevedo (1992).

as organizações não-governamentais, mas foram contemplados outros agentes sociais, como a igreja, o Estado e organizações representativas da população. A metodologia utilizada incorporou contribuições de distintas correntes, porém mantendo sempre um caráter de pesquisa-ação.[2]

Tratou-se de um trabalho não acadêmico, realizado na perspectiva de produzir informações sistemáticas e confiáveis sobre um tema que diz respeito a qualquer agente que objetive algum processo de intervenção social no meio rural e que para tal lance mão de meios de comunicação. Não teve intenções, na época, de produzir reflexões teóricas. Pelo contrário, seus resultados circunscreveram uma prática, apontaram seus limites e sugeriram procedimentos, respaldados nas descobertas sobre o processo de recepção da comunicação entre os camponeses.

Este é um ponto que gostaria de ressaltar. Essa pesquisa é um dos estudos de recepção pioneiros no Brasil. No entanto, não tínhamos naquele momento notícia da existência de um campo de preocupações teóricas com os processos de recepção. O próprio nome da pesquisa não falava originalmente de recepção, mas de 'lógica camponesa de comunicação', que remetia para preocupações mais próximas da antropologia e da socioeconomia. Mas é possível hoje, com um olhar retrospectivo, perceber claramente os primeiros passos do que hoje configura esse campo de estudos. O estudo foi antecedido por outros, mas do campo do desenvolvimento e de natureza bem diversa, geralmente caracterizados como avaliação de 'leiturabilidade' e de possibilidade de decodificação de imagens. E também seguiram-se outros estudos, do campo da comunicação, geralmente de recepção midiática. Este trabalho não tem, porém, intenção de fazer uma revisão da produção acadêmica ou técnica sobre o tema, motivo pelo qual me dispenso de tal tarefa.

A preocupação com a lógica camponesa de comunicação decorreu da observação das dificuldades e incertezas vivenciadas por aqueles que desejavam intervir na realidade rural, particularmente grupos religiosos ou leigos e organizações não-governamentais que cresceram ao final da década de 1970. Tais grupos passaram a investir maciçamente na comunicação com os cam-

[2] Para maiores detalhes sobre a metodologia, pode ser consultado o artigo "Velhos dilemas, novos enfoques – uma contribuição para o debate sobre os estudos de recepção", em Araújo e Jordão (1995).

poneses, apoiando seu trabalho de base com cartazes, folhetos, cartilhas, audiovisuais, programas de rádio e, posteriormente, vídeos. Tais materiais eram produzidos e utilizados a partir de uma visão urbana de comunicação e de sociedade, além de estarem conformados pelo modelo desenvolvimentista da comunicação, de natureza transferencial, fortemente hegemônico.

O crescente questionamento sobre a eficácia dos métodos de educação popular no campo colocou a prática comunicativa como objeto de atenção por parte de seus agentes. Sem avaliações sistemáticas e confiáveis, as dúvidas e perguntas ficavam sem resposta, os equívocos se repetiam e passaram a gerar reações extremadas, como o abandono de tudo o que se fizera e a adesão cega a novas fórmulas pretensamente salvadoras, como foi o caso do vídeo. As questões mais freqüentes que se verificavam eram: o que estamos dizendo é compreendido? As pessoas assimilam o conteúdo dos materiais educativos? Qual a eficácia desses instrumentos de comunicação? Como elaborar um instrumento que ajude de fato o trabalho educativo?

Tais perguntas emanam de um modelo de comunicação que se preocupa em compatibilizar o dito com o compreendido, que trabalha com a possibilidade de transferir um conhecimento de um pólo emissor para um pólo receptor. Naquele momento, era esse modelo que direcionava as inquietações, mas a procura de respostas abriu definitivamente as portas para uma outra compreensão da prática comunicativa, baseada na idéia da comunicação como o espaço onde os vários interesses se confrontam e são produzidos os sentidos sociais.

A decisão de pesquisar nasceu ali, naquele cenário de incertezas, e obteve o apoio imediato de diversas instituições, além de decidida adesão dos camponeses. Participaram pessoas e entidades de seis estados do Nordeste – Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Bahia. Ao todo, 18 organizações e aproximadamente 1.200 camponeses. Foram avaliados 232 impressos, 17 emissões de quatro programas de rádio, 31 vídeos e seis audiovisuais.[3]

Muitos anos se passaram desde então e certamente alguma mudança se verificou no cenário estudado, inclusive por conseqüência da metodologia participativa adotada. Mas não é isto que está em questão aqui, e sim a possibilidade de aproveitar os achados da pesquisa para refletir sobre a produção

[3] Coordenei a pesquisa, tendo como assistente Ana Maria Azevedo. A Fase – Projeto Tecnologias Alternativas – deu suporte institucional no primeiro ano.

dos sentidos a partir dos materiais educativos utilizados nos processos de intervenção social. Poder-se-ia argumentar que os resultados da pesquisa são circunscritos ao meio rural, uma vez que o trabalho foi ali realizado. Mas, se considerarmos que boa parte da população das periferias das grandes cidades tem uma origem rural, teremos um princípio de correlação. Tendo como uma das variáveis a eventual e temporária vivência urbana dos camponeses, a própria pesquisa apontou que a experiência de vida na cidade amplia o arco de conhecimentos, mas não altera substancialmente o modo de relação com os textos na prática comunicativa: elementos centrais nessa caracterização, como a concretude, se mantêm mesmo depois de muita vida urbana. De qualquer modo, entre todas as constatações da pesquisa, selecionei para este texto aquelas que se mostraram mais equivalentes em relação à população urbana, através de observações subseqüentes minhas ou de terceiros. Estas observações não estão sistematizadas e a maioria tem sido feita como testemunhos espontâneos, em contextos formais e informais, ou em contatos com a população, em situações diversas. Por fim, reitero que os resultados da pesquisa são apenas um modo possível de acesso ao ponto central deste texto, a produção dos sentidos através dos materiais educativos.

Contextos, Contextualizações

A coordenadora da pesquisa tinha uma história pessoal típica da classe média dos anos 70, formação universitária em comunicação social, especializações no campo do planejamento do ensino e da formação de pessoal, uma experiência ampla em trabalhos de educação e comunicação no meio rural. Lia muito, sobretudo autores latino-americanos preocupados com a cultura e a educação de adultos. Havia publicado muitos materiais educativos impressos e utilizado outros tantos audiovisuais. Sua assistente, também de classe média, socióloga e jornalista, vinha de uma larga experiência com treinamento e planejamento do ensino. Os olhares dessas duas pesquisadoras estavam, de certa forma, moldados por suas condições específicas. Os sentidos que eles poderiam produzir, *a priori*, encontravam parâmetros no seu modo próprio de estar no mundo, na malha intertextual da qual participavam, na natureza dos outros trabalhos que realizavam.

Sentidos são produzidos, porém, sempre em interlocução. Esta se apresentou, num primeiro momento, com os discursos próprios do método adotado, que compreendia a visão de que pesquisas eram tanto espaços de intervenção quanto de investigação; que deveria acolher e validar uma pluralidade de modos de perceber a mesma realidade; que se queria fechado o suficiente para garantir rigor científico e aberto tanto quanto necessário para compreender a complexidade da prática comunicativa. Métodos trazem consigo todo um modo de conceber o mundo, a sociedade, as pessoas e suas relações. Métodos possuem natureza política, na medida em que condicionam o modo como se vai produzir conhecimento.

A interlocução continuou, agora com os membros das organizações participantes, cada qual falando de um lugar distinto, com histórias pessoais distintas, articulando conhecimentos distintos. Mas a semiose particular e única dessa pesquisa, que possibilitou sua história e sua apreensão da realidade, não parou por aí. Os sentidos, agora, se multiplicaram, se pluralizaram, encontraram as centenas de camponeses, homens e mulheres, jovens e adultos, que aceitaram o convite para tomarem posse, junto conosco, de uma fração do conhecimento sobre as relações entre instituições e população, no meio rural. Camponeses que traziam uma memória e uma expectativa sobre essas relações, histórias de vida que incluíam migrações, lutas, táticas e estratégias de resistência e sobrevivência, senso de humor, uma prática cultural que, entre outros elementos, compreendia largamente a literatura de cordel e os muitos intertextos que ela comporta e produz, graus diferentes de escolaridade e trato com a leitura e a escrita, conhecimento maior ou menor sobre o resto do mundo.

Cada um de nós, todos, nos relacionávamos com os demais e com a realidade observada a partir de um 'lugar de interlocução'.

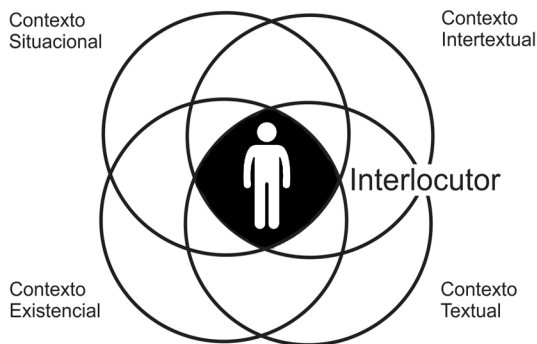
'Lugar de interlocução': a pedra-de-toque da intervenção social

Desenvolvi este conceito – 'lugar de interlocução'[4] – para suprir algumas carências das teorias da comunicação, quando aplicadas ao campo das políti-

[4] 'Lugar de interlocução' foi o conceito central da minha tese de doutorado, *Mercado Simbólico: interlocução, luta, poder. Um modelo de comunicação para políticas públicas* (Araújo, 2002).

cas públicas. Faltava um espaço de caracterização dos interlocutores, a partir dos seus contextos, vistos sob o prisma da comunicação; faltava uma noção que abrigasse os contextos referentes à situação de comunicação; faltava, sobretudo, uma perspectiva da natureza política da prática comunicativa. 'Lugar de interlocução' designa o lugar que cada um ocupa na cena discursiva e na cena social, no momento em que participa de algum ato de interlocução. É constituído por fatores de ordem individual – experiências, leituras, conhecimentos, o modo de estar no mundo, expectativas, estratégias etc. – e de ordem social – intertextos, pré-construídos, grupos de pertencimento, lugares sociais, relações de poder etc. É um conceito definidor dos sentidos sociais, na medida em que é a partir dos lugares de interlocução em cena que se instauram as relações de poder e são produzidos os sentidos em qualquer prática comunicativa. 'Lugar de interlocução' referencia ao mesmo tempo interlocutores, processos e contextos. É um conceito-chave para compreender a prática comunicativa, e depende, para ser aproveitado em toda sua potencialidade, do conhecimento dos contextos dos interlocutores.

Contextos

Há muitos tipos de contextos: históricos, sociais, políticos, geográficos, econômicos, macros ou micros. Todos são relevantes para a análise da prática social. Mas quero me referir aqui a quatro tipos de contexto fundamentais na prática comunicativa, definindo e delimitando o âmbito de significação de cada ato de comunicação. Podemos representá-los através do seguinte diagrama:

Fonte: Araújo (2002: 295).

O ‘contexto textual’, também chamado ‘co-texto’, diz respeito ao modo de relação espacial/temporal de um texto com outros; referencia uma relação de ordem física. Um texto se ‘contamina’ pela contigüidade de outro, veiculado no mesmo espaço físico ou temporal. Esta propriedade contextual é fundamental na estratégia dos materiais educativos, podendo mesmo determinar a escolha do formato e do modo/espaço/tempo de circulação. Um texto que trate apenas de saúde, veiculado numa cartilha, por exemplo, constitui sentidos diferentes de outro que traga a saúde como um dos pontos a ser considerado no contexto da vida familiar. Na televisão, um tema – por exemplo, amamentação – adquire sentidos muito diferentes se incluído num programa popular de auditório, se apresentado num telejornal, se num programa de debates ou como parte da trama de uma novela.

O co-texto pode ser também entendido como uma relação entre elementos do mesmo material. Por exemplo, a escolha de um gênero lúdico para veicular um conteúdo que se pretende formativo (caso do cordel como estratégia de conteúdos relacionados à prevenção das doenças). Ou o tratamento ‘realista’ para um conteúdo que encerra uma forte dimensão de tabu para os receptores (opção encontrada em muitos materiais sobre DST). No primeiro caso, da categoria de gênero lúdico, a pesquisa constatou que a estratégia – em impressos ou rádio – garante uma memória prazerosa da situação de comunicação, mas não deixa nenhum resquício em relação ao assunto tratado. No segundo caso, do tratamento realista, as convicções pessoais e grupais provocam uma rejeição imediata pelo material, abortando qualquer chance de apropriação.

O ‘contexto intertextual’ relaciona outros textos com aquele que fazemos circular, através de uma rede de remissões, de associações da ordem da memória discursiva. Tudo que aprendemos na família, na escola, as vozes ancestrais, os textos religiosos, o que recebemos através da mídia, formam uma malha de intertextos, uma rede intertextual que articula e compõe os sentidos a serem produzidos. Apenas um leitor muito atento ou um analista de discursos são capazes de perceber as várias vozes que ali se manifestam, tal o efeito de unidade textual apresentado. Quando escrevemos, mobilizamos – mesmo sem perceber – uma rede intertextual, e é através dela que nos nossos textos estão presentes modelos de saúde, de intervenção social, de relações sociais;

estão presentes concepções sobre o nosso leitor, sobre nós mesmos, sobre a relação que imaginamos haver entre esses dois pólos, sobre os outros atores sociais. Quando alguém lê (ou ouve, ou assiste) nossos textos, atribui sentidos a eles, e para isto também mobiliza uma rede intertextual particular.

Na pesquisa, alguns pontos mapeados relacionam-se fortemente com este contexto. Um exemplo é a associação que as pessoas fazem, ao examinar um desenho que ilustra um texto, com conteúdos aprendidos anteriormente. Como a ilustração largamente utilizada por setores da igreja católica, ligados à educação popular, de um peixe grande comendo vários peixinhos, que num segundo momento se juntam e afugentam o predador. O sentido planejado é o da necessidade da reunião dos esforços dos mais fracos no embate social. Confrontados com um desenho de um peixe devorando outros, no contexto de um material sobre ecologia/cadeia alimentar, os participantes da pesquisa sempre retornavam ao tema da desigualdade social e estratégias de luta.

No campo da saúde, os materiais que objetivam orientar sobre o controle do *aedes aegypti* e prevenção da dengue são um exemplo que chamam atenção. Podemos observar neles como as estratégias textuais ignoram a existência anterior de um discurso higienista da saúde, fortemente utilizado na prevenção de outras doenças. A condição de saúde sempre foi a limpeza. O intertexto da população inevitavelmente vai cruzar essa memória textual com a nova informação sobre o mosquito que aprecia água limpa, produzindo sentidos outros.

Estas constatações não invalidam a inclusão de conteúdos novos nos trabalhos educativos. Estes são muito bem-vindos e bem aceitos, desde que articulados aos conteúdos preexistentes, e aqui se estabelece um vínculo muito claro entre estes e os novos contextos.

O 'contexto existencial' referencia a pessoa no mundo, apresentando uma dimensão diacrônica e outra sincrônica. Diz respeito ao modo como as pessoas se situam num espaço, numa época, a que grupos sociais pertencem, qual sua história familiar e sua profissão, qual sua experiência em relação ao assunto tratado... É a primeira instância que aciona a rede intertextual e pode ser entendido como cultura. Com isto quero dizer que, apesar de poder ser visto como uma particularidade única de cada indivíduo, acentuando a dificuldade de controle dos sentidos, no campo da intervenção, pode ser considerado como um contexto aplicável a grupos sociais, uma vez que nenhum indivíduo vive isolado,

e que os sentidos individuais são socialmente constituídos. É nessa direção que se tornam pertinentes o uso de estratégias distintas de comunicação para grupos sociais distintos, como têm sido algumas abordagens da Aids: diferentes estratégias para homossexuais, mulheres casadas ou gestantes, povos indígenas, profissionais do sexo, jovens. Os materiais produzidos para um público genérico apresentam um dispositivo de enunciação que ignora os contextos existenciais. Isto poderia ser contornado pela sua forma de uso, mas são justamente estes que, seguindo o modelo que orientou sua concepção, ignoram a importância da circulação e se destinam a uma distribuição 'a granel', aleatória, terminando por representar desperdício de recursos e esforços.

O contexto existencial nos remete para cuidados que se deve ter com a elaboração de materiais educativos, sendo o responsável por boa parte dos equívocos e iniciativas malsucedidas. São cuidados referentes à forma e conteúdo, que só significam de modo conjunto, ao contrário do que muitos ainda supõem. Farei aqui uma breve menção a tópicos que precisam ser observados, sugerindo aos mais interessados a leitura do relatório da pesquisa.[5]

Uma primeira constatação condiciona todas as demais: a natureza concreta do modo de apreensão das coisas do mundo. Refiro-me à propriedade de melhor perceber as coisas concretas, visíveis, palpáveis, que correspondem a uma experiência empírica e pragmática da vida e a uma equivalente dificuldade em lidar com conteúdos que requerem um grau elevado de abstração. Tendo sido uma constatação em relação às populações rurais, ao longo dos anos pude confirmar a presença dessa característica em vários segmentos da população que é objeto de políticas públicas. Considero que, em termos de materiais educativos, a concretude é fator determinante das chances de um processo de interlocução. Grande parte dos materiais prima por uma abordagem textual eminentemente conceitual e abstrata, ainda que fale de práticas sociais. Vai desde o uso corriqueiro da palavra 'processo', por exemplo, ou frases completas ("Vou começar falando de um aforisma de Hipócrates de Cós, o pai da medicina"), até raciocínios completos, como os utilizados nas 'análises de conjuntura'. A concretude, que se evidencia no modo de formular e de compreender uma idéia, pode também ser observada em relação à ilustração dos materiais.

[5] Disponível em pdf. ou mediante copiagem por solicitação: <isoares@cict.fiocruz.br>.

Desenhos são percebidos como um retrato da realidade, eqüivalem a fotografias no seu valor icônico. Como tal, eles aparecem como momento de um processo; há um antes e um depois que se agregam ao sentido produzido. Da analogia com a fotografia decorre uma exigência de fidelidade e correspondência com o real que determina não só a preferência por estilos de ilustração, mas sobretudo a possibilidade de comunicação. De um modo geral:

- Desenhos figurativos, com ambientação a partir de elementos conhecidos, favorecem a interlocução. Aqui assume relevo o tema dos detalhes da figuração. Sendo para os ilustradores apenas um recurso a mais de estilo, para os receptores implicam 'informação': cada detalhe traz uma informação a ser considerada no cômputo final dos sentidos. O volume do úbere de uma vaca indica se ela foi ordenhada ou não; a maneira de segurar uma enxada indica se o agricultor é trabalhador ou relaxado, se já vai embora ou ainda fica; o cercado do chiqueiro informa se o dono tem posses ou é pobre; a posição da sombra indica a hora. Detalhes conhecidos motivam, dão movimento, aumentam credibilidade. Detalhes desconhecidos levam à especulação ou desqualificam a informação. Desenhos desambientados, assépticos, não emocionam.

- Desenhos caricatos desqualificam a informação. Esse tem sido um grave problema nos materiais educativos, que apreciam utilizar a charge, a figuração de objetos (por exemplo, camisinha) e animais (por exemplo, mosquito) com traços e comportamentos humanos. Eles quebram a regra primeira de uma conexão com a realidade conhecida e, ao invés de acentuar o caráter lúdico, como se imagina, deslegitimam o conteúdo veiculado.

- Desenhos estilizados tendem a não ser reconhecidos, gerando uma interpretação aleatória, através do código mais parecido. Essa reação pode ser verificada em inúmeras situações referentes a texto e imagem e, como é fácil supor, aumenta as chances de uma incomunicação.

- Desenhos do corpo humano, em corte, sobretudo, precisam ser representados com a pessoa completa.

A correspondência com o real não é prerrogativa de pessoas com pouca escolaridade, embora nelas se acentue. Kuhn (1991: 148) nos fala: "O que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver. Na ausência de tal reino, há uma

confusão atordoante e intensa". E mais: a pessoa vê aquilo que ela espera ver como normal. Quando algo se apresenta diferente, tende a não ser visto, ou percebido como outra coisa. Isto se aplica à percepção dos textos e dos desenhos que não se relacionam à realidade conhecida: "Uma coisa que a gente conhece fica fácil da gente ver. E quando a gente não conhece fica tão difícil!..." (fala colhida na pesquisa).

Desenhos, no meio rural, assumem uma dimensão problemática, quando se trata de histórias em quadrinhos, um gênero familiar apenas às gerações mais jovens. Os adultos tendem a considerá-los 'coisas para crianças' e a se sentirem desprestigiados ao receberem um material assim estruturado. Os códigos como o da fala em balões, não lhes são familiares. Considerando-se esta restrição, deve ser mencionada a necessidade de um texto, que exerca a função de unidade. Creio que nas cidades a situação deve se mostrar diferente, mas não conheço nenhuma pesquisa a respeito.

A concretude ainda pode ser observada na dificuldade com gráficos em geral, seja em colunas, curvas ou esferas. Gráficos requerem uma alta dose de abstração, e, mesmo que uma determinada forma de representação seja aprendida, não se forma automaticamente uma capacidade de compreender outros gráficos.

A pouca prática de leitura modela outras possibilidades:

- Textos densos, com muitas informações no mesmo bloco tendem a ser compreendidos apenas em seus pontos mais genéricos.

- Textos longos têm sua leitura fracionada em vários momentos, prejudicando a lógica de organização textual, ou despertam desinteresse. Em geral, os produtores de materiais educativos querem aproveitar ao máximo a oportunidade de visibilização e saturam o espaço com excesso de informação. Impressos, programas de rádio ou vídeos, comportam muito mais informações do que seria aceitável de um ponto de vista pedagógico. ("a gente ouve uma coisa, depois escuta quatro, seis e fica sem saber, fica aquela enrolada, mistura". "A gente escuta e não sabe dizer qual foi a parte, não sabe distinguir" – falas colhidas na pesquisa.

- Frases curtas, que se esgotam numa linha, são melhores de ler ("Já está dito onde tem que parar, não precisa ver os pontos"– falas colhidas na pesquisa. A pontuação é sempre um problema, e alguns sinais tendem

a ser ignorados: interrogação, aspas, travessão, parênteses, barra, sinais matemáticos (+, =) utilizados no texto corrente, setas condutoras de leitura, estabelecendo relação de seqüencialidade ou causa e efeito.

- Elementos que dificultam a leitura: palavras partidas ao final de linha, abreviaturas, inclusive para medidas, uso de caixa alta no texto corrido.

- Um destaque especial para as siglas, pela presença constante e exacerbada nos materiais sobre saúde. As siglas deveriam ser eliminadas dos nossos textos, elas representam um espaço semiótico privativo de algumas pessoas ou grupos e impedem a comunicação.

- Legendas devem ser explícitas na relação com o legendado.

- O que nunca é lido: índices, citações de fonte ou autoria e bibliografia, quando apresentados de forma convencional. Quando preparados de forma coloquial, cumprem a mesma função que nos outros textos.

- Quadros esquemáticos e tabelas são uma má escolha. As pessoas (e não só as de pouca escolaridade...) têm dificuldade em cruzar dados de uma coluna com outra, ou mesmo de ler dados organizados em forma de coluna.

- A diagramação, nos impressos, é crucial. A relação entre título e bloco de texto tem que ser muito bem estabelecida, e os blocos têm que estar visualmente separados. O mesmo se aplica a blocos texto-imagem, que devem ter unidade visual e distinção com os demais blocos. Há uma tendência a leituras paralelas de texto e ilustração, reforçada quando o texto é difícil ou a ilustração pouco figurativa. Levanto a hipótese de essa dificuldade ter origem no mau uso que os materiais fazem da ilustração, utilizada freqüentemente apenas para 'enfeitar' um texto, ou tornar o material mais atraente.

- Contextos existenciais pedem uma relação coloquial entre pessoas. Esta deveria ser uma regra básica, fala-se com pessoas, não sobre elas. Fala-se com pessoas, não com categorias (usuários, pacientes, trabalhadores, membros da comunidade...). Aqui se pode estabelecer uma relação com o problema da densidade de informação: nos materiais, espaços vazios são espaços de interlocução e não perda de espaço útil. Martín-Barbero (1984) relata uma pesquisa da Rádio Sutatenza, rede colombiana de emissoras de 'ação popular':

> havia uma pergunta óbvia: que programa ouvem mais diariamente? A resposta maioritária foi: a reza do Rosário. Os dirigentes, desconcertados, não podiam explicar como entre tantos programas educativos e práticos, de informação agrícola, de entretenimento etc., fosse a reza do Rosário o que gozasse de maior audiência. (...) Um dos pesquisadores decidiu então perguntar o porquê dessa preferência, e a resposta foi: 'porque é o único programa em que podemos responder aos de Bogotá. Na reza do Rosário eles dizem uma parte da Ave-Maria e nós a outra, é o único programa em que eles não falam sozinhos'.

A compreensão de que os meios de comunicação são de interlocução se repetiu na nossa pesquisa, insistentemente, por várias maneiras. Hoje, a televisão aberta procura explorar essa possibilidade, mas nos materiais educativos ainda predomina uma tendência à comunicação unilateral.

Gostaria ainda de mencionar a mistura dos gêneros de ficção e documentário, principalmente no rádio e no vídeo. Embora a contaminação entre o real e o imaginário seja uma característica dos meios de comunicação de massa (Wolf, 1987), chamaram atenção na pesquisa os vários 'desvios' provocados pelo uso de ficção em materiais com intenções educativas. Essa questão está associada à da concretude, acentuada por um fator da ordem da ética. Pelo menos no meio rural, encontramos uma expectativa de que os meios de comunicação vinculados a uma prática educativa só expressariam a 'verdade' (a TV e rádio comerciais, ao contrário, não gozam de credibilidade). Entre os meios, o impresso é mais portador da 'verdade' que os demais, pelo poder do texto escrito (permanência, relação com a lei, a *Bíblia*). Creio, porém, que este ponto merece uma avaliação mais profunda em relação a populações urbanas, que estabelecem outra relação com a tecnologia da comunicação.

A credibilidade foi uma das quatro características dos materiais testadas na pesquisa e se mostrou muito relevante na determinação dos sentidos possíveis. Neste contexto, fotos apareceram importantes como prova de veracidade, o famoso ver para crer. Pessoas, locais, práticas, equipamentos – estas foram as aplicações mais indicadas para as fotografias. A credibilidade afeta diretamente todos os contextos, incluindo com destaque o que será tratado a seguir.

O 'contexto situacional' se refere à posição social e institucional dos interlocutores, ou seja, ao lugar social do qual eles desenvolvem suas relações comunicativas. As pessoas se inscrevem numa topografia social que deter-

mina, de certo modo, seu direito de falar, a legitimidade da sua fala. Determina seu 'lugar de interlocução' e conseqüentemente as expectativas a seu respeito: há regras de comunicação a serem seguidas, pela pessoa e pelos seus interlocutores. Por exemplo, numa relação entre médico e paciente, os lugares estão determinados e dirigem as regras daquela comunicação. Tais expectativas, se não forem atendidas, comprometem o bom andamento da relação.

Uma pessoa ocupa muitos lugares de fala, dependendo do contexto situacional. Por exemplo, um morador de uma favela ou de um assentamento. Ele pode ter o lugar de paciente, de pastor, de chefe de família, de membro de um sindicato ou associação de moradores, de informante de uma pesquisa, de destinatário de cestas básicas, migrante nordestino, membro de um comitê pela cidadania, de um conselho de saúde, etc. etc. Em cada uma destas situações é acionada uma rede particular intertextual, e em cada uma delas ele exerce um grau diferente de poder em relação aos seus interlocutores, modificando-se, pois, a natureza do texto que será produzido.

Materiais educativos criam lugares de interlocução, atribuem uma identidade e um lugar para o receptor e para o enunciador, este quase sempre uma instituição que em princípio ocupa o lugar de centro discursivo. A cena social e discursiva que a maioria estabelece está formada por um pólo que sabe e tem a prerrogativa de ensinar e outro pólo que necessita aprender. Porém, uma comunicação tem mais chances de dar certo quando os interlocutores reconhecem como legítimos os lugares de fala de cada um. E isto põe no centro da questão os sistemas de classificações e nomeações que utilizamos de forma tão naturalizada e acrítica.

Categorias trazem em si um modo de estar no mundo definido *a priori* e arbitrariamente. As pessoas podem até aceitar o enquadramento, mas, certamente, este é um ato estratégico na relação entre desiguais.

O contexto situacional nos remete às constatações da pesquisa, entre as quais:

- Nos impressos, os espaços de afirmação mais clara do emissor-enunciador são os editoriais e as apresentações. Ali comparece o discurso da instituição, reafirma-se a sua desejada fala autorizada. São em geral gargalos na leitura dos materiais, uma vez que quase invariavelmente

escreve-se ali para terceiros, não para os destinatários do texto. Uma boa parte dos impressos deixa de ser lido pelo afastamento provocado pela redação dos textos introdutórios. Nos vídeos, a presença fica mais suave, sendo traduzida pelos créditos, em geral ao final da peça. Mas, qualquer análise dos dispositivos de enunciação apontará os muitos modos de afirmação da presença institucional no texto ao longo tanto dos impressos quanto dos vídeos.

- A coloquialidade está diretamente relacionada com esse contexto e com os lugares de interlocução. Conversa-se coloquialmente com um amigo, não com um superior.

- O locutor de rádio, o apresentador no vídeo, o mediador no uso dos impressos, são pessoas que encarnam fisicamente a instituição, portanto, o interlocutor. E sua condição de sucesso não é a posição de autoridade no assunto tratado, mas o modo como lidam com as muitas variáveis postas em cena pelos vários contextos, que terminam não por definir, mas por qualificar seu lugar de interlocução: concretude, coloquialidade, realidade conhecida, respeito ao lugar de interlocução do outro.

- O contexto situacional e o correspondente lugar de interlocução provocam um fenômeno que chamo de 'discurso bumerangue': é o discurso institucional que volta às fontes pela boca da população, via de regra pelas chamadas 'lideranças'. Constatamos que: o discurso é manejado estrategicamente, como forma de garantir um lugar de interlocução conquistado junto aos órgãos provedores de políticas públicas e outros benefícios; o discurso serve de substituto para todas as situações em que não se está bem certo do que se deve falar.

Concluindo os contextos, pode-se dizer que a habilidade de comunicar está na habilidade de contextualizar, ou seja, de conseguir perceber e entrar nos vários contextos que constituem cada situação de comunicação, e isto vale para todos os pólos da relação comunicativa.

Coisas para Pensar

Estas constatações e análises anteriores nos fazem pensar a pertinência de levar em conta alguns critérios ao lidar com a produção de materiais educativos:

- Quando escolhemos que material devemos fazer, geralmente a escolha é direcionada por critérios, como custo, disponibilidade tecnológica, preferência do educador etc. Porém, deveríamos levar em consideração, além da adequação ao objetivo e natureza do conteúdo, os vários contextos aqui mencionados, que definirão, inclusive, as estratégias de produção, circulação e uso.

- Ainda quanto à escolha dos materiais, cada meio e cada formato têm seus limites e possibilidades. Assim, o que um cartaz pode cumprir não é o mesmo que um jogo, ou um livreto, ou uma filipeta, ou um vídeo.

- O que deve definir a escolha de um material para populações pouco letradas não é a ausência de texto escrito. Pelo contrário, além de o texto escrito ser o suporte de maior credibilidade, há uma expectativa das pessoas de que sejam tratadas como pessoas capazes. Pessoas que não sabem ler tendem a criar estratégias de superação dessa dificuldade. No meio rural, a leitura é sempre um ato coletivo ("Tudo começa sempre com uma leitura, seja o que for" – fala de um participante da pesquisa). No meio urbano, acredito que haja muitas formas de se ter acesso ao que está escrito, desde que haja outras condições de motivação e interesse. Citando Sauquet et al. (1989: 3):

> Do ponto de vista global, este problema da leitura nos parece importantíssimo. Não se trata de uma simples questão de escolha de tal ou tal meio de comunicação, mas de uma questão de democracia. Facilitar o acesso do material escrito ao povo não é outra coisa senão reforçar a sua capacidade de se defender e se promover.

- Há uma necessidade de materiais que situem a população em relação às políticas públicas, aos programas, às rotinas, aos procedimentos, muito mais do que aos comportamentos a serem aprendidos. Estes correspondem a uma prática desenvolvimentista, que situam no comportamento das pessoas as causas para sua situação de pobreza. A conseqüência é a produção de materiais voltados para ensinar atitudes e hábitos corretos.

- Com a melhor das intenções, um certo número de pessoas que se dedicam à educação popular ou a outras formas de implantação de políticas públicas consideram sua atribuição recolher o conhecimento popular, aparentemente desorganizado e acientífico, para conferir-

lhe um princípio de ordem e então 'devolvê-los' à população. Esta prática ativa um princípio de dominação que é a imposição de uma ordem através dos princípios de análise e classificação. A organização de um conteúdo dado é um dos mecanismos de afirmação da hegemonia do emissor e necessita de ser contrabalanceada com outras estratégias que ampliem a presença dos interlocutores. Aos interessados no tema, sugiro a leitura do terceiro capítulo do livro *A Reconversão do Olhar* (Araújo, 2000).

- Impressos são materiais com pernas longas e muito fôlego: correm mundos, muito além da circulação planejada e controlada, são replicados, desdobrados, convertidos em textos de rádio, vídeos e televisão. Por isto, deve-se cuidar para que seu conteúdo possa dispensar a presença de mediadores.

- Devemos ter claro que as pessoas farão sempre sua própria análise pessoal ou compartilhada com o grupo, dos fatos e situações, e tomarão suas decisões baseadas em muitos fatores que não apenas a informação recebida. A informação dos materiais educativos deveria ser planejada considerando esta possibilidade, de modo a subsidiar um processo de tomada de decisão, muito mais do que persuadir para uma mudança de comportamento ou atitude.

- Saúde, ao lado de processos de trabalho e práticas de comunicação, é o tema mais mobilizador do interesse, condição necessária para que se inicie um processo de interlocução.

Enfim

A pesquisa sobre rádio e vídeos/audiovisuais abordou componentes relativos à tecnologia do meio e ao modo específico de interlocução propiciada por esta, que não foram contemplados neste artigo. Também falou de muitos pontos que por questões de espaço tiveram que ser omitidos: papel cumprido pelos meios e materiais, peso relativo de texto e imagem, processos de apropriação dos conteúdos, a figura das lideranças na prática comunicativa etc., etc. Mais uma vez remeto os interessados para a leitura do relatório.

Indicações de Pesquisa

Depois de tantos anos, a pesquisa aqui comentada continua demandando outras que explorem algumas sendas abertas, que atualizem suas constatações, que verifiquem sua aplicabilidade em outros cenários. O campo da saúde é propício a trabalhos desta monta e natureza pelo alto investimento feito em processo educativos e comunicativos. Com vistas ao futuro, deixo aqui algumas sugestões:

Numa possível avaliação da comunicação praticada, não se restringir apenas à avaliação da aprendizagem possibilitada pelos materiais, que fortalece a tendência a se considerar que dificuldades de compreensão e apropriação localizam-se no receptor e não em opções de escolha dos materiais, conteúdo, tratamento, forma, circulação. Antes, proceder a uma revisão das concepções da organização quanto à sua comunicação, sua visão sobre políticas públicas, processos de intervenção, relações entre instituição e população, concepções sobre a população e seus contextos. Esta análise acarretaria, inevitavelmente, uma revisão da prática pedagógica e dos conceitos que a sustentam. Algumas questões possíveis:

- para que se vai à população? (a resposta apontará, provavelmente, para uma concepção de sociedade e atores sociais, do papel da organização na sociedade e para o modelo de comunicação que subjaz a esta concepção);

- o que se pede ao destinatário?;

- o que se oferece ao destinatário? (informação? interlocução, diálogo? compartilhamento? de quê? canais de expressão? ou só a possibilidade de aderir ao que foi planejado para ele? – a resposta a essa pergunta ajuda a caracterizar nossa proposta de intervenção;

- de que visão da realidade se parte? (a resposta nos fará ver com mais clareza que concepções inspiram nosso discurso e que neles são expressas);

- que esquemas são postos em cena? (geralmente, os materiais são estruturados a partir de antíteses, como cidadão/excluído; pobreza/progresso; doença/saúde; ignorância/ciência; atraso/tecnologia;

opressão/consciência; rural/urbano; produtividade /improdutividade... Essas dicotomias refletem e reproduzem uma idéia sobre os pólos da relação comunicativo-educativa e seu modo de relacionamento).[6]

Materiais educativos são a ponta de um *iceberg*, do imenso *iceberg* dos processos de comunicação que caracterizam a implantação das políticas públicas. Exatamente por isto são um excelente modo de acesso à prática comunicativa das instituições. Nossos materiais refletem a natureza e a qualidade da nossa prática comunicativa.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. *A Reconversão do Olhar: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social.* São Leopoldo: Unisinos, 2000.

ARAÚJO, I. *Mercado simbólico: interlocução, luta, poder. Um modelo de comunicação para políticas públicas*, 2002. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: ECO-UFRJ.

ARAÚJO, I. & AZEVEDO, A. M. *Recepção de Impressos, Vídeos e Programas de Rádio no Meio Rural.* 3.ed. Recife: Espaço Aberto, 1992. (Relatório de Pesquisa)

ARAÚJO, I. & JORDÃO, E. Velhos dilemas, novos enfoques – uma contribuição para o debate sobre os estudos de recepção. In: PITTA, A. M. (Org.) C*omunicação e Saúde: visibilidades e silêncios.* Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1995.

BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico.* Lisboa: Difel, 1989.

CASTILLO, D. P. *Entre la Ilusión y el Despilfarro.* (Mimeo.), s.d.

FAIRCLOUCH, N. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. R. (Org.) *Análise Crítica do Discurso.* Lisboa: Caminho, 1997.

KHUN, T. S. *A Estrutura das Revoluções Científicas.* São Paulo: Perspectiva, 1991.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios à pesquisa em comunicação na América Latina. *Boletim Intercom*, 49-50: 23-35, 1984.

SAUQUET, M. et al. *Meios e Métodos de Comunicação no Meio Rural Brasileiro.* Brasília: Embrater, 1989.

VÉRON, E. *A Produção do Sentido.* São Paulo: Cultrix/USP, 1980.

WOLF, M. *La Investigación de la Communicación de Masas.* Barcelona: Paidós, 1987.

[6] Estas perguntas foram originalmente extraídas de Castillo – *Entre la Ilusión y el Despilfarro* – (s.d.) e hoje integram um método de planejamento da comunicação na intervenção social, elaborado por mim.

3. Tecnologia Educacional na Área da Saúde: a produção de vídeos educativos no Nutes/UFRJ

Vera Helena Ferraz de Siqueira

Introdução

Assiste-se hoje a um *boom* de tecnologias que amplia o espectro das possibilidades de comunicação e coloca os indivíduos na vida cotidiana frente a outras linguagens, como as centradas na imagem audiovisual. A área da educação não escapa a essa influência, marcada pela crescente incorporação de tecnologias às suas instâncias formais e não formais. São exemplos dessa influência a ampla produção de vídeos nos últimos anos, por instituições governamentais e não-governamentais, que abrange as diferentes áreas do conhecimento, em especial a área da saúde; o atual incentivo dado pelo poder público ao ensino à distância; e a inclusão de computadores, antenas e vídeos nas escolas, incrementando suas possibilidades de comunicação no contexto escolar instrumentalizando-as para o uso da imagem na educação.

O crescimento exponencial dos recursos tecnológicos incorporados às atividades educativas não vem sendo, entretanto, acompanhado pelo desenvolvimento de ações que articulem devidamente os processos de comunicação e educação e suas inter-relações. Esta dicotomia se dá tanto em níveis mais amplos em termos de geração e utilização das tecnologias, em que inexiste uma explicitação clara das finalidades educativas, quanto na própria concepção dessas tecnologias, que freqüentemente não articulam as possibilidades de uma dada linguagem com o conteúdo e/ou mensagem a ser trabalhada.

A possibilidade de articulação, de forma dialética, das dimensões de forma e conteúdo das metodologias e técnicas de ensino permite um melhor entendimento do 'antes' e 'depois' em relação ao desenvolvimento do material

educativo. Dito de outra forma, possibilita uma melhor compreensão do seu processo de produção e de sua posterior incorporação em atividades educativas. Acredita-se, ao se deslocar o olhar para as mediações que ocorrem nessas etapas, ser possível uma maior aproximação de um importante desafio, qual seja, o exame das articulações entre os campos da comunicação e da educação fomentando reflexões acerca das questões metodológicas e fundamentos educacionais.

As reflexões aqui desenvolvidas são subsidiadas pelo trabalho desenvolvido há dez anos como docente do Núcleo de Tecnologia Educacional na área da Saúde (Nutes) – órgão suplementar do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – e por pesquisas de campo realizadas nessa instituição. Considera-se este núcleo como um *locus* privilegiado para uma aproximação deste objeto de pesquisa, tendo em vista sua proposta metodológica que privilegia o desenvolvimento de tecnologias por meio de processos grupais que conduzem à explicitação de visões, à reflexão e ao intercâmbio de saberes.[1]

Na primeira parte deste artigo, apoiada relatórios anuais e em entrevistas com docentes e técnicos, faz-se um resgate da produção de vídeos no Nutes correlacionando-a, sob uma perspectiva histórica, às diferentes correntes educacionais e aos seus determinantes socioeconômicos (Siqueira, 1998). Na segunda parte**,** expõem-se as experiências de produção coletiva empreendidas pelo núcleo, focando o entendimento das intenções pedagógicas e aprendizados ocorridos nessa etapa de produção, da qual participam profissionais de diferentes formações (Siqueira, 2000).

A Produção de Vídeos no Trabalho do Nutes: da objetividade dos fatos à auto-reflexão

No contexto das transformações demandadas pela Reforma Universitária de 1968, entre as quais se inclui a introdução de novas alternativas metodológicas ao ensino, o Instituto de Biofísica da UFRJ, em 1972, apresen-

[1] Ver Sá Brito e Siqueira (1993).

tou um projeto ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do Ministério do Planejamento, solicitando recursos para a aplicação da tecnologia educacional com vistas à melhoria do ensino de biofísica e fisiologia. O interesse imediato expresso por outras unidades do CCS da UFRJ na melhoria do ensino das ciências da saúde resultou na expansão do projeto. Acrescentou-se, assim, em julho de 1972, um novo órgão de caráter suplementar ao CCS: o Nutes. A Organização Pan-americana da Saúde (Opas), reconhecendo a importância do projeto, assinou um acordo com o governo brasileiro, representado pela UFRJ e os ministérios do Planejamento e da Saúde, estabelecendo, em setembro de 1972, o Centro Latino Americano de Tecnologia Educacional para a Saúde (Clates), sediado no Nutes, com o objetivo de viabilizar a difusão das tecnologias criadas para a América Latina.

Os objetivos traçados para o Nutes/Clates, quando de sua criação, referem-se principalmente "ao preparo pedagógico e adestramento no uso de novos materiais instrucionais, inclusive o computador; (...) a organizar cursos em instrução programada e preparar programas instrucionais audiovisuais; (...) a delinear projetos de cursos de Ciências Biomédicas visando à individualização do processo educacional" (Lobo, 1970: 7), bem como à prestação de assessoria pedagógica no planejamento de cursos. Sua equipe foi formada por profissionais das áreas da saúde, psicologia, educação, sociologia, computação, biblioteconomia e de produção de audiovisuais.

Conforme lembrado por Sigaud (1982), no início de sua existência, o trabalho do Nutes voltou-se essencialmente para o atendimento das necessidades relativas aos cursos das diferentes unidades do CCS. Assim, o núcleo se dedicou a atividades como a elaboração de projetos de cursos de ciências biomédicas, visando à individualização do processo educacional, ao desenvolvimento de *softwares* e ao emprego de computador no ensino das ciências biomédicas. A partir de 1973, o núcleo passa a prestar assessoria na reforma curricular que se inicia nesse mesmo ano, tendo em vista a integração das disciplinas do ciclo básico do CCS (anatomia, fisiologia, histologia etc.) em blocos sistêmicos (sistema nervoso, cardiorrespiratório, endócrino, etc.) segundo o modelo clássico da Western Reserve University. Os vídeos eram elaborados como parte da assessoria dada aos cursos, servindo como instrumentos para ilustrar as aulas. Desta forma, em 1976, quando o Nutes completa a instalação

do setor de produção audiovisual, são produzidos uma série de vídeos para serem trabalhados no ciclo básico. Naquele momento, explorou-se o potencial desse recurso no uso de cores e movimentos de modo a tornar o ensino mais eficiente. Além disso, os vídeos focalizavam habilidades técnicas importantes para o profissional de saúde, tais como a aplicação de uma injeção intradérmica, a arrumação do leito e a tomada de pressão arterial.

Data de 1976 a instalação de um sistema de circuito fechado de TV a cores no CCS, permitindo a projeção de material audiovisual em salas de aula e em cabines na biblioteca. A partir daí, os programas passaram a ser requisitados por um sistema de telefone interno, ligando os lugares onde os monitores estão instalados ao centro de distribuição localizado no setor de produção audiovisual. Este sistema facilitou a ampla utilização dos vídeos, no correr dos anos, pelos alunos e professores do CCS. Na época, os roteiros dos vídeos e sua direção corriam por conta da própria equipe do Nutes, assessorada por especialistas de conteúdo – docentes da área básica das ciências da saúde, médicos, enfermeiros, entre outros. A direção era assumida, ora pelo médico assessor, ora por um outro membro da equipe, e os atores eram os próprios alunos, membros da equipe do Nutes e professores do curso de medicina.

O vínculo do Nutes ao Clates proporcionava ampla divulgação e distribuição dos materiais instrucionais produzidos entre os países latino-americanos, a partir de convênios firmados principalmente com a Opas, dentro de sua política de transferência de conhecimentos e experiências para professores de outras universidades. Ainda dentro do objetivo de contribuir para o preparo pedagógico de docentes, o Nutes passou a desenvolver modelos, utilizando a estratégia de 'aprendizagem para o domínio', no treinamento didático de professores do Instituto de Ciências Básicas da UFRJ, conforme descrito por Fontanive (1980). Esses modelos foram posteriormente ampliados, como programas de extensão universitária, para o treinamento de professores em geral.

A partir de 1974, o Nutes obtém *know-how* e passa a utilizar a tecnologia de treinamento em larga escala, que se fundamenta principalmente na análise experimental do comportamento. Desenvolve, então, vários projetos regionais para a América Latina, patrocinados pela Opas, envolvendo a produção

de módulos instrucionais, além de treinamento de pessoal de gerência de recursos humanos. Merece destaque entre esses projetos o de Tecnologia Educacional para a Enfermagem, que proporcionou a implantação de 10 subcentros distribuídos por sete países da América Latina.

Constitui também atividade prioritária do Nutes, ainda na década de 1970, a assessoria para implantação de modelo de auto-instrução no ciclo básico. Assim é que, em 1976, todos os alunos do segundo e terceiro semestre do ciclo básico eram submetidos à auto-instrução.

Outra atividade do núcleo à época refere-se ao desenvolvimento de *software*, possibilitando o uso do computador como coadjuvante para a aprendizagem – Computer Assisted Instruction (CAI) – e a avaliação formativa dos alunos, a partir de programas que utilizavam a linguagem MUMPS. Para se ter idéia da abrangência deste trabalho, em 1977, o Nutes ofereceu 13 terminais de computador, 12 horas por dia, à disposição dos 617 alunos do CCS. Houve transferência dessa tecnologia para várias instituições educacionais na América Latina, a última ocorrendo em 1985, em projetos de cooperação técnica com Cuba.

Deve-se notar que, tanto os cursos de treinamento quanto os materiais desenvolvidos nesse período, têm como base modelos instrucionais norte-americanos; por exemplo, o modelo auto-instrucional introduzido no ciclo básico do CCS foi baseado na experiência da Ohio State University of Medicine. No decorrer da década de 1980, o Nutes realizou a dublagem de inúmeros vídeos educacionais norte-americanos, que passaram a ser utilizados no ciclo básico do CCS.

A iniciativa de explorar os marcos iniciais de surgimento do Nutes é motivada pela necessária contextualização da produção de vídeos como base para a compreensão de seus elementos constitutivos. Nesse sentido, não se pode entender o trabalho do Nutes e sua produção de vídeos sem se voltar aos fundamentos norteadores das iniciativas que, no início dos anos 70, dirigiam-se ao desenvolvimento da tecnologia educacional no Brasil. É incontestável a influência do pensamento positivista nas práticas educacionais então prevalecentes. Este paradigma apresenta uma visão tecnocrática do conhecimento e da ciência, na medida em que, como colocado por Giroux (1983), destaca a ciência da questão dos fins e da ética, apresenta os fatos desvinculados dos

valores, coloca a objetividade como critério que solapa a crítica. O modelo das ciências naturais, transposto para a educação, resulta em sua 'cientifização': critérios de controle, generalização, eficiência e produtividade adquirem *status* de fins. Estes critérios se coadunam perfeitamente na concepção científica da educação encarnada pelo modelo de tecnologia educacional que chega ao Brasil, importado dos Estados Unidos, nos anos 60. O controle das condições do ensino é hipertrofiado através da ênfase no planejamento sistêmico e no uso de recursos instrucionais. Assim, entende-se tecnologia como uma forma sistemática de planejar, implementar e avaliar o processo educativo, incorporando ao mesmo recursos tecnológicos. Trata-se de tornar mais eficientes as experiências educativas e de difundi-las a um maior número de pessoas, reduzindo os gastos. Os meios tecnológicos, assim como o planejamento racional da educação, constituem os recursos pretensamente neutros utilizados para este fim, fundamentados nos conhecimentos da psicologia experimental, da teoria de sistemas e de comunicação, desvinculados das circunstâncias históricas que os produziram, sem atingir os problemas essenciais da educação.

Dito de outro modo, os vídeos produzidos nesse período voltam-se basicamente para a transmissão de conceitos (em anatomia, fisiologia, histologia etc) e para o desenvolvimento de habilidades técnicas, mostrando de forma linear 'como fazer'. Tal perspectiva se aproxima do 'modelo bancário' da educação descrito por Freire (1977) que concebe o cérebro do aprendiz como um recipiente vazio, mero depósito de conhecimentos transmitidos de forma não problematizada por aquele que detém o conhecimento. A tônica dos vídeos produzidos nesta fase é coerente também com o modelo flexneriano que marca a formação e prática médica, em que a cura se sobrepõe à prevenção, o individual ao coletivo e o biológico é desvinculado das determinações sociais, políticas e culturais.

Não resta dúvida que o modelo 'neutro' e universal não se manifesta apenas nas práticas então vigentes no Nutes, mas permeia as teorias e práticas vigentes no contexto educacional brasileiro. Naturalmente, este modelo não se manifesta de forma monolítica, havendo também no núcleo, trabalhos com posturas mais progressistas que se manifestam em algumas práticas de assessoria, de planejamento e execução de aulas ou de produção de materiais educativos. Entretanto, tais posturas não ganharam visibilidade prevalecendo

o tecnicismo, entendido como a aplicação de modelos que hipertrofiam o lugar da técnica no campo pedagógico. Este modelo, ao despolitizar a educação, excluindo da pauta as influências dos determinantes socioeconômicos e políticos, é funcional para a manutenção do sistema político, com restrição às liberdades democráticas, que desde 1964 imperava no país. Pode-se dizer que, de maneira geral, a atuação do Nutes não se constituiu, em espaço de resistência importante à ordem estabelecida.

O reconhecimento do papel ampliado do profissional de saúde, incluindo sua capacidade de se relacionar com a população, se evidencia em algumas produções do Nutes a partir da segunda metade da década de 1970. Nestas produções, resgata-se como parte das preocupações da atenção médica questões ligadas à subjetividade inerentes a este tipo de relação, resultante de uma abordagem humanista. Trata-se de romper com a divisão estabelecida entre o físico e o emocional, com contornos tão nítidos e ainda hoje muito presentes na formação e nas práticas em saúde. Sob influência dos movimentos de medicina integral e comunitária, inicia-se também a produção de vídeos de caráter preventivo, mas a realidade ainda é vista de forma fragmentada, na medida em que as determinações econômicas e sociais não são contempladas.

Alguns acontecimentos, no início dos anos 80, repercutem nas orientações do Nutes, cujo trabalho passa a se assentar em novas bases conceituais. O núcleo atravessa série crise financeira, reflexo em grande parte da crise econômica do país, o que acarreta, inclusive, a deterioração de suas instalações. Além disso, em 1981, o seu diretor fundador pede exoneração e em 1983 ocorre o término do Clates na UFRJ. A atuação do Nutes na América Latina, principalmente através de cursos de treinamento, diminui consideravelmente. Suas atividades docentes cada vez se afastam mais da extensão e se concentram nos cursos de pedagogia médica e de didática especial que já vinha ministrando, desde 1979, para mestrandos do CCS, bem como no curso de especialização de educação na área de saúde. A assessoria a docentes do CCS perde importância.

Conforme afirma Souza (1983), é por volta de 1980 que a crítica a uma visão reducionista da tecnologia educacional, centrada na autonomia da dimensão técnica do ensino, se instala no Nutes. Este questionamento é parte de um movimento maior, incluindo a crítica aos modelos importados, que ocor-

re no país ao fim dos anos 70, à medida que acontece a sua abertura política. A influência dos teóricos neomarxistas se faz sentir, revestindo as concepções e certas práticas educativas de um cunho político. A escola passa a ser vista como 'aparelho reprodutor da ideologia dominante', e a perspectiva histórico-crítica torna-se hegemônica (Severino, 1986).

A incorporação no trabalho do núcleo das propostas de reforma do sistema educacional e de saúde – Integração Docente Assistencial (IDA) e Ações Integradas de Saúde (AIS) – não significou a consolidação de uma atuação consistentemente crítica, comprometida com transformações sociais. Em primeiro lugar, deve-se lembrar que tais mudanças pressupõem modificações em valores e na própria concepção que se tem do conhecimento, o que é dificultado, entre outros fatores, pelo forte enraizamento em bases positivistas do trabalho do Nutes.

Na análise das atividades desenvolvidas, é importante lembrar que, em sua história, conforme lembrado por Sigaud (1980), muitas vezes o Nutes teve que trabalhar em projetos alheios aos seus objetivos, devido a sua dependência de recursos externos para financiamento. É o caso dos treinamentos – ministrados em convênio com o então Instituto Nacional de Medicina e Previdência Social (Inamps), para pessoal de primeiro e segundo graus – e dos 30 módulos instrucionais de capacitação de recursos humanos da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (Caern) e de vários conjuntos de *slides*-som produzidos para treinamento de operadores de sistemas de abastecimento de água.

Um importante espaço que o Nutes ganhou nos últimos anos refere-se à natureza de sua inserção em projetos. Em sua origem, coerentemente com a descontextualização política e social vigente nas práticas educativas, o núcleo, na maioria dos casos, contribuía com a técnica para viabilizar idéias desenvolvidas por outros: individualizava o ensino, 'treinava' docentes, desenvolvia vídeos para o ciclo básico do CCS. Este quadro foi-se revertendo a partir do final da década de 1980 à medida que se passou a ter como preocupações centrais participar em definições importantes dos projetos, desde a fase de sua concepção, e imprimir aos mesmos uma visão de educação e saúde norteada pelos princípios de equidade e transformação social. O núcleo busca, desde então, um entendimento mais amplo da problemática

educacional e de saúde, em que determinantes sociais, políticos e econômicos ocupam papel central, e é esta a perspectiva que passa a orientar sua participação em projetos.

A dualidade teoria/prática que perpassa as experiências educacionais – que na área de saúde é refletida também no distanciamento ensino/trabalho – bem como a dicotomia que se vem tradicionalmente estabelecendo entre prevenção/cura ocupam lugar privilegiado nas reflexões da equipe, o que se traduz na atividade docente, na participação em projetos e na produção de tecnologias educacionais. E o que é muito importante, cada vez mais se configura no trabalho do Nutes um processo de autocrítica e se criam condições para fazer da avaliação um componente do seu trabalho.

A produção de vídeos mais uma vez é espelho desta orientação modificada. A marca dessa produção, a partir do final dos anos 80, é a conscientização dos profissionais em relação aos determinantes do processo de trabalho em saúde – seja no atendimento à população, seja na prática docente – bem como as possibilidades de transformação da realidade. O conceito de saúde/doença, dentro dessa perspectiva, é modificado, passando a ser entendido como resultante também de condições de vida, conforme definição da VIII Conferência Nacional de Saúde.

Neste novo cenário, os depoimentos de pacientes sobre o atendimento são privilegiados, bem como da equipe de saúde e dos responsáveis pela política e administração do sistema. Em alguns desses vídeos os argumentos são construídos a partir unicamente de depoimentos, enquanto em outros a ficção é utilizada para veicular as mensagens, às vezes com depoimentos intercalando o enredo. Elementos de contradição e de transformação perpassam a estrutura e o conteúdo destes materiais. Conhecimentos básicos sobre os problemas de saúde abordados também são desenvolvidos, ocupando, entretanto, papel secundário em relação ao seu objetivo maior de sensibilização. Alguns destes vídeos foram realizados dentro de um Programa de Integração Ensino-Serviço, a partir de 1987, nas áreas de Tuberculose, Hanseníase, Câncer e Hipertensão Arterial, em convênio com o Ministério da Saúde (MS). Livros textos e conjuntos de *slide*-som também foram desenvolvidos neste programa, em um processo de trabalho coletivo, tendo em vista contribuir para a melhoria do ensino dessas patologias nos cursos de graduação em medicina, todos tendo

como eixo a integração ensino-trabalho. Nesta mesma linha, foi produzido, em 1988, um vídeo, em convênio com o Inamps, dentro do projeto de Assistência Perinatal, retratando a situação do atendimento a gestantes, a partir de diversos relatos. Um outro vídeo que expressa a visão ampliada do Nutes, produzido em 1986, aborda os problemas de saúde e educação com foco na questão da reforma agrária.

Por serem materiais que problematizam a realidade, deixando questões importantes em aberto, considera-se essencial que a exibição desses materiais sejam seguidas de discussões. A possibilidade de os vídeos suscitarem na audiência indagações (profissionais da saúde/alunos de mestrado, profissionais da saúde/docentes universitários) constitui indício de que um dos objetivos principais vem sendo cumprido à medida que se criam espaços de reflexão com vistas à mudança.

A partir da década de 1990 a produção de conhecimentos passou a ocupar lugar central na proposta do Nutes, de forma articulada ao desenvolvimento de projetos de intervenção. A contratação ao longo dessa década de vários docentes com doutorado, e a criação, em 1995, do Programa de Mestrado em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde contribuíram para a consolidação de um ambiente propício ao desenvolvimento de projetos de pesquisa sobre as tecnologias educacionais. Nesse contexto, têm sido desenvolvidos vários estudos sobre a pedagogia da imagem , buscando responder as seguintes questões: como se constrói a intenção pedagógica dos vídeos educativos? O que é na verdade apreendido pela população-alvo a que se destinam? Como se dão as mediações feitas pelos professores e educandos no uso do recurso? Ou seja, sem minimizar a importância de pesquisas sobre os meios em si, verificou-se a relevância de se efetuar um deslocamento para o estudo dos vídeos no contexto de sua produção e recepção.

Com o objetivo de ilustrar esta perspectiva passamos à apresentação de pesquisa sobre o processo coletivo de planejamento de realização de vídeos no Nutes focalizando as concepções sobre vídeo e seu processo de desenvolvimento.

O Processo de Produção de Vídeos: a troca de saberes, a intenção pedagógica e o domínio da linguagem

A elaboração de mensagens utilizando o vídeo se faz a partir de um complexo trabalho conjunto de profissionais com diferentes formações e visões de mundo. O acompanhamento de um trabalho de grupo dessa natureza constitui-se em um grande desafio. Os grupos são compostos por indivíduos inseridos no mundo acadêmico, onde impera a linguagem escrita – no planejamento das aulas e produção dos materiais didáticos – *vis-à-vis* com a tarefa de produzir conhecimento utilizando a linguagem audiovisual que corresponde a um outro tipo de organizador perceptivo. Contam para tanto com a *expertise* do profissional diretor/roteirista para exercer a simbiose entre as duas linguagens. Não obstante a utilização desse recurso, cabe ressaltar que todos nós incorporamos representações audiovisuais, como espectadores ativos que somos de televisão e do cinema. Os elementos destacados visam chamar a atenção para a diversidade dos códigos comunicativos e dos interesses que contribuem para o desenvolvimento do vídeo educativo. São necessárias reiteradas negociações, por exemplo: o diretor/roteirista terá preocupações artísticas muitas vezes não compartilhadas pelos assessores pedagógicos, preocupados com a mensagem didática, que poderá ou não ser concordar com os objetivos de quem demanda o vídeo – o professor assessor de conteúdo – a quem muitas vezes interessam os fatos, conceitos, técnicas etc.

Investigou-se como se constrói a intenção pedagógica na elaboração coletiva de vídeos educativos, por profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Foram acompanhadas duas produções coordenadas pelo Nutes apoiadas por projeto da sub-reitoria de graduação da UFRJ. A aproximação do objeto do estudo foi feita a partir da observação de todas as reuniões que antecederam a elaboração do roteiro do vídeo e de entrevistas com as equipes que participaram da produção – profissionais das áreas clínicas e básicas do CCS, pedagogos/educadores do Nutes e diretores/roteiristas.

O desenvolvimento dos vídeos tem início a partir de um tema bastante genérico, que se torna objeto de trabalho e discussões. A distância entre os idealizadores e os realizadores do vídeo é maior ou menor, dependendo da

organização que se imprime ao trabalho. Há produções em que o roteirista e o diretor discutem a sinopse ou o enredo do filme anteriormente definidos pelos assessores pedagógico e de conteúdo. Em outras produções, como no caso aqui descrito, roteirista e diretor encontram-se presentes na definição das sinopses.

Durante a concepção do vídeo evidenciam-se o embate e as negociações que perpassam esse processo, no qual aparecem geralmente noções conflitantes do conhecimento, da ciência, da educação e da saúde. Diferentes visões são 'postas à mesa'. Um determinado conhecimento – uma patologia, uma técnica, uma tecnologia – trazido nas propostas iniciais dos professores/assessores de conteúdo como elemento central a ser trabalhado no vídeo no decorrer das reuniões vai sendo contextualizado e problematizado até a aprovação do roteiro, dentro de propostas mais amplas, que explicitam sua construção e caráter histórico.

O processo de planejamento conjunto de um vídeo é percebido pelos assessores de conteúdo como um instrumento para gerar interdisciplinaridade 'de forma natural'. O conhecimento deixa de ser a verdade de um indivíduo para ser algo construído no tempo, modificado e acrescentado, resultado de negociação, como se evidencia na fala de um professor de anatomia:

> *sinto que isso é uma universidade quando a gente interage, quando eu digo uma coisa radiológica e você diz uma coisa anatômica, fisiológica, que o pedagogo diz uma coisa, coisa que eu não tinha pensado...* (Marcos, professor de anatomia)

Existe uma tentativa de convencimento, entre os diferentes elementos do grupo, e às vezes o que se decide não é visto por todos como a melhor maneira de se 'fazer a coisa', mas abre-se mão daquela forma de ver, e às vezes até esta outra forma de ver 'mexe com a cabeça':

> *esse tipo de reunião traz um pouco de equilíbrio porque a verdade está sempre no centro e acaba fazendo com que um profissional acabe dando um certo limite para o outro, e o vídeo possa brindar essa questão de trazer várias perspectivas do mesmo tema (...) mesmo que ele não aceite na hora o que você está dizendo, ele vai voltar para casa pensando nisso* (Arnaldo, professor de anatomia)

Neste espaço de discussão, evidencia-se às vezes um monopólio do discurso pelo 'mais poderoso' que corresponde geralmente àquele que tem maior poder de argumentação. O que, naturalmente, não significa que algumas visões não sejam revistas, que não haja modificações em concepções no processo de negociação que antecede a elaboração do roteiro.

Postulam-se, no discurso dos assessores de conteúdo e diretores/roteiristas, limites rígidos para cada profissional em relação ao saber: o conteúdo no âmbito do docente, a forma no do roteirista/diretor. Entretanto, apesar de um discurso que dicotomiza conteúdo e forma, a prática do trabalho em grupo evidencia uma interação constante entre os saberes e um aprendizado ao longo das reuniões no que tange às regras gramaticais da linguagem fílmica, algumas das quais passam a ser, pelo menos parcialmente, do domínio dos diferentes elementos do grupo, deixando de ser monopólio do diretor/roteirista. Ao mesmo tempo, há uma aprendizagem do diretor/roteirista, a partir das discussões e leituras, sobre temas relevantes no contexto da formação do profissional de saúde – modelos de formação prevalecentes, políticas de saúde, organização do sistema.

No decorrer das discussões, aparece constantemente a preocupação didática quem é este aluno para quem se está fazendo o vídeo? Qual o papel do vídeo na atividade educativa? Quais os elementos que servem para motivar o aluno? Em que atividades o vídeo deve ser usado e como? Para os participantes, o vídeo tem uma característica peculiar por seu potencial de promover debates diferentemente das práticas pedagógicas tradicionais. A imagem, percebida como elemento primordial do vídeo, 'faz as coisas mais reais', permite trazer para a sala de aula o 'concreto', motiva o aluno e o estudante. Para este grupo, a imagem em movimento confere ao vídeo um potencial poderoso no campo da educação.

Na percepção dos diretores/roteiristas a linguagem fílmica abre – tudo é permitido, conta-se com recursos como cortes e música para se 'lançar em uma viagem bastante livre', sem compromisso com um dado conteúdo ou mensagem –, enquanto o 'ser educativo fecha'. Os limites são estabelecidos pelo próprio compromisso com o pedagógico, com a 'transmissão' de valores e conhecimentos salvaguardados nos discursos dos assessores pedagógicos e de conteúdo. Relacionado a este aspecto, evidenciou-se certa estranheza

e diversas ressalvas dos assessores em relação aos vídeos, já editados. Deve-se lembrar que após a aprovação do roteiro os assessores se afastam da produção, e a 'transformação em imagens' corre por conta do diretor/roteirista e outros técnicos, em espaços de tempo médio de dois a três meses. Na fala dos assessores, após assistirem aos vídeos já editados, aparecem preocupações quanto a questões importantes não contempladas, ênfases inadequadas e uso indevido de imagens e falas. Percebem na tradução dos conceitos em linguagem fílmica alterações importantes ao que já havia sido aprovado nos roteiros. Mudanças são solicitadas, como a redução de falas e introdução de imagens, algumas das quais são atendidas e outras não, uma vez que implicariam novos gastos – contratação de locutor, novas filmagens etc – e novas negociações. Lembra-se a colocação de Dieuzeide (apud Jacquinot, 1977) de que o meio informa e transforma o conteúdo pedagógico.

Os desafios assinalados são ilustrados pelas reflexões de Jacquinot (1977), estudiosa da semiótica de produções televisivas educacionais francesas. A autora enfatiza que o circuito tradicional da produção, ao dicotomizar pensamento e ação, é um dos principais responsáveis pelo fato de os audiovisuais não utilizarem devidamente o potencial fílmico. Reproduz-se em imagens o modelo didático de sala de aula que deriva no 'didático chato' ou ignora-se a mensagem pedagógica resultando no apenas 'gostoso de se ver'. Com base nas análises realizadas, temos por hipótese que outro fator importante para esta dicotomia refere-se às barreiras de comunicação entre linguagens que têm estruturantes diversos – na academia são eixos do processo didático o formalismo e a organização lógica do conhecimento, enquanto que outros estruturantes, como a estética, essenciais no mundo da comunicação e nas produções fílmicas, não fazem parte do repertório acadêmico. Tem-se como desafio a possibilidade de articulação, de forma dialética, desses estruturantes, facilitada a partir de encontros como o aqui relatado.

A análise do trabalho desenvolvido pelo grupo indicou possibilidades de enfrentamento dessas dicotomias. Observou-se que a intenção pedagógica se transforma a partir das discussões, bem como as relações entre conteúdo e forma. A natureza do grupo – pertencerem a diferentes disciplinas e/ou áreas do conhecimento – é essencial para que algo importante aconteça em termos de construção do conhecimento e diálogo entre as linguagens e disciplinas.

Deve-se ressaltar a importância da presença do indivíduo com um saber sistematizado e reflexões sobre o campo da pedagogia, capaz de facilitar a clarificação e amadurecimento das visões.

Considerações Finais

O resgate da história da tecnologia educacional voltada à área de saúde no Brasil passa necessariamente pelo conhecimento do trabalho do Nutes, dado o caráter pioneiro deste núcleo na área e o espaço que ocupou no decorrer dos anos. Este fato, acrescido da grande demanda dos materiais que tem produzido e dos inúmeros cursos que tem ministrado voltados para a formação de profissionais da saúde, atestam a importância de se proceder a uma análise cuidadosa de todo o trabalho realizado (Sá Brito et al., 1999). Trata-se, em outras palavras, de se pensar e agir dentro de uma concepção de tecnologia educacional – processos e produtos – identificada sempre com a indagação dos fins que se quer atingir, levando-se em conta a sua contribuição para o desenvolvimento de uma cidadania crítica e informada.

A construção coletiva de materiais audiovisuais por profissionais de diferentes campos do conhecimento vai ao encontro do uso das técnicas a serviço dessa proposta na medida em que, conforme relatamos, este pode se constituir como um dos espaços públicos importantes na universidade, *locus* de processos de reflexão, diálogo, negociação e troca de saberes, processos estes conflituosos e consumidores de tempo, mas que encerram em si a possibilidade de reais mudanças nas visões e no estabelecimento de novos caminhos na academia. Cresce o papel do processo em relação ao meio em si, e é nele que se negociam e ganham significado visões do conhecimento, da educação e da aprendizagem.

A integração dos três componentes – o conteúdo, a técnica e a contextualização político-social – bem como a valorização dos processos de produção em si, entendidos como instâncias de negociação e de aprendizado, passam a ser assim referentes no desenvolvimento de tecnologias educativas, dentro de um processo contínuo de reflexão sobre o trabalho desenvolvido, articulado à produção de conhecimentos. Pesquisas como a aqui relatada vêm

ao encontro da necessidade de se problematizar os usos das tecnologias, e de se valorizar a incorporação das mesmas em processos educativos em saúde, favorecendo a formação de cidadãos mais críticos.

Referências Bibliográficas

FONTANIVE, N. Modelo de aprendizagem para o domínio de Benjamim Bloom: uma experiência de utilização. *Tecnologia Educacional, Associação Brasileira de Tecnologia Educacional-ABT*, 35: 27-35, jul.-ago., 1980.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GIROUX, H. *Teoria Crítica e Resistência em Educação.* Petrópolis: Vozes, 1983.

JACQUINOT, G. *Image et Pédagogie.* Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

LOBO, L. C. G. *Implantação do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde e do Centro Latino Americano de Tecnologia Educacional para a Saúde.* Rio de Janeiro: Nutes/UFRJ, 1970. (Mimeo.)

SÁ BRITO, D. T. & SIQUEIRA, V. H. F. Construção coletiva e utilização de material instrucional para o ensino médico: uma proposta de integração ensino-serviço. *Educación Medica y Salud*, 27(1): 123-135, jan.-mar., 1993.

SÁ BRITO, D. T. et al. Demanda clientela multiprofissional: influências e desafios para um mestrado em tecnologia educacional nas ciências de saúde. *Cadernos de Saúde Pública*,15(supl. 2): 45-53, 1999.

SEVERINO, A. J. *Educação, Ideologia e Contra-Ideologia.* São Paulo: EPU, 1986.

SIGAUD, M. A. *Educactional Technology in Brazil: a transactional analysis of Nutes/Clates.* Rio de Janeiro: Nutes/UFRJ, 1980. (Mimeo.)

SIGAUD, M. A. O ensino no ciclo básico: uma abordagem integrada. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FISIOLOGIA DE SOCIEDADE BRASILEIRA DE FISIOLOGIA, XVI, Rio de Janeiro, 4-7 abr., 1982.

SIQUEIRA, V. H. F. O vídeo educativo no trabalho do Nutes: uma visão crítica. *Revista da Associação Brasileira de Educação Médica*, 22(2/3): 77-82, set.-dez., 1998.

SIQUEIRA, V. H. F. Processos coletivos de construção de vídeos educativos na área da saúde: explicitação da intenção pedagógica e diálogo de saberes. *Revista Cultura Vozes*, 94(4): 88-97, 2000.

SOUZA, A. A. Tecnologia educacional na área da saúde. *Tecnologia Educacional, Associação Brasileira de Tecnologia Educacional – ABT*, XII(54): 23-28, set.-out., 1983.

4. Experiências de Desenvolvimento e Avaliação de Materiais Educativos sobre Saúde: abordagens sócio-históricas e contribuições da antropologia visual

Denise Nacif Pimenta, Anita Matilde Silva Leandro & Virgínia Torres Schall

Introdução

O desenvolvimento e a avaliação de materiais educativos sobre saúde são de fundamental importância para saúde pública. Na área da educação e da saúde, a avaliação e o desenvolvimento de materiais informativos têm-se tornado uma prática fundamental, através da sistematização e do surgimento de metodologias específicas e abordagens transdisciplinares. Neste artigo, explicitaremos como as abordagens sócio-históricas e as ciências humanas têm contribuído para o desenvolvimento e avaliação de materiais educativos na saúde. Relataremos a experiência de desenvolvimento e avaliação de materiais informativos do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas/IOC/Fiocruz) – situado no Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro – e do Laboratório de Educação em Saúde (Labes/CPqRR/Fiocruz) – situado no Centro de Pesquisas René Rachou, Belo Horizonte, Minas Gerais – como exemplos de metodologias transdisciplinares dessas abordagens. Finalmente, incluiremos um exemplo de avaliação de materiais educativos, especificamente vídeos sobre leishmaniose, nos quais por meio da contribuição da antropologia visual, abordaremos o uso de imagens da área da saúde.

A grande maioria de materiais educativos em saúde lança mão de recursos visuais, através de imagens estáticas (fotos, ilustrações, materiais impressos etc.) ou em movimento (vídeos, animações, CD-ROM etc.). Portanto, abordaremos a transdisciplinariedade da área de saúde, ciências humanas e artes, por meio do uso de imagens aplicado ao desenvolvimento e avaliação de materiais educativos na saúde.

Abordagens e Experiências Transdisciplinares em Educação e Saúde

Há mais de duas décadas o grupo que deu origem ao Leas/IOC/Fiocruz/ iniciou uma linha de pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos sobre saúde. Estudos realizados a partir de 1982 em escolas de Ensino Fundamental e Médio da cidade do Rio de Janeiro apontavam a necessidade de intervir na realidade. Sendo assim, em 1983, foi desenvolvido o primeiro material educativo do Leas,[1] através de produção e avaliação compartilhada com professores e alunos de escolas de uma área considerada um foco isolado de esquistossomose, no bairro Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro.

A partir do convívio semanal nas escolas, durante três semestres, foi possível conhecer de perto uma amostra da realidade da prática educacional, tendo sido evidenciado um enfoque prescritivo e memorizador e a ausência de materiais de qualidade para o trabalho em sala de aula. Tais evidências foram mais tarde confirmadas por avaliações oficiais, pois os resultados demonstraram a ineficiência da prática educativa no Ensino Fundamental, mesmo naquilo que tradicionalmente era o seu objetivo principal: o de transmitir conhecimentos. Exemplo disto encontra-se no relatório sobre a 'pesquisa de avaliação do ensino básico (Saeb) na rede municipal pública' da cidade do Rio de Janeiro (Locatelli, 1995), que incluiu uma amostra de 13.435 alunos das primeira, terceira, quinta e sétima séries do primeiro grau. Considerando-se a área de ciências, a qual, no primeiro grau, contemplava tradicionalmente as questões de saúde e meio ambiente, constatou-se a predominância do ensino memorizador, exigindo-se dos alunos apenas nomes de órgãos, de doenças e de agentes patogênicos. Em relação aos resultados das provas de ciências, como comenta Locatelli (1995: 3-4): "percebe-se que os alunos sequer reconhecem ou compreendem aspectos fundamentais do ensino da área, não podendo, aplicá-los à vida cotidiana", sendo imperioso discutir com os professores os conteúdos trabalhados e as metodologias empregadas, as quais parecem não serem passíveis de compreensão pelos alunos.

Naquela época, o nosso projeto objetivava principalmente transformar as práticas tradicionais de ensino, construir conhecimentos contextualizados e

[1] Livro infanto-juvenil: *O Feitiço da Lagoa*, de Schall (1986).

refletir sobre aspectos socioculturais e econômicos relacionados à saúde em geral e à esquistossomose, em particular, como descrito por Schall (1987, 1989a) e Schall et al. (1987a). Foi um trabalho pioneiro que integrava a saúde como tema transversal ao currículo, perspectiva que apenas recentemente foi recomendada pelo Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil/SEF, 1997, 1998). Ao mesmo tempo, foram também concebidos e realizados cursos de atualização de professores em educação em saúde, em alguns dos quais contamos com a presença da professora Hortênsia de Hollanda, que nos deu importantes orientações, lições de práticas libertadoras, da importância da participação da população nos processos educativos, da construção compartilhada de conhecimento etc., como relatado em entrevista a Schall (1999). Tais cursos continuaram a acontecer no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte (Schall, 1995) e em várias partes do país (Grynszpan, 1999). Este trabalho, focalizado primeiramente nos espaços de educação formal, expandiu-se posteriormente para os materiais e estratégias voltados para os profissionais de saúde, seja no Leas como no Laboratório de Educação em Saúde (Labes), criado em 2001 no Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR), Fiocruz, Belo Horizonte. Desde então, as equipes dos laboratórios desenvolveram e avaliaram diversos materiais, dentre eles, coleções de livros, jogos, CD-ROMs, vídeos, manuais, cartilhas, bem como várias publicações científicas comentadas no decorrer do texto.

A produção da década de 1980 esteve orientada pela ampliação da pressão política para a redemocratização e a conseqüente retomada da discussão educacional e pedagógica que dava lugar a novos rumos de reflexão em busca de uma nova educação, emergindo um pensamento pedagógico comprometido com uma visão mais democrática e socialista de mundo, substituindo as teorias crítico-reprodutivistas e as correntes da pedagogia nova, como destaca Freitas (1994). Neste contexto, a grande maioria dos educadores passou a participar mais ativamente das discussões sobre as práticas educativas e o papel das escolas na sociedade, contemporizando os interesses populares e o exercício da democracia, assumindo, assim, posturas mais críticas, comprometidas com a necessidade de transformações sociais e econômicas.

A orientação da proposta de educação em saúde em desenvolvimento pelas equipes do Leas fundamentava-se na abordagem sócio-histórica presen-

te nas idéias de Vygotsky (1991), as quais permitem uma explicação ampla da gênese da linguagem e do pensamento, contemplando os aspectos cognitivos e subjetivos da criança e a influência do contexto histórico e cultural. Esta ênfase interacionista foi privilegiada na prática desenvolvida nas escolas, influenciada pelos estudos de orientação vygotskiana como os de Wertsch (1986, 1988), Forman e Cazden (1987), Cole e Scribner (1984), associados aos de autores nacionais, como Dietzsch (1988), Smolka (1991), Freitas (1994) e Assis (1995), dentre outros. Uma outra contribuição relevante que foi considerada, pautou-se nas idéias de Piaget (1978, 1988), outro teórico interacionista que, embora divergente da corrente sócio-histórica quanto à gênese do desenvolvimento da linguagem e pensamento, apresentou estudos observacionais sobre o desenvolvimento do juízo moral na criança, enquanto parte da vida afetiva, enfatizando a importância da escola no desenvolvimento de atitudes como as de cooperação e respeito mútuo, fundamentais para a formação do sujeito consciente de seu papel de cidadão. Neste sentido, a sua obra tem sido referência para as questões éticas e do papel do professor, ao se considerar a relação entre afetos e cognição na construção de conceitos e valores relativos à saúde na escola. A psicanálise também fundamentava a nossa proposta, ao explicitar o papel da palavra na compreensão dos afetos e motivos inconscientes que conduzem a uma ação, devolvendo ao sujeito humano, "não apenas seu discurso, mas a autoria de sua palavra e o lugar do seu desejo no confronto com a realidade", como argumenta Jobim e Souza (1994). Além disso, a psicanálise ressalta a importância da relação afetiva entre a criança e o professor, esclarecendo o processo de transferência do amor ao mestre (que é o primeiro objetivo da criança na escola) para o amor à tarefa (aprender), o qual requer um relacionamento construtivo em sala de aula (Ekstein & Motto, 1969).

Fundamentados por tais abordagens, os estudos desenvolvidos integravam profissionais de várias especialidades, trabalhando de modo transdisciplinar.[2] A transdisciplinariedade, como a própria palavra já diz: 'trans' ou 'para um além', faz pensar uma interação entre as disciplinas, na qual cada uma delas

[2] A transdisciplinariedade é um tema extenso e complexo com ampla literatura científica (Iribarry, 2003; Japiassu, 1976; Nicolescu, 2000). No âmbito deste capítulo, não iremos entrar em maiores detalhamentos, apesar de sua importância para área de saúde.

busca um além de si, um além de toda disciplina. Faz emergir da confrontação e do contato entre as disciplinas dados novos que se articulam. A transdisciplinariedade não procura o domínio sobre outras disciplinas, mas a abertura de todas àquilo que as atravessa e ultrapassa (Iribarry, 2003). Assim, as ciências exatas, da saúde, humanas e artes podem e devem promover encontros e trocas. Nossas práticas têm-nos mostrado que a transdisciplinariedade pode conter inúmeras riquezas, fundindo diversas áreas do saber em saúde, como demonstramos em nossas experiências: abordagens sócio-históricas, a psicanálise, a antropologia, o cinema, a educação, a comunicação, a literatura e as artes. Desta forma, buscamos transcender as barreiras impostas pelas disciplinas e responder a perguntas que somente uma especialidade não consegue responder – reflexo do objeto complexo de pesquisa: o ser humano.

Associado a esse compartilhamento de saberes, desde o início, percebeu-se a fecundidade dos recursos lúdicos, como histórias e jogos para crianças, e sua capacidade de contemplar as premissas teóricas adotadas para desenvolver conceitos, valores e atitudes contextualizados na realidade do aluno, desde que conduzida por um professor bem preparado. De modo a conhecer e a compreender o alcance dos objetivos pretendidos com o desenvolvimento dos novos materiais, foram também delineados estudos que permitissem observar o potencial dos textos literários e dos jogos para mobilizar a afetividade dos alunos e o seu envolvimento pessoal, contribuindo para uma participação mais ativa e subjetiva no assunto focalizado. Tais materiais também buscavam estimular situações de intercâmbio enriquecedoras, com ênfase na busca de soluções coletivas para os problemas abordados (Schall et al., 1987a; Schall, 1995). Os recursos lúdicos tornam possível a identificação do aluno com um ou mais personagens das histórias, ou na situação coletiva de um jogo, situações de sua própria vida são evocadas, gerando diálogos sobre o seu cotidiano, suas práticas, os riscos a que está sujeito em seu ambiente, enfim, promove-se uma reflexão sobre a sua saúde e a sua vida, num contexto de troca com os colegas e o professor. Neste clima, pode emergir a construção de novos conceitos científicos sobre prevenção e cuidado com a saúde, assim como sobre práticas a serem evitadas e soluções coletivas a serem implementadas a partir de movimentos comunitários e de iniciativas da própria escola.

Além disso, no âmbito das escolas, buscamos aliar a perspectiva de Paulo Freire (1975, 1979) ao modo de trabalhar com os recursos lúdicos, priorizando a construção coletiva do conhecimento, estimulando a busca de maior autoconhecimento, do aflorar da singularidade de cada um, contribuindo para uma organização cooperativa e solidária, em que as aptidões individuais se somem e o respeito e a igualdade de oportunidades seja favorecido. Havia a intenção de estimular os alunos para a percepção do valor das atividades coletivas, as quais podem tornar possível a melhoria das condições da própria escola e a participação das famílias em questões que afetem as suas comunidades, naquilo que se refere à saúde, à vida e ao ambiente em seu entorno. Tais objetivos, bastante ambiciosos, estavam presentes nos textos que sempre acompanharam os materiais educativos desenvolvidos, destinados aos pais e professores, assim como nas sugestões bibliográficas referenciadas em nossos pressupostos teóricos.

A partir das perspectivas anteriormente referidas, foram desenvolvidos e avaliados diversos materiais educativos, como as coleções de livros infanto-juvenis paradidáticos que abordam a saúde, o meio ambiente e a vida – Ciranda da Saúde, Ciranda do Meio Ambiente e Ciranda da Vida.[3] Também com jovens foram empreendidas algumas experiências dentro desta perspectiva, inseridas em pesquisas que conduziram à elaboração de novos materiais educativos, como o jogo Zig-Zaids,[4] destinado à prevenção da Aids entre pré-adolescentes e adolescentes, e o Jogo da Onda,[5] que questiona o uso indevido de drogas (Monteiro, Rebello & Schall, 1994). Tais experiências requeriam avaliação e desta forma foram iniciadas pesquisas nesta direção. Alguns artigos publicados atestam os processos de desenvolvimento e avaliação empreendidos, como em Schall et al. (1999); Monteiro e Rebello (2000); Rebello, Monteiro e Vargas (2001); Vargas et al. (2002); Monteiro, Vargas e Rebello (2003); Schall e Diniz (2001); Luz et al. (2003); Luz, Schall e Rabello (2005). Algumas destas produções e pesquisas, sobretudo as relacionadas à Aids, estão referidas

[3] Virgínia Schall organizou as três coleções de livros: Ciranda da Sáude, editada pela Antares em 1986, Ciranda do Meio Ambiente e Ciranda da Vida, editadas pelas Memórias Futuras.

[4] O jogo Zig-Zaids foi criado e testado por Simone Monteiro, Sandra Rebello e Virgínia Schall, sendo publicado pela Editora Salamandra em 1990 e atualizado em 1995 e 1999.

[5] O Jogo da Onda foi desenvolvido por Sandra Rebello e Simone Monteiro e publicado pelas Edições Consultor em 1998.

por Pimenta, Leandro e Schall (2003), nesta coletânea, contextualizadas por importantes reflexões e perspectivas.

Para além do cenário das escolas, encaminhamos novas pesquisas com vistas à análise, desenvolvimento e avaliação de materiais educativos voltados para profissionais de saúde. Um dos requisitos importantes no processo de capacitação dos profissionais e de prevenção através de campanhas públicas é a disponibilidade de materiais informativos de qualidade, como manuais, cartilhas, folhetos, cartazes e vídeos, que podem servir de instrumentos auxiliares valiosos, contribuindo na rotina do serviço de saúde, bem como nos programas de controle envolvendo a população. Entretanto, para se constituírem como recursos pedagógicos efetivos, é importante que tais materiais sejam elaborados dentro de critérios bem definidos, precedidos e subsidiados por investigações, bem como avaliações posteriores.

Foi avaliada a produção de materiais educativos sobre esquistossomose e constatados numerosos equívocos, além da repetição de erros em sua concepção e reprodução ao longo de décadas. Em outro trabalho, Luz et al. (2003) analisaram as representações gráficas da leishmaniose em materiais educativos, como parte de um grande projeto de capacitação de profissionais de saúde em Minas Gerais (Luz, 2003). Os resultados dessa pesquisa nos alertaram quanto a um processo de imposição de discursos e reprodução de preconceitos a partir do uso de imagens, como desenhos e fotografias com forte presença de uma estética grotesca. Isso motivou Pimenta (2003) a ampliar o universo de investigação e a questionar a eventual participação das imagens em movimento na constituição de toda uma cultura visual em torno da doença. Desse modo, o estudo de Pimenta deu continuidade ao trabalho anterior, trazendo o debate para o campo da antropologia visual, do corpo e dos estudos cinematográficos. Julgamos de fundamental importância a problematização do desenvolvimento e avaliação do uso de imagens na saúde já que a grande maioria de materiais educativos faz amplo uso de recursos visuais. Assim, como uma das mais recentes pesquisas do grupo no campo da avaliação, esse estudo será apresentado de modo detalhado a seguir, como um exemplo da necessária problematização das ideologias e discursos hegemônicos presentes nos materiais analisados e estímulo à experimentação e desenvolvimento de novas alternativas, estratégias e ações pedagógicas no campo da saúde.

Avaliação de Materiais Educativos: a perspectiva da antropologia visual

Apesar de quase meio século de discussão sobre o audiovisual pela antropologia, sem falar na própria teoria cinematográfica, que vem pensando o estatuto das imagens por mais de um século, na prática, o que se constata é ainda uma apropriação desproblematizada das imagens em contextos de educação, como acontece no campo da saúde pública. Pinto (2000: 46) ressalta esse problema nas salas de aula das faculdades de medicina, onde

> os recursos visuais são um importante elemento estrutural na transmissão acadêmica do saber médico (...) e a sua utilização costuma ser naturalizada pelos agentes do ensino médico, que vêem neles uma forma 'neutra' de ilustração ou demonstração de seu discurso.

Aqui podemos evidenciar diferentes tendências positivistas da medicina, como a primazia absoluta do empirismo, naturalização e objetividade do discurso médico.

Estes fatos conjugados com os usos e representações da imagem pela medicina, também de cunho fortemente positivista, calcados na ilustração e demonstração, evidenciam relações complexas entre ciência e espetáculo, onde a forma de conhecimento científico se dá principalmente pelo 'ocularcentrismo':

> A importância das imagens na prática médica atingiu tal ponto que, mesmo quando o paciente está realmente presente, a análise dos exames de imagem possui mais valor que os dados do exame clínico o anamnese. Tal fato acaba por inverter a função da imagem, que em princípio, consiste em trazer à presença algo ausente, fazendo com que ela acabe por afastar ou abafar algo existente e presente. (Pinto, 2000: 58)

Noções como saúde e doença se referem a fenômenos complexos que conjugam fatores biológicos, sociais, econômicos, ambientais e culturais. A complexidade do objeto assim definido transparece na multiplicação de discursos sobre saúde que coexistem atualmente, privilegiando diferentes fatores e metodologias, e construindo, cada qual, seus próprios discursos. A antropologia tem apontado os limites e insuficiências da tecnologia biomédica quando se trata de mudar de forma permanente o estado da saúde de uma população. Ela nos revela que este estado tem estreita ligação com o modo de vida das populações e seu universo social e cultural (Uchôa et al., 2000: 1530). Como

lembra White (2002: 81), "o papel da antropologia seria restituir aos fenômenos biológicos sua verdadeira natureza social, desconstruindo a indevida 'naturalização' empreendida pela ciência".

No que se refere à antropologia visual, seu impulso no Brasil se deu a partir dos anos 90, sendo campo ainda em consolidação como uma ciência social da imagem e do visual. A utilização das imagens dentro dessa nova disciplina, quer como objeto, quer como meio na pesquisa social, requer um certo rigor conceitual. Aliás, a ausência de aparato teórico aprofundado e abrangente em situações específicas de apropriação do audiovisual em contextos educativos e etnológicos tem aparecido na literatura como constante ponto de problematização (Koury, 2001; Leandro, 2001; Piault, 2001).

Para Samain e Sôlha (1987: 5) trata-se de "re(pensar) o *status* não meramente ilustrativo mas também científico de uma antropologia visual que, reconhecemos, tem ainda que conquistar suas credenciais". Já em 1948, Leroi-Gouhran lançava o debate, com a seguinte questão: "Quando será que aquilo que um antropólogo escreve com a película sobre um assunto dado será aceito como dissertação ou tese final de doutorado?". Margaret Mead (1975) também já expressava a resistência da antropologia, disciplina baseada na escrita, em aceitar e reconhecer que os multimeios modernos (som, fotografia, vídeo, cinema), quando utilizados pelas ciências sociais, podem ir muito além da simples função 'ilustrativa'.

Conjugando esses debates sobre o corpo e a imagem, dentro da antropologia, podemos levantar a seguinte questão: como pensar o corpo e suas imagens? De acordo com Malysse (2002: 68), a antropologia visual do corpo torna-se uma metodologia multidisciplinar que pretende inventariar as lógicas sociais e culturais que se encontram na corporalidade e na gestualidade humana, pois o corpo apresenta-se como um espelho do social. Pois, se o corpo é um 'espelho social', como interpretar suas imagens? Como pensar as relações contextuais que se estabelecem entre o visual, o corporal e o cultural? Ao longo do séculos XIX e XX, a fotografia e o cinema contribuíram para fabricar a noção de corpo tal como percebemos hoje. A emergência da antropologia visual é indissociável das diversas noções de imagens do corpo na antropologia. Essas 'imagens do corpo' podem ser pensadas como uma representação fotográfica ou videográfica, considerada como uma representação social

do corpo, uma visão desse "real cheio de irreal" (Merleau-Ponty, 1945) compartilhada socialmente.

Pensando as imagens do corpo, Malysse (2002: 72) ressalta a idéia de que "nem a imagem, nem o corpo podem servir de provas na pesquisa científica (...). Para escapar às armadilhas das ilusões do real é preciso libertar-se da tradição do olhar como registro do real e pensar novamente a imagem, descobrindo seu valor inicial". Assim, a antropologia visual do corpo

> pretende passar do índice (imagem do corpo) ao ícone (imagem cultural do corpo), viabilizando a descrição das culturas visíveis do corpo (o que pode ser visto do corpo numa cultura) e investigando as várias iconologias do corpo considerando as imagens do corpo como representação sociais que reliam os indivíduos à sociedade, e o índice ao símbolo.

Com esse novo arcabouço teórico-metodológico, essa abordagem pode "abrir espaço para uma vertente experimental, consciente de um 'novo fazer' gerando subsídios necessários à elaboração de metodologias específicas do uso dos multimeios nesse campo" (Samain & Sôlha, 1987: 6).

Os Vídeos e a Metodologia de Análise

Considerando os aspectos anteriormente referidos, Pimenta, Leandro e Schall (2003) se propuseram a utilizar referenciais da antropologia visual, do corpo e do cinema para analisar as representações da leishmaniose presentes em vídeos educativos. Como coloca Vanoye e Goliot-Lété (1994: 23),

> analisar um filme é também situá-lo num contexto, numa história. E, se consideramos o cinema como arte, é situar o filme em uma história das formas fílmicas (...) Assim, os filmes inscrevem-se em correntes, em tendências e até em 'escolas' estéticas, ou nelas se inspiram *a posteriori*.

Desta forma, trouxemos a categoria estética do grotesco para a análise das formas e conteúdo fílmico utilizado nos vídeos educativos sobre leishmaniose, buscando compreender suas conseqüências discursivas e suas formas de representação imagética.

Realizamos uma análise crítica de vídeos educativos e institucionais sobre as leishmanioses distribuídos no Brasil. Examinamos 14 vídeos educativos,

onde esses foram decupados e analisados por seqüência, tanto do ponto de vista do conteúdo narrativo, ou seja, dos discursos elaborados, quanto do ponto de vista da forma. Na tabela a seguir segue a relação dos vídeos, sua data, duração e instituição de origem:

Tabela 1 – Vídeos sobre leishmaniose analisados por Pimenta, Leandro e Schall (2003).

Título	Data	Duração (min.)	Instituição
Leishmaniose tegumentar	1981	10	Instituto de Biologia e Departamento de Parasitologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Laboratório Interdisciplinar para a Melhoria da Comunicação (Limec)
Leishmaniose tegumentar americana e Leishmaniose visceral	1983	21	
Leishmaniose	1983	48	
Diagnóstico laboratorial	1995	38	
Sanitarismo	1986	22	Globo Vídeo
Mosquitos	1986	28	
Dermatologia	1992	17	Mato Grosso do Sul/TV educativa
Projeto de controle de doenças endêmicas no Nordeste-PCDEN	1992	19	Studios Design Filmagens e Produções e PCDEN/FNS
Os benefícios da biotecnologia para os consumidores	1994	20	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)
Calazar	1992	9	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Secretaria Municipal de Natal
O controle das leishmanioses	1991	38	Ministério da Saúde e Fundação Nacional da Saúde
Leishmaniasis	1990	18	The Special Programme for Research and Training in Tropical Diseases (TDR)/Organização Mundial da Saúde (OMS)
Leishmaniose	1993	12	EMA vídeos (Coleção Saúde); Estação Ciência
Série Academia Amazônia	1992	5	Universidade do Pará

Representações Audiovisuais das Leishmanioses

Há uma questão que consideramos crucial para a educação em saúde mediada pelo audiovisual e que diz respeito à pedagogia das imagens: o cinema ou o vídeo não deveriam ser colocados a serviço da mera ilustração de conteúdos de cursos ou de pesquisas científicas. Essa 'pedagogia do transporte', tão antiga quanto nociva, favorece apenas a imposição de discursos alheios às imagens, o discurso pedagógico, o discurso científico (Leandro, 2001). O mundo sensível, que deveria então ser revelado pelas imagens visuais e sonoras, acaba submerso. E assim, muitas vezes, vemos um vídeo educativo em saúde como se estivéssemos lendo um relatório médico acompanhado de *slides*.

No começo do novo milênio, torna-se cada vez mais evidente que o grotesco é algo recorrente não apenas nas artes, como também na vida contemporânea, com um retorno preponderante na televisão, sem que se registrem estudos compreensivos sobre o fenômeno. Com exceção de estudos clássicos de Bakhtin (1987) e Kayser (1986), existem poucos trabalhos voltados para o estudo do grotesco, quase todos dentro da análise literária. Em *O Império do Grotesco* (2002), Sodré e Paiva trabalham o tema especificamente no cinema e na televisão cujos pactos simbólicos com o grande público privilegiam o grotesco chocante. Numa perspectiva crítica, os autores demonstram como o grotesco é uma categoria estética na qual sobressai a tensão dos estados fronteiriços – o humano e o animal, o corpo e o espírito, a natureza e a cultura.

Com relação à leishmaniose tegumentar, todos os vídeos analisados continham, de alguma forma, uma ênfase muito forte na imagem em *close* de feridas ou membros desfigurados. Esse grotesco 'chocante' e escatológico é voltado apenas para a provocação superficial de um choque preceptivo com intenções sensacionalistas. Aqui aspectos monstruosos do corpo grotesco são ressaltados com imagens de feridas, por exemplo, nas quais o corpo grotesco é aberto, inacabado, desfeito e em decomposição. Como afirma Le Breton (1995), o fascínio pelo corpo em seus aspectos monstruosos coloca em relevo a questão da maleabilidade do eu. Entre os diferentes tipos de subjetividade, a confusão de fronteiras põe em cheque noções rígidas e acabadas do sujeito.

O monstro evidencia o cruzamento de fronteiras entre o humano e inumano, cultura e natureza, entre diferentes tipos de subjetividade. Mary Douglas (1976) também faz uma interessante analogia entre as reações de impureza com a transgressão ou a violação de esquemas de categorização cultural. Assim, objetos ou seres que provocam dúvida de categorias (eu/não eu, dentro/fora, vivo/morto), incompletos em sua classe, bem como sem forma (como a sujeira), provocam nojo, noções de impureza e de distanciamento.

O monstro expressa a preocupação cultural com a diferença, a alteridade e a limiaridade. Silva (2000: 20) evidencia bem essa questão, afirmando que "a pedagogia dos monstros recorre aos monstros para mostrar que o processo de formação da subjetividade é muito mais complicado do que nos fazem crer os pressupostos sobre o 'sujeito' que constituem o núcleo das teorias pedagógicas – críticas ou não". O grotesco é quase sempre o resultado de um conflito entre cultura e corporalidade. Bakhtin (1987) fala em 'corpo grotesco', ou seja, uma corporalidade inacabada, aberta às ampliações e transformações, e que se opõe, portanto, ao fechado monumentalismo do corpo clássico.

Verificamos nos vídeos analisados uma forte estética televisiva e ao mesmo tempo grotesca. A narrativa segue o padrão clássico, com histórias contadas com princípio, meio e fim. A voz *off* ou voz do interlocutor é amplamente utilizada, ditando o sentido do que está sendo apresentado, o que não acontece sem implicações ideológicas importantes. Constatamos também um certo exibicionismo da técnica, com a utilização de vários efeitos de montagem que visam à exaltação do discurso científico e pedagógico. Porém, paradoxalmente, com exceção do vídeo *O controle das Leishmanioses*, do Ministério da Saúde, a qualidade técnica da imagem e do som é, geralmente, incompatível com a objetividade do discurso veiculado (imagens fora de foco, som inaudível e repetição do mesmo plano sem nenhuma justificativa estilística). Tudo isso pode ser observado na série *Leishmaniose tegumentar americana e Leishmaniose visceral*, da Unicamp. Todos os vídeos tendem a reproduzir discursos internos, como se tratassem de produções dirigidas exclusivamente aos seus próprios realizadores. Notamos também nos quatro vídeos que, apesar de serem realizados em épocas diferentes, utilizam as mesmas imagens. *Leishmaniose* contém cenas de *Leishmaniose tegumentar americana* e de *Leishmaniose visceral,* que, por sua vez,

reutilizam algumas cenas de *Diagnóstico laboratorial.* Schall e Diniz (2001: 37) alertam para essa reutilização acrítica das imagens, lembrando que "muitos dos materiais informativos sobre doenças produzidos no Brasil têm se configurado como cópias uns dos outros, perpetuando erros há décadas".

Emoções em Jogo: terror ou empatia?

Bill Nichols (1991) afirma que as imagens 'educam pela emoção', tentando internalizar valores morais muito complexos para serem expostos em panfletos, jornais ou livros. O autor questiona nosso engajamento em certas representações, aceitando-as com naturalidade, "uma vez que, nos filmes, as histórias são organizadas segundo um fluxo de eventos que não é natural, mas social e cultural" (1991: 267). Também nas análises dos vídeos sobre as leishmanioses, percebemos que as representações são, muitas vezes, dadas como 'aulas gravadas' e como 'reais'. Todavia, vemos que são sempre construções e representações de uma dada realidade, passíveis de interpretações e fortemente carregadas de discursos que escapam à objetividade realista e naturalista. Como ressalta Piault (2001: 151,161), "não há imagem sem *mise en scène* (...) Não é possível dissociar a descrição da interpretação, e o que nós produzimos não é uma simples reprodução do real, mas necessariamente uma impregnação de sentido". O que é construído vem do que é percebido, do que passa a se exprimir ao olhar e à escuta. Ainda de acordo com Piault, uma câmera sensível "não se impõe como intérprete e fonte privilegiada do saber, mas se propõe como mediadora participante do jogo da vida" (2001: 166).

No vídeo *Leishmaniose tegumentar*, temos dez minutos de entrevista gravada em estúdio, onde um pesquisador que contraiu a leishmaniose durante seu trabalho na Amazônia relata sua experiência como pesquisador e como doente. Esse vídeo é quase todo realizado com apenas um plano-sequência, com câmera fixa e enquadramento em primeiro-plano. Há somente três mudanças de plano, quando o pesquisador mostra a sua lesão para a câmera. O tema é apresentado como uma entrevista jornalística, feita em estúdio, com fundo neutro (durante quase todo o vídeo vemos o pesquisador sentado entre dois entrevistadores). Após a longa entrevista, há um depoimento de história de vida de um funcionário da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), que tam-

bém contraiu a doença trabalhando em campo, mas que não foi corretamente diagnosticado e conviveu com a doença por quase 10 anos. Aqui a câmera se fixa em *close* sobre o rosto do personagem, insistindo sobre os estragos que a doença pode causar. Esta entrevista também acontece num ambiente neutro, provavelmente um estúdio, deslocando de seu contexto a situação de sofrimento relatada. Abstrai-se assim a vida do personagem, que se torna um caso clínico, uma mera ferida, mostrada em *close*.

Esse tipo de exploração da imagem do outro, do Outro como 'Doente', suscita questões de ordem ética: como trabalhar as imagens dos Outros sem tipificá-los, sem estereotipá-los, sem rotulá-los e, sobretudo, sem subtrair-lhes sua identidade? Como não fazer do rosto do Outro o rosto do típico, deixando com isso escapar a singularidade das forças e das paixões que o animam? É preciso desconfiar da universalidade e da naturalidade dos traços expressivos que o rosto pode carregar. Deleuze e Guattari compreenderam bem o sistema de apropriação do rosto pelo cinema: o *close* pode tanto fazer com que o rosto reflita a luz quanto, ao contrário,

> mergulhá-lo na mais impiedosa obscuridade (...). O *close* de cinema trata, antes de tudo, o rosto como uma paisagem (...) O rosto não age aqui como individual, é a individuação que resulta da necessidade que haja rosto. O que conta não é a individualidade do rosto, mas a eficácia da cifração que ele permite operar. Não é questão de ideologia, mas de economia e de organização de poder. (Deleuze & Guattari, 1996: 38-42)
>
> Essa máquina é denominada de máquina de rostificação porque é produção social de rosto, porque opera uma rostificação do corpo todo, de suas imediações e de seus objetos, uma paisagificação de todos os mundos e meios (...) Se o rosto é uma política, desfazer o rosto também o é (...) desfazer o rosto é o mesmo que atravessar o muro do significante, sair do buraco negro da subjetividade. (Deleuze & Guattari, 1996: 49, 58)

Arthur Omar (1997: 11) também opera questionamentos sobre o rosto afirmando que

> o milagre do rosto é materializar esses mundos virtuais que refletem nos olhos, na expressão de cada personagem, esse é o sentido da antropologia, um meticuloso trabalho de garimpo, registro e construção de um povo por vir, com suas tribos e seus mundos virtuais, mundos terríveis, banais, lúbricos, melancólicos.

Pensando novamente o corpo e suas articulações com a história moderna da medicina, literatura e cinema, David Le Breton (1995: 55-65) mostra que a 'síndrome de Frankenstein' está entre nós, no vínculo que formulamos com o corpo. "Como os outros anatomistas, Frankenstein é fascinado pelos cadáveres e pela articulação complexa da carne; as incidências, a morte sobre o vivo suscita nele uma deliciosa curiosidade da qual ele não se cansa". Essa contaminação mútua de morte e vida, que ao mesmo tempo seduz e horroriza, está, segundo o autor, presente no imaginário da sociedade moderna. Para as sociedades ocidentais, "o corpo humano está fundado num fechamento da carne sobre si mesma e sobre a humanidade intrínseca e única dessa matéria, que traça para o homem seu rosto e sua forma".

Nos vídeos *Diagnóstico laboratorial*, *Leishmaniose tegumentar americana* e *Leishmaniose visceral*, percebemos claramente aspectos do fascínio e do terror da carne. No primeiro vídeo, vemos a dissecação de um camundongo ao som de um *jazz*, fundo musical que se alterna com uma voz *off* asséptica, de alguém que sabe, narrando um texto médico sobre os procedimentos ilustrados pela imagem. Em seguida, para o diagnóstico da leishmaniose visceral, vemos uma jovem negra num consultório, vestida com uma camisola hospitalar. Enquadrada em plano médio, ela se encontra de pé contra a parede e de frente para a objetiva da câmera. A paciente parece narrar alguns de seus sintomas, mas problemas técnicos de tomada de som impedem a compreensão do que ela diz. Um médico entra no quadro, abre a camisola da paciente, desnudando seu corpo, sobre o qual percebemos um desenho técnico, feito com hidrocor, representando o fígado e baço aumentados. A jovem é totalmente desqualificada pela imagem como pessoa e se transforma em quadro negro sobre o qual o médico dá sua aula, percorrendo o desenho com o indicador.

Este fato, para nós, foi o mais exemplar da visão e relação que a maioria dos materiais audiovisuais mantém com o objeto filmado e o público-alvo. Le Breton vê nesse tipo de representação da doença e do corpo humano uma influência da estética dos filmes *gore* (ou filme de horror), que procedem de maneira barroca ao despedaçamento de corpos, mutilação em assassinatos selvagens, devoração canibalesca: "Nesses espaços proliferam, os mortos vivos ou psico *killers*. O gore (...) não dá compensação, ou importância à sutileza psicológica" (1995: 59). Ora, o corpo é símbolo da sociedade, e pensar

sobre o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo.

Verificamos, também, na maioria dos vídeos analisados, a adoção de planos curtíssimos, no estilo da reportagem de televisão, com seqüências de voz *off* intercaladas de depoimentos de portadores da doença e de médicos especialistas nos temas. Lins destaca no uso de entrevistas 'povo-fala' – enquetes e depoimentos anônimos pela televisão – um mecanismo para se confirmar o real. O texto é seguido de uma entrevista que exemplifica o que acabou de ser dito, reforçando e justificando a informação central. Essas frases curtas cuidadosamente editadas "(...) imprimem a marca do mundo em narrações assépticas que sabem, ou simulam saber, sobre a vida dos entrevistados muito mais do que eles próprios". Essa voz toda poderosa, segundo Lins, "não apenas descreve o real, mas o interpreta e fixa significações às quais os maiores interessados não têm aceso" (1996: 47). A autora mostra ainda que a publicidade e a propaganda política fazem largo uso de depoimentos, nos quais a impressão de realidade segue intacta.

Propostas para Novas Abordagens

Afinal, que tipo de sujeito é o Outro? Sabemos o quanto a abordagem do outro parte equivocadamente da identidade do 'mesmo', e o quanto é difícil reencontrar o outro por ele mesmo, para além de nossas projeções. De Flaherty, no início do século, a Eduardo Coutinho, passando, obrigatoriamente, por Jean Rouch, nos anos 50, a tradição do cinema antropológico mostra que é possível fazer das diferenças o ponto de partida para um documentário, permitindo que elas nasçam e se alimentem da interlocução, de tal modo que a alteridade seja produzida por essa negociação entre o filmante e o filmado. Ora, ao se referir ao 'cinema vivido', do cineasta Pierre Perrault, Deleuze (1990: 183) diz que o que o cinema deve apreender "não é a identidade de uma personagem, real ou fictícia, através de seus aspectos objetivos ou subjetivos. É o devir da personagem real quando ela própria se põe a 'fabular', quando entra em 'flagrante delito de contar lendas'".

Resulta disso um novo estatuto da narração que deixa de ser verídica, quer dizer, aspirar à verdade, para se fazer essencialmente falsificante. "Há uma razão profunda para essa nova situação: contrariamente à forma do verdadeiro que é unificante e tende à identificação de um personagem (...) a potência do falso não é separável de uma irredutível multiplicidade. 'Eu é outro' substitui Eu = Eu" (Deleuze, 1990: 161-163). O documentário pode vir a estabelecer relações com esse novo estatuto da imagem. Vemos em Eduardo Coutinho uma pedagogia da imagem igualmente interessante, que consiste num trabalho de resgate da vitalidade, da energia criadora dos tipos sociais apresentados. Em Coutinho, as pessoas que falam (ou cantam) não são mostradas como exemplos de nada. "Não são tipos psico-sociais – o morador da favela ou o catador de lixo – não fazem parte de uma estatística, não justificam nem provam uma idéia central" (Lins, 1996: 48).

A estética televisiva, ao contrário, obcecada pela informação e subjugada pelo tempo, não se abre para a possibilidade de se admirar o Outro, reduzindo sua singularidade – seu modo particular de vida – ao 'exemplar sociológico'. Traços singulares, como os que se expressam no rosto (um olhar, um modo de franzir a testa, risos), desaparecem em função da necessidade de transformar toda expressão subjetiva em índice de situação sociocultural. Fato recorrente na maioria dos vídeos analisados, as pessoas entrevistadas são referenciadas como 'os doentes', e suas falas dão pouca margem para a expressão de suas singularidades e experiências. A edição em planos curtos e rápidos, em estilo jornalístico, não abre espaço para uma escuta, muito menos para um diálogo entre entrevistado e entrevistador.

Brecht (apud Bornheim, 1992) dá aportes teóricos importantes que podem contribuir para a construção de uma pedagogia da imagem em ruptura com o modelo de vídeo educativo escravo daquela linguagem de televisão. Ao propor um teatro coletivo, que apela não mais para as emoções, mas para a razão do espectador, o dramaturgo rompe com a identificação e a catarse, que levam ou à empatia ou ao terror. O espectador descobre em si mesmo o espírito crítico, que nasce de um certo estranhamento em relação ao tema representado. Esse distanciamento, produzido pela forma, é que garante a situação de aprendizagem.

Nos materiais educativos em saúde verificamos poucas alternativas à linguagem televisiva, além do apelo ao terror ou à empatia calcada na estética do grotesco. Como verificamos o doente, representado como vítima, e o espectador, tido como agente passivo, é levado à empatia alienatória em relação à representação. Os sentimentos de terror e medo diante da doença o paralisam, impossibilitando a manifestação de qualquer espírito crítico necessário à aprendizagem. O doente é representado, ora como vítima, ora como causador da doença, e até mesmo como culpado por tê-la contraído. No caso específico da leishmaniose, o apelo ao sentimento de terror é de especial perversidade, pois as lesões da LTA lembram muito as lesões desfigurantes da hanseníase. Estamos lidando com preconceitos e estereótipos que remontam aos textos bíblicos e que acabam sendo reforçados por um tipo de linguagem que combina estética do filme de horror e saber médico-biológico.

Todos os vídeos analisados continham, de alguma forma, uma ênfase muito forte na imagem em *close* de feridas ou membros desfigurados. Como já comentamos, aspectos monstruosos do corpo grotesco são ressaltados, e esse grotesco chocante

> permite encenar o povo e, ao mesmo tempo, mantê-lo à distância. Dão-se voz e imagem a energúmenos, ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, disformes, aberrantes, para mostrar a crua realidade popular, sem que o choque daí advindo chegue às causas sociais, mas permaneça na superfície irrisória dos efeitos. (Sodré & Paiva, 2002: 133)

Como conseqüência, não se medem as palavras e pode-se rir de tudo, do sofrimento alheio, da dominação, do ridículo alheio etc. Torna-se espetáculo a vida comum, o cotidiano e sua inelutável banalidade. Transforma-se o sofrimento humano em estética grotesca, na qual a 'realidade' e o cotidiano são desprovidos de maior sentido, como uma espécie de 'grau zero' do valor ético, em que só há lugar para o mesquinho, a emoção barata e banal, predominando o riso cruel.

Na maioria dos vídeos, a informação, além de ser altamente técnica e receituária, não incorporando nenhum ou poucos fatores sociais ou culturais relativos à doença, é apoiada por uma forma igualmente desconectada da realidade:

> O valor estético de crítica e distanciamento é anulado por uma máscara construída com falsa organicidade contextual. O grotesco (em todos os seus significantes: o feio, o portador da aberração, o deformado, o marginal) é apresentado como signo do excepcional, como fenômeno desligado da estrutura de nossa sociedade – é visto como o signo do outro. A intenção do comunicador é sempre colocar-se diante de algo que está entre nós, mas que ao mesmo tempo é exótico, logo sensacional. (Sodré, 1972: 73)

A tentativa de simplificar as informações para o público leigo faz com que elas sejam, na verdade, banalizadas e desqualificadas, desconsiderando a posição do personagem e do espectador como cidadãos críticos. Faz-se 'tábula rasa' da população. Ela é o recipiente onde os órgãos oficiais depositam suas informações e receitas do que fazer ou não. Esse é o enfoque de educação sanitária dominante nos serviços e materiais educativos de saúde. Stotz (1993) define esse modelo como 'preventivo', abordando fatores de riscos comportamentais e individuais, ou seja, com a etiologia das doenças modernas. A eficácia da educação, neste enfoque, expressar-se-ia em comportamentos específicos, como deixar de fumar, aceitar vacinação, desenvolver práticas higiênicas, fazer exames periódicos etc.

Discussões e Considerações Finais

Os modelos hegemônicos de representação das doenças e do corpo no campo da educação em saúde parecem bastante desgastados. Vivemos talvez num momento de transição, em que parâmetros anteriores já não dão conta das redefinições de papéis que se configuram. Uma proposta de mudança de abordagem do audiovisual numa estrutura tão solidamente montada na prática institucional do campo da saúde é um trabalho complexo que requer pesquisas de novas linguagens e vontade política para a introdução de abordagens diferenciadas, mais próximas do documentário antropológico do que da reportagem televisiva.

O apelo ao grotesco, terror, vitimização e 'monstruosidade' dos doentes foram aspectos freqüentes do material analisado. Como diria Paul Valéry (apud Le Breton, 2001: 21), "o mais profundo é a pele"; contudo, a "monstruosidade

e a impureza podem estar mais fundo do que à flor da pele" (Carroll, 1999: 61). Pois, pensando sobre as implicações entre ideologia e horror,

> a monstruosidade fascina porque apela para o republicano conservador de terno que há dentro de todos nós. Amamos e precisamos do conceito de monstruosidade porque é uma reafirmação da ordem pela qual todos nós seres humanos ansiamos (...) não é a aberração física ou mental em si que nos horroriza, mas, sim, a falta de ordem que essas situações parecem implicar. O criador de ficção de horror é, acima de tudo, também um agente da norma. (Carroll, 1999: 280)

Desta forma, a análise dos vídeos mostrou que os materiais audiovisuais são potencializadores de percepções diversas, podendo reforçar estereótipos e formas de dominação ao invés de contribuir com a educação em saúde.

Em contrapartida, verificamos que novas abordagens estéticas e metodologias, tanto no campo da antropologia da saúde como no da antropologia visual, podem favorecer um questionamento produtivo e crítico da prática de se representar os 'Outros' por meio de imagens. Percebemos que a imagem necessita de uma outra abordagem no campo da saúde pública. Neste sentido, sugerimos o estabelecimento de um diálogo da área da saúde com as grandes obras cinematográficas e com a antropologia, exercitando a transdisciplinariedade. Esta análise mostrou-se reveladora da riqueza de elementos constitutivos da realidade social envolvida na forma de construção e utilização das imagens, nas quais as representações sobre saúde/doença moldam de forma marcante os dois extremos desta relação: usuários e prestadores de serviços.

Assim, explorar a interface entre materiais educativos – vistos aqui como sistema cultural próprio – e população, pode vir a contribuir de maneira mais conseqüente no sentido do aprimoramento da atenção à saúde no Brasil. As imagens podem ir muito além da simples transmissão da informação; pensar novos rumos pedagógicos e experimentais pode conduzir a uma ampliação do nosso horizonte teórico e metodológico, gerando uma verdadeira práxis do audiovisual no campo da saúde e antropologia.

Desta forma, pode-se perceber que a avaliação e o desenvolvimento de materiais educativos em saúde é algo complexo e caminha em inúmeras frentes através da transdisciplinariedade. Do ponto de vista dos materiais educativos,

o seu conteúdo transparece opções que revelam posições ideológicas, culturais etc. de quem os elaborou, as quais serão percebidas ou não pelo avaliador de acordo com a amplitude do processo de investigação que delinear e de suas próprias visões de mundo.

Tanto do ponto de vista da forma como do conteúdo (do texto e das imagens), a avaliação e desenvolvimento de materiais educativos devem promover o diálogo entre diversas áreas das ciências humanas e artes, encorajando o espírito crítico – explicitando como certos discursos e representações negativas e acríticas podem apenas reproduzir ideologias, posturas e sistemas hegemônicos discursivos de nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

ASSIS, R. A. *Multieducação 3: proposta.* Rio de Janeiro: SME, 1995.

BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. Brasília:UNB/Hucitec, 1987.

BORNHEIM, G. *Brecht: a estética do teatro*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BRASIL/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais: 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília, DF: SEF/MEC, 1997.

BRASIL/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (SEF). *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília, DF: SEF/MEC, 1998.

CARROLL, N. *A Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração*. São Paulo: Papirus, 1999.

COLE, M. & SCRIBNER, S. Introdução. In: VYGOTSKY, L. S. *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DELEUZE, G. *Cinema 2: a imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v.3.

DIETZSCH, M. J. M. *Um Texto, Vários Autores: relações fala-escrita em textos de crianças das séries iniciais do primeiro grau*, 1988. Tese de Doutorado, São Paulo: Instituto de Psicologia/USP.

DOUGLAS, M. *Impureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EKSTEIN, R. & MOTTO, R. L. *From Learning for Love to Love of Learning (Essays on Psychoanalysis and Education)*. Nova Iorque: Brunner/Mazel Publs., 1969.

FORMAN, E. A. & CAZDEN, C. B. Exploring vygotskian perspectives in education: value of the peer interaction. In: WERTSCH, J. V. (Org.) *Culture,Communication and Cognition: vygotskian perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, M. T. A. *O Pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. Papirus: Campinas, 1994.

GRYNSZPAN, D. Educação em saúde e educação ambiental: uma experiência integradora. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(supl. 2): 133- 138, 1999.

IRIBARRY, I. N. Aproximações sobre a transdisciplinariedade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe. *Psicologia: reflexão e crítica*, 16(3): 483-490, 2003.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOBIM E SOUZA, S. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. São Paulo: Papirus, 1994.

KAYSER, W. *O Grotesco*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

KOURY, M. G. P. (Org.) *Imagem e Memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LEANDRO, A. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. *Comunicação e Educação*, 21: 29-36, 2001.

LE BRETON, D. A síndrome de Frankenstein. In: SANTOANNA, D. B. (Org.) *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

LEROI-GOURHAN, A. Cinema et sciences humaines: le film ethnologique existe-t-il?. *Revue de Géographie Humaine et d'*Ethnologie, 3: 42-50, 1948.

LINS, C. L. Imagens em metamorfose. *Cinemais*, 1: 45-56, 1996.

LOCATELLI, I. Análise do desempenho dos alunos face à expectativa dos professores, aos conteúdos desenvolvidos, ao nível de dificuldade das questões e à categoria do conteúdo testado. In: ASSIS, R. A. *Pesquisa de Avaliação do Ensino Básico na Rede Pública Municipal*. SME: Rio de Janeiro, 1995. (Tomo 3)

LUZ, Z. M. P. *Avaliação de Implantação de Programa de Organização de Serviços de Saúde com Atenção às Leishmanioses na Região Metropolitana de Belo Horizonte*, 2003. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: Departamento de Parasitologia, ICB/UFMG.

LUZ, Z. M. P.; SCHALL, V. T. & RABELLO, A. L. T. Evaluation of pamphlet on visceral leishmaniasis as a tool for providing disease information to healthcare professionals and laypersons. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2): 608-621, 2005.

LUZ, Z. M. P. et al. Evaluation of informative materials on leishmaniasis distributed in Brazil: criteria and basis for the production and improvement of health education materials. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(2): 109-118, 2003.

MALYSSE, S. Um ensaio de antropologia visual do corpo ou como pensar em imagens o corpo visto? In: LYRA, B. & WILTON, G. (Orgs.) *Corpo & Imagem*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

MEAD, M. Visual anthropology in a discipline of words. In: HOCKINGS, P. (Org.) *Principles of Visual Anthropology*. Paris: Mouton, 1975.

MERLEAU- PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Guallimard, 1945.

MONTEIRO, S. & REBELLO, S. Prevenção do HIV/Aids e do uso indevido de drogas: desenvolvimento e avaliação de jogos educativos. In: ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

MONTEIRO, S.; REBELLO, S. & SCHALL, V. Jogando e aprendendo a viver: uma abordagem da Aids e das drogas através de recursos educativos. In: MESQUITA, F. & BASTOS, F. (Orgs.) *Drogas e Aids: estratégias de redução de danos*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E. & REBELLO, S. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. *Revista Educação & Sociedade*, 24(83): 659-678, 2003.

NICHOLS, B. *Representing Reality: issues and concepts in documentary*. Indianapolis: Indiana University Press, 1991.

NICOLESCU, B. Transdisciplinarity and complexity: levels of reality as source of indeterminany. *Bulletin Interactif du CIRET (Centre International de Recherches et Etudes Transdisciplinaires)*, 15: 71-75, 2000.

OMAR, A. *Antropologia da Face Gloriosa*. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.

PIAJET, J. *A Formação do Símbolo na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIAJET, J. *Para onde Vai a Educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

PIAULT, M. H. Real e ficção: onde está o problema? In: KOURY, M. G. P. (Org.) *Imagem e Memória: ensaios em antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

PIMENTA, D. N. *A Leishmaniose e suas Representações: interação da linguagem do documentário com os saberes e práticas populares*, 2003. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Nutes/UFRJ.

PIMENTA, D. N.; LEANDRO, A & SCHALL, V. T. O império do grotesco nos vídeos educativos sobre leishmaniose. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO BRASILEIRO E III JORNADA DE ANTROPOLOGIA E SAÚDE, Curitiba, 2003.

PINTO, P. G. H. R. Saber ver: recursos visuais e formação médica. *Physis – Rev. Saúde Coletiva*, 10(1): 39-64, 2000.

REBELLO, S; MONTEIRO, S. & VARGAS, E. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. *Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 8: 75-88, 2001.

SAMAIN, E. & SÔLHA, H. *Antropologia Visual: mito e tabu*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1987. (Cadernos de textos: antropologia visual)

SCHALL, V. T. *O Feitiço da Lagoa*. Rio de Janeiro: Antares, 1986. (Série Ciranda da Saúde)

SCHALL, V. T. Health education for children in the control of shistosomiasis. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 82(supl. IV): 285-295, 1987. (Proceedings of the First International Symposium of Shistosomiasis)

SCHALL, V. T. Educação em saúde e esquistossomose: breve retrospectiva e uma proposta. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, 84 (supl. I): 84-90, 1989a.

SCHALL, V. T. (Org.) Ciranda do Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1989b. 10v.

SCHALL, V. T. Ciranda da Vida. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1989c. 4v.

SCHALL, V. T. *Sem Lugar na Arca de Noé*. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1994a. (Coleção Ciranda da Vida)

SCHALL, V. T. *Segredos que Crescem*. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1994b. (Coleção Ciranda da Vida)

SCHALL, V. T. *O Mistério da Caverna de Luz*. Rio de Janeiro: Memórias Futuras Edições, 1994c. (Coleção Ciranda da Vida)

SCHALL, V. T. Heath education, public information, and communication in schistosomiasis control in Brazil: a brief retrospective and perspectives. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 90: 229-234, 1995.

SCHALL, V. T. Alfabetizando o corpo: o pioneirismo de Hortênsia de Hollanda na educação em saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(supl. 2): 149-159, 1999. (Suplemento Temático sobre Educação em Saúde)

SCHALL V. T. & DINIZ, M. C. P. Information and education in schistosomiasis control: an analysis of the situation in the state of Minas Gerais, Brazil. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 96: 35-43, 2001.

SCHALL, V. T. et al. Educação em saúde para alunos de primeiro grau; avaliação de material para ensino e profilaxia da esquistossomose. *Revista de Saúde Pública*, 21: 387-404, 1987a.

SCHALL, V. T. et al. *Health education for childrens: developing a new strategy – proceedings of the second International Seminar on Misconceptions and Educational Strategies in science and mathematics*. Ithaca: Cornell University, 1987b. v. II.

SCHALL, V. T. et al. Evaluation of the Zig-Zaids game: an entertaining educational tool for HIV/Aids prevention. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(supl. 2): 107-119, 1999.

SILVA, T. T. (Org.) *A Pedagogia dos Monstros: os prazeres e perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SMOLKA, A. L. B. A prática discursiva em sala de aula: uma perspectiva teórica e um esboço de análise. *Cadernos Cedes*, 24: 51-65, 1991.

SODRÉ, M. A *Comunicação do Grotesco*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

SODRÉ, M. & PAIVA, R. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

STOTZ, E. Enfoques sobre educação e saúde. In: VALLA, V. & STOTZ, E. (Orgs.) *Participação Popular, Educação e Saúde: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará, 1993.

UCHÔA, E. et al. The control of schistosomiasis in Brazil: an ethno-epidemiological study of the effectiveness of a community mobilization program for health education. *Social Science & Medicine*, 51: 1529-1541, 2000.

VANOYE, F. & GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a Análise Fílmica*. São Paulo: Papirus, 1994.

VARGAS, E. et al. Aids and reproductive health: an analysis of the production of educational technology. In: X IOSTE SYMPOSIUM, Foz do Iguaçu, 2002, p. 199-208, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. Martins Fontes: São Paulo, 1991.

WERTSCH, J. V. *Culture Communication and Cognition (Vygotskian Perspectives)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

WERTSCH, J. V. *Vygotsky y la Formación Social de la Mente*. Paidós: Barcelona, 1988.

WHITE, K. *An Introduction to the Sociology of Health and Illness*. London: Sage Publications Ltd, 2002.

5. Videoteca da Mulher. Mas Afinal, Vídeos para Quem?

Clarice Ehlers Peixoto

A coleção Videoteca da Mulher tem a chancela do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e foi organizada, em 1996, para comemorar o Dia Internacional da Mulher. Mais do que isso, "é um tributo que o CNDM presta a artistas mulheres, uma contribuição aos conselhos estaduais e municipais, às redes organizadas e a grupos de indivíduos que, por meio desses vídeos, queiram alargar o âmbito do debate sobre a mulher", diz Rosiska Darcy de Oliveira, então presidente do CNDM, na apresentação da coleção. Como felicitação pelo dia 8 de março, as mulheres que lideram as inúmeras instituições e organizações espalhadas pelo país foram presenteadas com a coleção completa da videoteca. Um presente útil, já que se trata de um "instrumento de trabalho, de reflexão, também de prazer".

São 14 vídeos produzidos fundamentalmente por instituições, grupos e organizações não-governamentais[1] voltadas para as principais questões que afetam as mulheres. Eles abordam, assim, temas como sexualidade, saúde feminina, doenças sexualmente transmissíveis, trabalho doméstico, e outros mais. Como tratam de questões múltiplas e são realizados por Grupos/ONGs com interesses diversos e, além disso, vários receberam apoio de instituições nacio-

[1] Os vídeos foram produzidos por aproximadamente dez entidades diretamente vinculadas ao movimento feminista: Comunicação em Sexualidade (Ecos), Instituto de Ação Cultural (Idac), Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh), Geledès, Instituto da Mulher Negra, S.O.S. Corpo, Instituto Feminista para a Democracia, Grupo Transas do Corpo, Cemina – Comunicação, Educação e Informação em Gênero, Centro Educacional de Desenvolvimento Integrado (Cedi), Centro de Atividades Culturais, Econômicas e Sociais (Caces), Comulher/Comunicação Mulher, Centro de Informação da Mulher (CIM), Programa Integrado de Marginalidade (PIM) e Grupo Curumim. Algumas produziram mais de um vídeo, outras formaram um *pool* de onze ONGs. Duas, Instituto de Estudos da Religião (Iser) e Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), estão ligadas à educação de base. Nas referências, as fichas técnicas dos vídeos, incluídas as entidades que os produziram.

nais e internacionais[2] que têm objetivos específicos, não é de estranhar que estes vídeos recorram a formas de apresentação da informação bastante diferenciadas: uns adaptam contos infantis (Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, Rapunzel...) ou lançam mão de personagens de circo (palhaço); outros usam fotografias e cenas de filmes ou imitam os jornais televisivos; e há aqueles que roteirizam estórias ficcionais. Outros ainda trabalham com uma combinação de elementos narrativos e visuais – animação computadorizada, música, *performances* libidinosas – que dificulta a apreensão da informação. Se vários destes vídeos entrevistam mulheres e especialistas (somente) da área da saúde, a maioria, contudo, usa e abusa de sofisticado texto discursivo (narração). A inserção de entrevistas, a narração didática, a apresentação de estatísticas são, em geral, ingredientes importantes dos vídeos educativos e estes não fogem à regra.

Mergulhei nesse panorama diverso ou caleidoscópio de imagens, procurando dissecar e entender o conteúdo desse presente, empacotado para servir como "instrumento de trabalho, de reflexão, também de prazer". Suponho, assim, que a Videoteca da Mulher tem uma função educativa, mas, sobretudo, um caráter profundamente intervencionista.

SOBRE A VIDEOTECA DA MULHER[3]

Considerando que a videoteca "faz parte do projeto educativo do CNDM, onde educação e cultura se alimentam mutuamente", como especificado no catálogo, os vídeos que a compõem foram, então, produzidos para efeitos educativos e como meio de intervenção. Ora, a imagem, como a escrita, é arte de difícil elaboração. A aparente facilidade do registro videográfico leva a crer que a realização de um vídeo educativo é tarefa simples, dado que o manejo da câmara vem-se tornando menos complexo e seu custo mais acessível. Essa ausência de dificuldade técnica explica o aumento expressivo de *videomakers*,

[2] Ministério da Saúde através do PNDST/Aids, PNC-DST ou Fundação Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) e de agências internacionais como Fundação Desenvolvimento das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e Fundação MacArthur e Fundação Ford.

[3] Alguns vídeos desta coleção foram analisados por Vargas e Siqueira (1999) sob a ótica da sexualidade e do corpo.

cuja tentação em produzir um estoque de imagens põe em risco a produção de sentido no resultado final do trabalho imagético. Assim, se considerarmos que a finalidade do vídeo educativo é de tornar a informação compreensível através de um outro meio de difusão que não o texto escrito, uma das interrogações recai sobre sua capacidade para divulgar informações específicas a um 'público-alvo', uma vez que não se pode avaliar exatamente a reação que este terá: será que essas informações constituem um veículo de acesso ao conhecimento ou, ao contrário, elas não conseguem atrair o interesse do espectador?

O fundamental nos filmes educativos é compartilhar conhecimentos, fazendo com que o espectador compreenda o saber transmitido e, para isso, as regras de estética cinematográfica devem ser aplicadas em toda e qualquer temática abordada, independentemente do público para o qual o vídeo se dirige, pois, além do aprendizado, a noção de prazer está implícita na visualização de um filme ou vídeo. Ou será que o prazer em aprender é incompatível com a narrativa audiovisual, e o prazer fílmico está atrelado somente à narrativa ficcional? Sem dúvida, a informação narrativa

> tem um lugar certo na comunicação, ainda que não tenha tido um desenvolvimento significativo nas atuais mídias interativas (...). A 'informação narrativa' reproduz os elementos que extrai do contexto social, traduzindo-os em um conjunto coerente para o receptor. (Bélisle, 1986: 135)

Nesse sentido, o que forma conjunto nesses 14 vídeos são as questões abordadas: 'sexualidade' e 'saúde reprodutiva da mulher'. O que destoa é a diversidade do tratamento imagético dado a essas temáticas. Mais do que isto, é a predominância do que denominamos 'informação não narrativa', ou seja, a composição de elementos justapostos – miscelânea de imagens e informações – e a pressuposição de que o receptor tenha familiaridade com a informação veiculada.

Vejamos, por exemplo, os títulos de alguns vídeos da coleção: *Todos os dias são seus*, *Contos modernos* e *Mão na massa*. São títulos que não fornecem elementos suscetíveis de impressões que possam sensibilizar o público ao qual se dirige. Há os que sugerem o estilo da narrativa, como *A magia da sobrevivência* (a idéia de sobrevivência está fortemente ligada ao cinema-documentário dos anos 60) ou *Acorda Raimundo... acorda* (exemplo de uma narrativa ficcional). Difícil, no entanto, descobrir, antes de visualizar, que estes dois vídeos tratam, respec-

tivamente, do cotidiano de parteiras tradicionais que vivem em localidades distantes e da inversão de papéis domésticos e conflitos familiares em uma família operária fictícia. Há, contudo, aqueles que são mais diretos, objetivos ou impactantes, como *Aborto legal* e *Por que Cesária?*, por exemplo; outros são mais insinuantes e seus títulos sedutores certamente atraem a curiosidade do público, como *Transas do corpo*, *Vênus de fogo* ou *Sexo, giz e apagador*. Mas, o que dizer de títulos como *Controle de qualidade* e *Os tecnozeus*?

Inspirada em Tisseron (1997:102), quando diz que "toda imagem, antes de significar qualquer coisa, é um espaço aberto que nos convida a nela entrar e passear", analisei o acervo da videoteca procurando perceber o tratamento imagético dado a informação com finalidade educativa.

Afinal, o Que Dizer do Que se Vê?

Considerando que a coleção Videoteca da Mulher foi elaborada para ser distribuída às entidades públicas e privadas que atuam nos campos da saúde reprodutiva e da sexualidade, tendo por finalidade transmitir conhecimentos, divulgar experiências e ações preventivas, proponho analisar estes vídeos a partir dessas considerações e segundo alguns critérios caros à antropologia visual. Ou seja, uma vez que realizar um vídeo não é simplesmente transferir questões e problemáticas para a tela, é preciso então ter bem claro o quê, por quê, como, para quê e para quem filmar ou videografar (Peixoto, 1998), pois, a imagem é portadora de um valor comunicativo, capaz de transmitir mensagens intencionais entre aquele que a produz e aquele que a recebe. Assim, para desenvolver o conjunto das dimensões sociais, cognitivas e afetivas é indispensável lançar mão de modos de apresentação que possibilitem uma apropriação operacional do conhecimento. Nesse sentido, o vídeo educativo tem a vantagem de ser um instrumento de sensibilização e de familiarização, permitindo o acesso direto ao conjunto das informações, cuja coerência deve ser assegurada conforme a problemática tratada (Bélisle, 1986).

A maioria dos vídeos dessa coleção, pautados em uma narrativa documental, alterna o discurso do *expert* com a experiência vivenciada por mulheres, principalmente aqueles que tratam de questões ligadas à reprodução.

Percebe-se, assim, a veiculação de um discurso duplo: aquele mais frio e sofisticado dos especialistas que falam de técnicas, tratamentos/experimentos etc., e aquele mais simples, claro e emocionado de mulheres que viveram as experiências narradas pelos especialistas da saúde.

Nesse sentido, há vídeos que procuram atingir um público constituído por mulheres de todas as camadas sociais, enquanto outros são nitidamente dirigidos às mulheres das camadas médias como, por exemplo, *Por que cesária?*. Pois, exceto uma depoente, as demais pertencem às camadas médias e suas experiências e preocupações são inerentes à camada social a qual pertencem. E, portanto, a segunda cena de abertura do vídeo[4] mostra uma mesa de botequim com um velho sambista tocando cavaquinho... Eis que chega uma mulher grávida, aparência de classe média, beija o sambista e senta. No segundo plano dessa seqüência, a mesma mulher já está nadando em uma piscina e fazendo ginástica em um jardim...

Os vídeos que compõem a Videoteca da Mulher são de curta-metragem (mínimo de 9 minutos e máximo de 30 minutos) e se dividem entre aqueles que usam a narrativa ficcional para sensibilizar as espectadoras sobre as questões de que tratam, como *Acorda Raimundo... acorda*, *Vênus de fogo*, *Contos modernos*, *Todos os dias são seus* e *Sexo, giz e apagador*, e os que se apóiam na narrativa documental para transmitir conhecimento sem lançar mão de estereótipos ou abusar de *performances* e encenações, como *Os tecnozeus*, *Retratos de mulher*, *Aborto legal*, *A magia da sobrevivência*, *Mão na massa*, *Em busca da saúde*, *Transas do corpo* e P*or que cesária?*.

Impossível analisá-los em bloco, tal a diversidade narrativa dos vídeos que compõem essa coleção. Não tenho, contudo, a intenção de analisar um a um, pois certamente seria enfadonho para o leitor(a). Passemos, assim, a discussão daqueles que me parecem significativos a respeito das questões que abordam, de como as tratam imageticamente para o público ao qual, creio, se dirigem.

Assim, diria que o vídeo *Controle de qualidade* fica na fronteira que separa a ficção do documentário: a seqüência inicial é a encenação de uma relação sexual, seguida de entrevistas e cenas extraídas de documentários ou reportagens

[4] O vídeo tem início com um parto de cesariana: corte do ventre ao som de batimentos cardíacos.

televisivas. Soma-se a isso, a narração *off*, melodramática, que expressa um discurso profundamente feminista sobre a interrupção da gravidez e as novas tecnologias reprodutivas *versus* a exclusão social. A narrativa força uma dramatização que, certamente, rompe com a possibilidade de transmitir a mensagem que está por trás dessa representação feminista. Este é também o caso de *Retratos de mulher*, um vídeo que apresenta, a partir de fotografias seqüenciais, histórias de mulheres brasileiras desde a época do Descobrimento: da mulher-índia e mulher-escrava à mulher-operária, à dona de casa ou à feminista. Não fosse o teor poético-militante da narração das histórias, diria que é um dos vídeos, dessa coleção, que mais se aproxima à linguagem do cinema-documentário. Já *A magia da sobrevivência* é um vídeo de intervenção que utiliza uma narrativa próxima ao vídeo-reportagem. Intervenção porque pretende, ao abordar a questão das parteiras domiciliares tradicionais *versus* a obstetrícia hospitalar, disseminar o conhecimento tradicional e "garantir a continuidade de sua prática". E reportagem porque mostra superficial e rapidamente o cotidiano das parteiras nas cidades do interior brasileiro, a dificuldade do trabalho nos lugares distantes, suas práticas e representações. Ele, sem dúvida, trás à tona um debate instigante sem aprofundá-lo e deixa em aberto a questão do público-alvo: a quem se dirige?

Os vídeos educativos necessitam não somente prender a atenção do espectador(a), mas principalmente sensibilizá-lo(a) para o debate das questões tratadas. Se por um lado, a narração formal como veículo explicativo, em tom austero e distante, etnocêntrico ou tendencioso/militante, pode despertar pouco interesse e curiosidade do espectador(a), contribuindo para o insucesso da proposta educativa; por outro, o tom de galhofa e até anedótico de uma encenação circense – *Sexo, giz e apagador* – ridiculariza a informação, menosprezando a capacidade de compreensão da mensagem pelo receptor ou mesmo imbecilizando-o. Considerando que este vídeo faz parte de um projeto de capacitação de professores para a educação sexual, tomar um palhaço como personagem principal que ironiza e até debocha de situações e pessoas (inclusive professores) é um recurso precário e ineficiente quando se pretende sensibilizar um grupo etário tão particular, como os adolescentes. Se o vídeo foi realizado para dar suporte aos professores(as) nas aulas de educação sexual, ele ignora completamente a linguagem da juventude, seus conhecimentos

sobre as novas tecnologias de comunicação e a seriedade que atribuem à sua iniciação sexual.

Vejamos um outro exemplo: o vídeo *Acorda Raimundo ... acorda* aborda os conflitos domésticos no interior de uma família operária, através de uma narrativa ficcional.[5] Os atores são conhecidos do público feminino, pois atuam em novelas televisivas. Isto reforça, de imediato, o caráter irreal da informação transmitida. A trama, do gênero comédia, gira em torno da divisão das tarefas domésticas na qual os papéis tradicionalmente atribuídos à mulher e ao homem estão invertidos: a mulher é a provedora da família, e como todo estereótipo machista, é operária em uma oficina de automóveis (só não vive suja de graxa); ao marido cabe cuidar da casa e parir. O vídeo lança mão de todos os estereótipos: a mulher/homem é autoritária, bebe no botequim com as amigas, chega em casa bêbada e bate no marido/mulher, que, enquanto isso, faz as tarefas domésticas e cuida dos filhos (os meninos brincam com bonecas...). Tudo não passa de um pesadelo: o despertador soa, o casal acorda, e o marido/mulher retoma seu papel anterior exigindo o café pronto, a roupa passada e dando um trocado para as compras. A mensagem é clara: um alerta contra o machismo dominante nas relações conjugais. Se essa foi uma estratégia de comunicabilidade criada para transmitir a informação e despertar as mulheres do jugo conjugal, o apelo à comicidade desloca o modo de ver e de receber a mensagem, correndo o risco de ser interpretada como pura ficção!

Vale lembrar que o público a que se destinam os vídeos da Videoteca da Mulher deve ser considerado como um grupo social específico e, principalmente, feminino. O enfoque de *Acorda Raimundo... acorda* é feminista. Mas, para quais mulheres ele se dirige?

O artigo de Laura Mulvey – "Visual pleasure and narrative cinema", publicado em 1975 na revista *Screen* – suscitou uma grande controvérsia nos estudos sobre mídia, e a reflexão sobre as interações entre texto/contexto e o público feminino foi rapidamente assimilada pelos estudos de tipos emissão e audiência que a televisão realizava:

> a novela se impõe naturalmente como a emissão que, depois do início da indústria cultural, procura e encontra a maior acolhida junto às es-

[5] Roteiro baseado na rádio-novela de José Inácio Lopez Vigil.

> pectadoras (de certas camadas sociais). Estes estudos mostram como a novela se aproxima das expectativas destas espectadoras, respondendo às responsabilidades, às tensões e às rotinas cotidianas ligadas ao contexto de suas vidas familiares, às competências tradicionalmente associadas ao seu estatuto no âmbito do casal e da casa. (Mattelart, 1997: 86)

Será, então, que uma informação veiculada de forma tão estereotipada como vemos em *Acorda Raimundo... acorda*, sensibilizaria as mulheres de todas as idades, atividades, cores e credos ou está dirigida somente às mulheres 'de certas camadas sociais'?

Há, nesta coleção, um vídeo que desperta alguma curiosidade e muitas dúvidas sobre a intenção de seus produtores : *Vênus de fogo*, nome atribuído à loteria do prazer, ou melhor, à Gozoteca[6] que sorteia camisinhas estreladas entre seus clientes, com direito a uma noite de prazer. Durante 36 minutos assistimos ao personagem masculino principal 'Celso Aids' – o 'arrastão virótico' ou 'esperma profético'– contaminar e assassinar prostitutas nos bordéis e ruas da cidade. Cenas de mulheres dançando em roda de fogo, de *strip-tease*, de *ménage à trois* e cópulas diversas, editadas com outras que apresentam rituais de devoção macabros, repórteres televisivos entrevistando policiais (Hugo Carvana é o delegado) e reuniões de cafetinas[7] para discutir o uso sistemático da camisinha entre as prostitutas e o conseqüente recrudescimento dos negócios dos bordéis (sexo seguro). Estas seqüências são entrecortadas com cenas nas quais 'Valéria', a personagem feminina principal, conscientiza suas meretrizes sobre a necessidade de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Uma seqüência chama a atenção: trata-se de uma 'trepada assassina', um *ménage à trois* entre Celso Aids e duas prostitutas da 'Gozoteca'. Composta de planos curtíssimos (do estilo clipe) que ora focalizam e ora deixam *flous* diversos *closes* de bocas, ventres, coxas, púbis, mas, jamais o pênis..., as imagens rápidas parecem acompanhar o ritmo do *rap*, cuja letra diz:

> Alô Valéria, aqui é o Celso Aids.
> Eu te amo Valéria, eu te quero.

---

[6] Nome dado pelos roteiristas da trama – Fausto Fawcett e Victor Lopes.

[7] Papéis desempenhados por Zezé Mota, Suzana Vieira, Elke Maravilha, Scarlet Moon, Cristina Ribeiro, entre outras atrizes de renome. O elenco é global, e a equipe técnica formada por grandes nomes: fotografia de Walter Carvalho; coreografia de Débora Colker, entre outros.

Vou te pegar Valéria.
Tuas coxas dizem: me pega,
Teus olhos dizem: me leva.
Teu rosto é de um lirismo vaginante,
Você é a Vênus do meu sórdido sexo foraz.[8]

A sensação é a de estar assistindo a um vídeo pornográfico bem filmado, apesar de os produtores afirmarem, na sinopse, que as imagens "apresentam o universo da prostituição com bastante criatividade". Uma criatividade inquietante para um vídeo que se propõe educativo e que "é utilizado pelos principais projetos de prevenção do Brasil", pois, as imagens e músicas deixam transparecer a dúvida sobre se, de fato, é sobre a sexualidade e ações preventivas de que trata o vídeo ou se, em outra direção, a violência assumiu um lugar potencial na narrativa. Ao apresentar constantemente o sexo associado à violência, o vídeo parece mostrar o que Menezes (2001) chama de "a violência questionadora", expressa em vários filmes da década de 1970, nos quais sexo e violência eram o foco principal e primordial das indagações. Vejamos, por exemplo, a cena final de *Vênus de fogo* na qual a letra do *rap* ganha mais espaço e presença na tela do que a imagem de Celso Aids caminhando cambaleante sobre dunas de areia:

Meu nome é Celso Aids.
Vocês interromperam meu fluxo de fecundação
E, por isso, vão se 'f....'!
Porque a vingança será total orgia de prazer.
E eu digo em nome de Plutão que pernas, braços, olhos serão arrancados,
Queimados e transformados em *souvenir* de infelicidade e azar.
Cada língua será arrancada num chupão só.
(...)
Meu nome é Celso Aids.
Vou matar, esfolar, contaminar gente de todo o tipo e de todas as idades
Recém-nascido a velhinhos
Menores putinhos, menores putinhas
Eu vou contaminar,
Eu vou pegar... [termina com palavras impróprias à publicação].

[8] Nos créditos, não há especificação dos autores de cada música apresentada no vídeo. Consta somente Carlos Laufer e Marcelo de Alexandre.

A mensagem preventiva veiculada por este vídeo só é percebida nas entrelinhas da narrativa visual, cuja trama dramático/ficcional dificulta a decodificação da informação. Diria que, para um vídeo educacional ou de ação intervencionista, *Vênus de fogo* é surreal. Entretanto, como toda imagem, supõe leituras diferenciadas e mesmo antagônicas –, este trabalho ganhou o prêmio de melhor vídeo educativo no Festival TAM.

Passemos agora ao vídeo *Os tecnozeus*, cujo título lembra mais filme de ficção científica do que vídeo educacional. Assim como o título, as primeiras imagens são *flashes* de acontecimentos ocorridos ao longo do século XX que despertam o espectador para fatos/objetos datados historicamente, antes que possa refletir sobre aquilo que está vendo. A voz impostada, pausada, da atriz Joana Fomm conduz este caleidoscópio de imagens:

> 1991: os anos que antecedem a virada do milênio. Os pares de olhos da humanidade, estupefatos, assistem pela tela da TV, ao vivo, os bombardeios sobre Bagdá e Tel Aviv. A guerra, para a maioria dos telespectadores, transformou-se em videogame, videomíssil; os vencedores, a precisão, a exatidão, a tecnologia, alta tecnologia – em inglês: *hitec*.

Eis o mote que sugere o tema a ser desenvolvido pelo vídeo – algo em torno de novas tecnologias – logo confirmado pela entrada do título, embalado por uma música contemporânea. A narração continua:

> o animal racional que nascia no começo deste século [imagem: fotografia de uma menina vestida à moda antiga], não poderia imaginar as profundas transformações sociais, políticas, culturais e, sobretudo, científicas a que sua espécie assistiria nas décadas subseqüentes [Este trecho da narração é ilustrado com imagens de época das grandes invenções do século: rádio, telefonia, aviação, bomba atômica, lançamento de foguete e homem chegando à Lua]. Empolgados, enfeitiçados e, às vezes, estarrecidos com os próprios feitos, os seres humanos norteados pela ciência perseguem o desejo onipotente de desvendar os mistérios da vida e da morte. O anseio de criar vida artificial é muito mais antigo do que se imagina. No século passado...

E segue assim, narrando experiências e invenções até entrar, de fato, na questão central do vídeo: os riscos e os aspectos éticos da inseminação artificial.

Em 3 minutos e 40 segundos percorremos o século XX, dirigidos pelo texto narrado e pelas as imagens a ele coladas. Só no final desse percurso é que

as diretoras apresentam os testemunhos de mulheres que se submeteram à inseminação artificial. Tempo longo para a abertura de um vídeo que tem 18 minutos, ainda que pretenda introduzir o espectador(a) na questão. Entretanto, este é um dos vídeos da coleção que apresenta a informação de forma mais clara, contendo depoimentos ricos que narram as experiências positivas e negativas, apresentando informações sobre os procedimentos, o alto custo e tendo por base o debate em torno das questões éticas: banco de espermas, escolha do material genético, manipulações... Se a abertura é longa, a seqüência final peca pelo sentido apelativo, divulgando imagens das novelas Barriga de aluguel e O sorriso do lagarto e de capas de revistas, ainda que seguidas de texto crítico ao papel da mídia na difusão de novos valores e comportamentos.

Como nem todos conseguem transmitir a informação através do processo narrativo que escolheram, eles apresentam, no final, textos ou narrações longas para explicar o que não conseguiram expressar com imagens e depoimentos. Raros são aqueles que, ao final, deixam tempo para a espectadora refletir sobre o que acaba de assistir, sem ser bombardeada com lições de moral ou palavras de ordem. Vejamos, por exemplo, alguns deles:

> denunciamos a solidão que nos é imposta na vivência da capacidade reprodutiva, a ausência de homens nesse debate e a perversidade que ronda o sistema de saúde. Que conseqüências sobre os corpos se anunciam com as novas tecnologias? Que mudanças trarão para o cotidiano e para a nossa existência política? Estas são questões, cujas soluções determinam o futuro próximo. Para interferir, de fato, sobre essas definições é preciso que tenhamos sociedades compostas por mulheres e homens autônomos, capazes de escolha e decisão. Acreditamos que somente assim serão rompidos os ciclos de manipulação e miséria que impedem a construção de democracias...

> vocês viram que, às vezes, os sonhos e medos infantis atrapalham mais do que ajudam, principalmente para nós, mulheres, que achamos sempre que devemos fazer as vontades dos homens. É por isso que é tão difícil pedir para eles usarem a camisinha! Mas, como essa é a única maneira de se proteger contra o vírus da Aids, o vilão, o inimigo n. 1 da vida. As mulheres têm que fazer os homens entenderem que a segurança do casal depende delas. Usar a camisinha não obriga ninguém a abrir mão das suas fantasias sexuais.

Para finalizar:

Faça algo pelas pessoas e pelo planeta Terra. Vamos colocar a mão na massa do mundo.

Enfim, são vídeos para quem?

A proposta do CNDM é clara: estimular o debate sobre a mulher, oferecendo subsídios/recursos para os projetos educativos preventivos. Contudo, são poucos os vídeos que deixam transparecer para quem são elaborados, embora, nas sinopses (redigidas pelo CNDM?), afirmem que serão usados em projetos de prevenção, em escolas de 2º Grau, em grupos de mulheres adultas, grupos mistos e grupos de adolescentes... Ou seja, um visionamento coletivo. Surge então, outra questão: esses vídeos tratam, sobretudo, de questões que permeiam a intimidade feminina, de relações sexuais e afetivas, transmitindo, assim, uma mensagem específica e que exige um espaço particular de recepção. Não podem ser os auditórios, as reuniões coletivas onde se aglutinam os diversos segmentos da sociedade (gênero, classe social), pois, como afirma Leal, "não podemos desvincular o receptor de seu espaço social de recepção, e esse espaço social é diferenciado e institui sociabilidades e modalidades diferenciadas de recepção" (1995: 119). Assim como o processo de construção da narrativa deve contemplar as representações e valores modeladores da subjetividade dos sujeitos filmados, o processo de divulgação da informação deve considerar o contexto sociocultural para o qual ela é destinada.

Na antropologia visual, consideramos que um vídeo etnográfico deve expressar a perspectiva/olhar do observador/filmador e daquele que é observado/filmado sem, contudo, jamais esquecer o terceiro elemento desse jogo de olhares: o espectador, ou seja, aquele para quem essas imagens são produzidas.[9] O mesmo tripleto de olhares pode ser pensado para o vídeo educativo ou o vídeo de intervenção social. Nesse sentido, os vídeos que aca-

[9] Uma prática cara aos antropólogos visuais é o retorno da imagem às pessoas filmadas, o que chamamos de *feed-back* e que nos permite compreender melhor o que estrutura e define o Outro que estudamos, pois "implica nosso encontro com um pensamento e uma cultura diferentes, seja em seus conceitos de identidade e de alteridade, em relação ao problema da realidade e representação, ou ainda quanto ao lugar do visual nos modos de expressão" (Deshayes, 1996: 53).

bamos de analisar expressam, principalmente, o olhar dos seus diretores(as) e dos sujeitos filmados. Raros são aqueles que se preocupam com o receptor/espectador. Ou seja, interessam mais aos seus 'utilizadores' (agentes sociais, pesquisadores...) do que ao público que pretendem alcançar.

Referências Bibliográficas

Coleção Videoteca da Mulher[10]

1. *Aborto legal*, 32 min.
   Direção: Reginaldo Bianco
   Realização: Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (Ecos)
   Produção: Três Laranjas Comunicação

2. *Acorda Raimundo... acorda*, 15 min.
   Realização: Ibase Vídeos, Iser Vídeo
   Produção: Ibase Vídeos, Iser Vídeo
   Elenco de atores profissionais

3. *Contos modernos*, 10 min.
   Direção: Nelson Nadotti
   Realização: Instituto de Ação Cultural (Idac)
   Produção: Idac, PNDST/Aids – Ministério da Saúde
   Roteiro: Mariska Ribeiro, Marcus Moraes, Xando Graça
   Elenco de atores profissionais

4. *Controle de qualidade*, 9 min.
   Direção: Susana Afran
   Produção:Caces/Cedi/Cemina/CIM/ Comulher/Geledes/Idac/RedeH/S.O.S. Corpo, Grupo Fêmea, Coletivo Feminista de Saúde e Sexualidade
   Roteiro: Rosiska Darcy de Oliveira, Shuma Shumaher, Susana Afran

[10] As datas de realização não constam dos vídeos, nem das sinopses do catálogo da CNDM. Tudo indica que foram realizados nos primeiros anos da década de 1990, pois algumas sinopses assinalam a participação em eventos ou festivais e mostras de cinema educativo e documentário.

5. *Em busca de saúde*, 15 min.
   Direção: Ângela Freitas
   Realização: S.O.S. Corpo – Gênero e Cidadania
   Produção: S.O.S. Corpo

6. *A magia da sobrevivência*, 15 min.
   Direção: Ângela Mascelani
   Realização: Curumim
   Produção: Grupo Curumim, Unicef

7. *Mão na massa*, 17 min.
   Direção: Márcia Meireles e Maria Angélica Lemos
   Realização: Comulher, Cemina/Redeh
   Produção: Cemina/Unifem
   Elenco profissional

8. *Por que cesária?*, 15 min.
   Direção: Ângela Mascelani
   Realização: Curumim
   Produção: Grupo Curumim, Unicef

9. *Retratos de mulher*, 15 min.
   Direção: Carmem Barroso
   Produção: Fundação Carlos Chagas
   Roteiro: Carmen Barroso

10. *Sexo, giz e apagador*, 30 min.
    Realização: Grupo Transas do Corpo
    Produção: Três Laranjas Comunicação
    Elenco: ator profissional e alunos e professores

11. *Os Tecnozeus*, 18 min.
    Direção: Silvana Afran e Regina Barbosa
    Realização: Ibase Vídeo
    Apoio: Fundação Ford

12. *Todos os dias são seus*, 30 min.
    Direção: Márcia Meireles e Maria Angélica Lemos
    Realização: Geledès, Instituto da Mulher Negra

13. *Transas do corpo*, 26 min.
    Realização: S.O.S. Corpo– Gênero e Cidadania
    Produção: TV Viva, S.O.S. Corpo

14. *Vênus de fogo*, 36 min.
    Direção: Victor Lopes
    Realização: PIM/ISER
    Produção: Antevê, Iser Vídeo, ABF, Ministério da Saúde, Bemfan
    Elenco de atores profissionais
    Argumento: Fausto Fawcett e Felipe Miguez

Livros citados

BÉLISLE, C. Cinéma scientifique et médias interactifs. *CinémAction*, 38: 132-139, 1986. (La science à l'écran)

DESHAYES, P. Uma experiência de *feed-back*. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, NAI/PPCIS/Uerj, 3: 53-55, 1996.

LEAL, O. F. Etnografia de audiência: uma discussão metodológica. In: WILTON DE SOUSA, M. *Sujeito: o lado oculto do receptor*. São Paulo. Brasiliense, 1995.

MATTELART, A. e M. *Histoire des Théories de la Communication*. Paris: La Découverte, 1997. (Col. Repères, n. 174)

MENEZES, P. *À Meia-Luz: cinema e sexualidade nos anos 70*. São Paulo. Ed. 34, 2001.

MULVEY, L. Visual pleasure and narrative cinema. *Screen*, 16(3): 6-18, 1975.

PEIXOTO, C. Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais. In: FELDMAN-BIANCO, B. & MOREIRA LEITE, M. (Orgs.) *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. São Paulo: Papirus, 1998.

VARGAS, E. & SIQUEIRA V. H. Sexualidade e corpo: o olhar do sujeito através das imagens em vídeo. *Cadernos de Saúde Pública*, 15(supl. 2): 69-83, 1999.

TISSERON, S. Faut-il avoir peur des jeux vidéo? *Sciences et Techniques Educatives*, 4(1): 99-105, 1997.

6. Novas Tecnologias de Informação e Comunicação na Formação de Recursos Humanos em Saúde

Miriam Struchiner & Taís Rabetti Giannella

Muito se tem falado e várias iniciativas vêm sendo registradas no âmbito da incorporação das tecnologias de informação e comunicação na formação continuada de recursos humanos em saúde.

Por um lado, o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico em nossa sociedade tem desencadeado transformações constantes nos espaços de trabalho, demandando um profissional com perfil mais aberto, capaz de adaptar-se a mudanças e motivado a continuar aprendendo ao longo de sua vida. Portanto, um cidadão que, além de sentir-se capaz de contribuir para o progresso social, esteja sempre consciente de que o ser humano é inacabado (Freire, 1987; Werthein & Cunha, 2000) e que aprende por toda a sua vida. Por outro lado, o próprio avanço tecnológico tem possibilitado o aparecimento de recursos interativos e de bases de informação oferecidos pela informática e pelas telecomunicações, que potencializam a difusão de novos espaços e contextos de aprendizagem, como é o caso da educação a distância, abrindo perspectivas para o aumento do acesso à educação.

O objetivo deste texto é oferecer subsídios para a reflexão sobre questões relevantes à integração das novas tecnologias de informação e de comunicação (NTICs) no contexto da formação de recursos humanos em saúde.

Desafios para a Formação Continuada na Área da Saúde

Apesar de vários esforços, a geração de conhecimento no campo da saúde e a formação de seus profissionais (educação formal e continuada) ain-

da são consideradas atividades isoladas. As práticas educativas raramente privilegiam um enfoque que possibilite aos grupos de estudantes e profissionais a oportunidade de vivenciar ativamente a aprendizagem como construção de conhecimento, por intermédio da reflexão sobre suas próprias experiências e a participação ativa em estudos, investigações e foros de debate. Além disso, a disseminação de novos conhecimentos científicos está pouco orientada para a prática profissional, havendo, inclusive, um longo período de defasagem entre sua produção e difusão e a sua integração à prática dos serviços de saúde (Rovere, 1994; Testa, 1992).

Do ponto de vista pedagógico, participantes de programas de formação são expostos a métodos de ensino reprodutivistas, que conduzem à passividade e à superficialidade, à falta de criatividade e curiosidade e à falta de compreensão sobre os fenômenos e as experiências vivenciados (Dal Poz & Varella, 1994). É fundamental, portanto, que sejamos capazes de vencer os atuais desafios do processo de educação continuada na área da saúde. Entre eles, destacam-se:

- Compartilhar e tornar acessível o conhecimento científico produzido, de forma a possibilitar sua aplicação na solução de problemas do setor saúde: os próprios pesquisadores e especialistas têm dificuldade em acompanhar o desenvolvimento científico, assim como em manterem-se atualizados com a grande quantidade de novos conhecimentos produzidos e conduzidos por meio de revistas especializadas. Sob a perspectiva do processo formativo, esta situação se torna ainda mais complexa e demanda esforços direcionados para métodos e materiais pedagógicos inovadores, que permitam ensinar e difundir informações com eficiência, ao mesmo tempo que possibilitem a construção de uma visão crítica dessa vasta gama de conhecimentos e de sua integração à solução de problemas do setor saúde.

- Capacitar profissionais que continuem aprendendo ao longo de suas vidas: com a rápida e constante reestruturação de nossa sociedade, condicionada pelo desenvolvimento científico e tecnológico e as novas demandas do mercado de trabalho, faz-se necessário reorientar os profissionais de saúde não só para a compreensão de conteúdos e processos específicos, mas também para a aquisição de autonomia e independência para buscar informações constantemente, isto é, 'aprender

> a aprender' (Pozo, 1998). Dessa forma, a questão do método da problematização – para a geração de perguntas, a coleta de dados e a análise e síntese de novos conhecimentos – e o desenvolvimento de habilidades para a busca e a consulta de informações constituem, hoje, ferramentas indispensáveis para os profissionais de saúde. Esta capacidade dos indivíduos de desenvolverem o raciocínio lógico e crítico torna-se cada vez mais fundamental em nossa sociedade, se levamos em conta a complexidade e as múltiplas determinações na compreensão dos fenômenos e nas explicações sobre o mundo em que vivemos. Assim, preparar a força de trabalho em saúde para acompanhar criticamente os avanços das ciências é uma estratégia de grande importância (Jonassen, 1996, 1998; Schank & Cleary, 1995; Struchiner, Rezende & Ricciardi, 1998). Para isso, é necessário abandonar a concepção tradicional de ensino enciclopédico e passivo, colocando o sujeito/profissional no centro do processo de ensino-aprendizagem, oferecendo-lhe orientação e recursos.

Estes desafios se tornam ainda mais complexos quando pensamos na grande massa de profissionais trabalhando em diversas regiões do país com formação bastante diferenciada, enfrentando os inúmeros problemas de saúde da população, desencadeados pelas diferenças sociais, na maioria das vezes, em condições precárias de infra-estrutura para o desenvolvimento de seu trabalho.

Como podemos então contribuir para as mudanças necessárias? Como desenvolver projetos e materiais que levem em consideração as necessidades específicas de cada região e compartilhem democraticamente as novas informações e conhecimentos? Como promover um maior intercâmbio de experiências, de materiais educativos e de informações entre os centros de ensino e investigação em saúde e os serviços, assim como uma maior integração entre os serviços? Como possibilitar que estas atividades possam, além de cumprir com seus objetivos primordiais, contribuir para a inserção dos serviços em uma nova ordem social desencadeada pela sociedade de informação?

Todas estas questões relacionadas à necessidade de formação continuada de um grande contingente de trabalhadores do setor saúde de diversos níveis de formação e em diversas localidades nos levam a explorar e investigar o potencial do uso de novas tecnologias de informação e comunicação como um novo espaço pedagógico.

Pesquisa e Desenvolvimento de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação para a Educação

Atualmente, duas principais forças vêm contribuindo para a integração de novas abordagens de aprendizagem: o desenvolvimento e a difusão das ciências cognitivas e a construção de ambientes educacionais enriquecidos com o uso de tecnologias, que vêm possibilitando uma melhor compreensão de teorias e princípios envolvidos na criação e no uso de materiais e atividades de ensino-aprendizagem (Glaser, Ferguson & Vosniadou, 1996).

Um extenso corpo de conhecimentos do campo da psicologia cognitiva nos tem mostrado que os indivíduos aprendem de forma não-seqüencial e a partir de uma visão holística, em contraposição à visão fragmentada e disciplinar. Diferem, também, nos caminhos percorridos para a construção de seu próprio conhecimento, não apenas com base em seus estilos e ritmos de aprendizagem, mas também, com base em suas experiências e conhecimentos prévios, definidos histórica e socialmente (Ausubel, Novak & Hanesian, 1978; Vygotsky, 1984; Jonassen, 1996).

Estes conhecimentos têm colocado desafios para a formação de recursos humanos em saúde, ressaltando a necessidade de viabilizar iniciativas que representem marcos na tentativa de construção de currículos e programas centrados no aprendiz e nos desafios da sua prática profissional, em vez de centrados no professor; baseados em resolução de problemas reais, em vez de baseados em informação factual; integrando teoria e prática, ciências básicas e aplicadas, em vez de disciplinas isoladas (Schank & Cleary, 1995; Spiro et al., 1992; Struchiner, Rezende & Ricciardi, 1998).

Em contrapartida, constata-se que a integração da tecnologia pode ser um elemento de questionamento e subversão do *status quo*, provocando mudanças significativas nos modelos educativos. As novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) oferecem recursos para iniciativas inovadoras de desenvolvimento e investigação, que busquem superar modelos tradicionais, mudando o foco do 'processo de instrução' para o 'processo de aprendizagem', isto é, colocando o sujeito da aprendizagem no centro do processo educativo (Valente, 1993; Jonassen, 1998). Estes recursos e ferramentas facilitam a consolidação de currículos mais flexíveis e abertos, adaptados às carac-

terísticas diferenciadas de aprendizagem dos alunos e que possibilitem maior independência e autonomia em sua formação ao longo da vida. Oferecem, também, espaços para o desenvolvimento de formas inovadoras de interação/ colaboração entre os participantes (alunos-alunos e alunos-docentes), colocando em cheque e transformando suas relações, trazendo maior horizontalidade ao processo, com base na valorização das experiências dos diferentes indivíduos. Possibilitam, ainda, o desenvolvimento de atividades e estratégias educacionais que enfatizem a aprendizagem contextualizada, a solução de problemas, a construção de modelos e hipóteses e o domínio do 'aluno' sobre o seu próprio processo de aprendizagem (Laurillard, 1993; Schank & Cleary, 1995). Estes aspectos são compatíveis com as necessidades de formação na área da saúde em qualquer nível de atuação.

Neste contexto, alguns aspectos precisam ser ressaltados:

A incorporação das NTICs implica um processo de trabalho eminentemente interdisciplinar, isto é, desenvolve-se na confluência de conhecimentos sobre educação e tecnologias educacionais com os conteúdos curriculares, nas áreas das ciências sociais, humanas e da saúde. Uma equipe multidisciplinar (educação, informática, psicologia, programação visual etc) que pesquisa, desenvolve, avalia e estuda materiais educativos com o uso de novas tecnologias da informação em parceria com especialistas de conteúdo (professores, pesquisadores e profissionais de alto nível) de diversas disciplinas da área da saúde viabiliza experiências inovadoras que possibilitam não apenas avaliar o potencial destas tecnologias na educação continuada da força de trabalho em saúde, mas também construir conhecimentos sobre o processo de aprendizagem (Demo, 2000; Morin, 2001).

Além disso, é necessário assumir e compartilhar um enfoque claro e consistente sobre conhecimento e aprendizagem que oriente a pesquisa e o desenvolvimento de ambientes e atividades educativas na área da saúde com o uso de novas tecnologias. Portanto, ressalta-se que a integração de novas tecnologias só terá resultados positivos e significativos, no âmbito educacional, se estiver integrado a um contexto de mudança do processo de ensino-aprendizagem, que esteja ancorado em abordagens educativas consistentes, como aquelas apoiadas pelo construtivismo (Jonassen, 1998; Novak, 1998; Vygotsky, 1984).

Finalmente, é necessário ressaltar que as NTICs, por elas mesmas, não são capazes de realizar as transformações necessárias, uma vez que se constituem como ferramentas e veículos de comunicação e acesso à informação. Para que a adoção das NTICs seja realmente transformadora, deve-se assumir que a natureza desta tarefa de transformar o processo educativo no campo da saúde é um projeto político-pedagógico.

Estratégias de Utilização das NTICs

Atualmente, a discussão sobre as NTICs na educação não pode mais residir no questionamento sobre sua incorporação ou não, visto que este processo é fato inegável. Já que o computador e a internet são, em muitos casos, ferramentas usuais no cotidiano de professores e estudantes, por que não explorá-los, de maneira a aprimorar o processo de ensino-aprendizagem?

A adoção das NTICs, apoiadas em uma reflexão sobre a filosofia, a estrutura, o conteúdo e a metodologia do processo educativo, apresentam-se como poderosas ferramentas para explorar alternativas para a construção de modelos que incorporem avanços tecnológicos e fundamentos científicos de diferentes campos do saber, oferecendo novas perspectivas e espaços para a formação profissional (Sancho, 1998; Struchiner & Giannella, 2001; Valente, 1993).

Jonassen (1996), baseado na abordagem construtivista, trabalha com o conceito de *mindtools* (ferramentas da mente) para discutir como o computador pode oferecer recursos que contribuam para uma construção crítica do conhecimento. Assim, quando discute a utilização do computador no ensino, faz uma distinção entre seu uso tradicional e a proposta das *mindtools*, ou seja, enfatiza a utilização do computador e/ou de suas ferramentas como potencializadores do pensamento crítico, a partir da elaboração de informações, interpretação e organização pessoal do conhecimento. Segundo Jonassen (1996), *mindtools* são ferramentas que facilitam e enriquecem o processo de representação do conhecimento a partir de aplicativos computacionais: banco de dados, planilhas, redes semânticas, sistemas 'especialistas', multimídia e hipermídia, *software* para conferências, dentre outros. Alguns autores referem-se a esta distinção entre a compreensão tradicional e a atual sobre o uso de

computadores na educação, falando em 'efeitos da utilização de computadores' *versus* 'efeitos com a utilização de computadores' (Salomon, 1996). No primeiro caso, o efeito é sobre o aprendiz, como se este não estabelecesse nenhuma participação ativa no processo de aprendizagem, quando na verdade o que acontece é uma integração das potencialidades, contribuindo para um aprendizado mais rico e construtivo. A aprendizagem com as *mindtools* depende de um engajamento do estudante na realização das atividades possibilitadas por estas ferramentas. Temos, então, uma parceria, onde o estudante potencializa as capacidades do computador e vice-versa.

Bransford, Brown e Cocking (2000) exploram as diferentes estratégias de uso das NTICs na educação, indicando cinco principais contribuições:

- Construção de ambientes de aprendizagem baseados na resolução de problemas a partir de situações reais: a estratégia de resolução de problemas 'realistas' apresenta, muitas vezes, uma série de limitações como a escassez de recursos e de tempo. As NTICs oferecem alternativas a estas limitações, por meio da utilização de vídeos e de simulações computacionais que reproduzem as situações contemplando toda sua complexidade.

- Oferta de ferramentas que modelam e facilitam a construção do conhecimento: estas ferramentas auxiliam o processo de construção do conhecimento a partir de uma série de mecanismos – formulação, registro, representação, modelagem, distribuição e recuperação da informação – que orientam e oferecem elementos para a análise e reconstrução de idéias e conhecimentos.

- Oportunidades de *feedback*, reflexão e revisão: as NTICs podem facilitar o processo de *feedback* por parte dos professores e a revisão de suas atividades por parte dos alunos. Por meio de animações interativas, ou de simulações, os estudantes podem visualizar automaticamente o resultado de suas ações. Além da existência de muitos *softwares* que processam e analisam as respostas dadas pelos alunos, facilitando o trabalho do professor, a possibilidade de registro dos diálogos nas ferramentas comunicacionais é um importante elemento para o processo de ensino/aprendizagem.

- Criação de comunidades locais e globais que incluem professores, alunos, administradores, profissionais relacionados ao conteúdo ministrado etc:

as fronteiras do espaço escolar foram ampliadas e, muitas vezes, são quase inexistentes, valorizando-se, cada vez mais, o aprendizado em contextos relevantes para aprendizagem, isto é, em serviço, em espaços onde estes novos conhecimentos serão aplicados e onde os fenômenos estudados possam ser observados em toda a sua complexidade. A construção de comunidades virtuais vem sendo explorada por diferentes grupos de interesse, de forma a enriquecer e diversificar o processo educativo. Dentre as potencialidades das comunidades virtuais de aprendizagem, podemos citar: a ênfase nas atividades em grupo, a preocupação com a articulação e o planejamento das atividades e o esforço em se estabelecer novas formas de interação social.

- expansão de oportunidades de capacitação/atualização de profissionais de ensino: a incorporação das NTICs nas atividades de ensino traz novas perspectivas sobre o papel do professor, que, assumindo o papel de aprendiz neste processo, pode refletir e aprimorar suas práticas. São inúmeros os exemplos de comunidades virtuais de professores que debatem e compartilham experiências sobre o campo educacional.

Estas estratégias, aliadas ao enorme potencial de comunicação e difusão de informações, oferecem uma importante contribuição da incorporação das NTICs na formação de Recursos Humanos em Saúde, que é a viabilização de programas de educação continuada a distância. Assim, o uso de redes informatizadas possibilita que profissionais e equipes de saúde, sem necessidade de se afastarem dos serviços, participem de um processo de aprendizagem significativa, por intermédio de orientações individualizadas, do acesso a materiais e informações, de participação em grupos de discussão e em projetos coletivos (Rovere, 1994). Portanto, um programa de educação a distância em saúde, com o uso de redes, deve ser compreendido como um novo paradigma para a organização social de um campo de conhecimentos e práticas com perspectivas de formação continuada, intercâmbios de experiências, acesso a materiais e informações (Carvalho, 2000). Configura-se, assim, como um espaço aberto, permitindo a participação ativa de todos os seus integrantes em condições de igualdade.

A necessidade de desenvolver um processo educativo e materiais para que profissionais do campo da saúde possam não somente trabalhar em seu próprio ritmo, mas também de acordo com seus estilos de aprendizagem (de

maneira mais natural) é especialmente crítico quando consideramos que estamos lidando com uma população de adultos.

Finalmente, é fundamental ressaltar a importância do espaço social da aprendizagem, ou seja, a interação, o diálogo educacional e o intercâmbio de idéias e experiências entre tutores e profissionais de saúde e entre os participantes de atividades educativas, como elementos essenciais do processo de construção do conhecimento. Este espaço é praticamente inexistente quando se trabalha com os modelos tradicionais de capacitação a distância, por sua natureza impessoal.

Comentários Finais

O campo das NTICs constitui-se em ferramentas estratégicas para o acesso às novas formas de organização do conhecimento, relações entre indivíduos e grupos sociais, bem como o fortalecimento dos diferentes contextos socioculturais no âmbito da 'Sociedade do Conhecimento' (Castells, 1999; Lèvy, 1993). Neste contexto, levamos em conta que o irreversível fenômeno da globalização coloca questões críticas aos países em desenvolvimento, tais como: inclusão social e tecnológica, identidade cultural, autonomia e soberania. Não é de hoje o fato de que os países em desenvolvimento são encarados como mercados emergentes pelo sistema capitalista, e a 'sociedade do conhecimento e da informação' é um novo elemento predominante deste mesmo modo de produção .

Buscar soluções para questões relacionadas à educação e à formação de recursos humanos em saúde baseados no uso das novas tecnologias, fortalecendo o desenvolvimento científico e tecnológico, é de fundamental importância para a emancipação econômica e cultural do Brasil e dos demais países da América Latina.

No entanto, devem ser ressaltadas algumas perspectivas fundamentais para o trabalho com as NTICs:

- A integração educação-trabalho, tão fundamental como uma nova perspectiva das instituições deste século, tanto como 'organizações que aprendem' quanto das estratégias para a educação permanente de

adultos trabalhadores. Isto significa que a abordagem de aprendizagem deve superar as tradicionais estratégias educativas de transmissão de informação, levando em conta as múltiplas determinações – biológicas, socioculturais e individuais – da aprendizagem humana (Demo, 1993; Pozo, 1998).

- A visão integradora de educação, tecnologia e trabalho estende-se a outros pontos fundamentais relacionados à abordagem pedagógica que deve orientar o desenvolvimento das atividades de ensino e formação continuada de profissionais de saúde, entendendo o fenômeno da formação profissional como processo histórico social, onde os alunos são sujeitos e não objetos do processo educativo (Carmo, 1997; Sancho, 1998).

- As abordagens pedagógicas ativas e contextualizadas, por sua vez, devem levar em conta a complexidade da formação e abrir as portas para a observação e a análise de diferentes aspectos, propondo e discutindo caminhos para situações passíveis de serem vivenciadas na prática, possibilitando a construção de sentido sobre os conteúdos aprendidos e suas inter-relações e sobre a relevância da atividade educativa para o cotidiano profissional, possibilitando, assim, aos estudantes as condições necessárias para que possam avançar, re-construindo o conhecimento e se preparando para continuar aprendendo ao longo de suas vidas (Novak, 1998; Perrenoud, 2000).

Cabe, ainda, ressaltar o aspecto da utilização das NTICs no processo educativo: a necessidade imperiosa de alfabetização tecnológica da força de trabalho atual requer não apenas informação sobre o uso dos recursos, mas também a construção de uma visão de que estes recursos constituem ferramentas capazes de apoiar e potencializar todo o trabalho realizado pela mente humana, e, por isso, não podem se constituir como fins em si mesmos. Portanto, deve-se partir de uma abordagem inovadora que entende que a tecnologia deve estar a serviço da autonomia, da diversidade cultural, da inclusão tecnológica, da participação ativa dos sujeitos e do entendimento do processo educativo como ferramenta estratégica para a construção da cidadania, das mudanças sociais e da melhoria da qualidade dos serviços essenciais de uma nação, como é o caso da saúde.

Referências Bibliográficas

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D. E. & HANESIAN, H. *Educational Psychology: a cognitive view*. 2.ed. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978.

BRANSFORD, J. D.; BROWN, A. L. & COCKING, R. R. *How People Learn: brain – mind, experience and school*. Washington, D.C.: National Academy Press, 2000.

CARMO, H. D. A. *Ensino Superior a Distância: contexto mundial*. Lisboa: Universidade Aberta. 1997.

CARVALHO, A. I. de. *A Educação a Distância e a Nova Saúde Pública*. 2000. Disponível em: <www.ccs.uel.br/olhomagico/ead/reflex.htm>. <http://www.ead.fiocruz.br/profae/biblioteca/saude_publica.pdf> Acesso em: 10 jun. 2001.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAL POZ, M. R. & VARELLA, T. C. Recursos humanos em saúde no Brasil: política e problemas. In: GUIMARÃES, R. & TAVARES, R. (Orgs.) *Saúde e Sociedade no Brasil: anos 80*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DEMO, P. *Desafios Modernos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEMO, P. *Educação e Conhecimento: relação necessária, insuficiente controversa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. 13.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GLASER, R.; FERGUSON, E. L. & VOSNIADOU, S. Introduction: cognition and the design of environments for learning. In: VOSNIADOU, S. et al. (Eds.) *International Perspectives in the Design of Technology-Supported Learning Environments*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996.

JONASSEN, D. Using mindtools to develop critical thinking and foster collaboration in schools. In: JONASSEN, D. H. (Eds.) *Computers in the Classroom: Mindtools for Critical Thinking*. Englewood Clifffs, NJ: Prentice Hall, 1996.

JONASSEN, D. Designing constructivist learning environments. In: REIGELUTH, C. M. (Ed.) *Instructional Theories and Models*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998.

LAURILLARD, D. *Rethinking University Teaching: a framework for the effective use of educational technology*. London: Routledge, 1993.

LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2001.

NOVAK, J. D. *Learning, Creating and Using Knowledge: concept maps as facilitative tools in schools and corporations*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1998.

PERRENOUD, P. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

POZO, J. I. *Teorias Cognitivas da Aprendizagem*. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

POZO, J. I. & MONEREO, C. (Coord.) *El Aprendizaje Estratégico: enseñar a aprender desde el currículo*. Madrid: Santillana, 1999.

ROVERE, M. R. Gestion estratégica de la educacion permanente em salud. In: *Educacion Permanente de Personal de Salud*. EUA: Opas, 1994. (Série Desarrolo de Recursos Humanos n. 100).

SALOMON, G. Studying novel learning environments as patterns of change. In: VOSNIADOU, S. et al. (Eds.) *International Perspectives in the Design of Technology-Supported Learning Environments*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1996.

SANCHO, J. M. *Para uma Tecnologia Educacional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SCHANK, R. C. & CLEARY, C. *Engines for Education*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

SPIRO, R. J. et al. Cognitive flexibility, construtivism, and hypertext: random access instruction for advanced knowledge acquisition in ill-structured domains. In: DUFFY, T. M. & JONASSEN, D. H. (Eds). *Constructivism and the Technology of Instruction: a conversation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1992.

STRUCHINER, M. & GIANNELLA, T. *Educação a Distância: reflexões para a prática nas universidades brasileiras*. Brasília: CRUB, 2001.

STRUCHINER, M.; REZENDE, F & RICCIARDI, R. V. Elementos fundamentais para o desenvolvimento de ambiente de aprendizagem a distância. *Tecnologia Educacional*, 26(142): 3-11, jul.-ago.-set., 1998.

TESTA, M. *Pensar em Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VALENTE, J. A. Porque o computador na educação. In: VALENTE, J. A. (Org.) *Computadores e Conhecimento – repensando a educação*. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1993.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WERTHEIN, J. & CUNHA, C. da. *Fundamentos da Nova Educação*. Brasília: Unesco, 2000.

PARTE II – Banco de Materiais Educativos sobre DST/Aids e Temas Afins

7. Banco de Materiais: desenvolvimento e estímulo a novas pesquisas

Eliane Vargas & Simone Monteiro

Este artigo tem como propósito fomentar investigações e reflexões sobre o desenvolvimento e avaliação do uso de tecnologias educacionais nacionais sobre DST/HIV/Aids e temas afins, reunidas na "Listagem do Banco de Materiais: *folders*/folhetos, manuais e jogos". Além de descrever o processo de elaboração do Banco de Materiais Educativos do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), o texto trás uma reflexão sobre a sistematização da produção que integra o referido Banco.[1]

Trata-se de uma análise sobre a produção de materiais desenvolvidos na década de 1990, com vistas ao estabelecimento de interfaces entre os campos da educação, saúde, comunicação e tecnologia educacional. Posteriormente será divulgada a listagem de recursos educativos comumente produzidos e utilizados no campo da saúde, tais como *folhetos/folders*, manuais e jogos educativos do Banco citado.

O Banco de Materiais do Leas consiste no resultado do levantamento da produção nacional dos chamados materiais educativos[2] sobre DST/Aids e temas afins, como drogas, saúde sexual e reprodutiva, que reúne publicações diversificadas (livros, folders/folhetos, manuais, catálogos, vídeos etc.) editadas no âmbito governamental e não-governamental. A partir do tratamento técnico das publicações, que consiste na análise temática e descritiva apresentada a seguir, pretende-se fomentar pesquisas relativas à produção nacional ca-

[1] Esta descrição foi contemplada no X Yoste Synposium (Vargas, Monteiro & Rebello, 2002).

[2] O uso da terminologia material educativo tem sido mais recorrente, mas também pode ser encontrado o termo recurso pedagógico ou educativo, comumente utilizados com o mesmo sentido.

pazes de orientar futuras políticas na área da Informação, Educação e Comunicação (IEC). Ressalta-se que essa proposta possibilita aos profissionais dedicados à educação e à assistência à saúde o acesso a uma fonte de recursos e de pesquisas, em geral dispersas, capaz de auxiliar no planejamento, reflexão das ações e pesquisa no campo da prevenção.[3]

A dispersão de informações referida tem por base alguns investimentos em pesquisa neste campo que indicam de forma geral uma defasagem entre o pólo produtor, a distribuição e o acesso aos materiais educativos. Vargas (1998), por exemplo, chama a atenção para os problemas de acesso dos profissionais de saúde às fitas de vídeos com finalidade educativa produzidas sobre sexualidade e temas afins. Seu estudo revela um distanciamento entre a produção de materiais e os usuários dos 'vídeos educativos', que se reflete na quase inexistência de estudos nesta área. Estas informações não mereceriam destaque maior, não fosse pelo conhecimento de um número considerável de títulos, particularmente os voltados para a área da saúde, revelado por vários catálogos disponíveis, conforme levantamento de 60 títulos analisados no trabalho.[4]

Demais estudos atestam a importância da contribuição dos acervos em investigações no campo da saúde, bem como a necessidade de reunir esforços para uma maior sistematização dos mesmos. Entre eles ganham destaque o trabalho de Pina (2004), sobre a análise semiótica da representação da mulher em 48 cartazes de DST/Aids do Ministério da Saúde, no período de 1986 a 2003; e o de Melo (1993), sobre a produção de 'entidades feministas' em 99 títulos vídeos no período de 1981 a 1992. Este constata um grande investimento na produção de vídeos em contraste com a precariedade na sistematização de informações, divulgação e circulação deste tipo de produção.

---

[3] Convém informar que os dados das publicações do Banco de Materiais estão disponíveis para a comunidade acadêmica por meio do Consórcio de Informações Sociais (CIS), mantido pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Democratização e Desenvolvimento (Naad) da USP e pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). O Banco também foi doado para a Biblioteca Virtual em saúde do Ministério da Saúde. Ver em: <www.saudepublica.bvs.br>.

[4] A existência de um descompasso entre 'produção' e 'consumo' desses recursos torna-se mais evidente se contrastarmos a precariedade do acesso à ênfase dada nas diretrizes, por exemplo, da IX Conferência Nacional de Saúde (1992). Nessa Conferência foram apontados como elementos essenciais para a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), a informação, a educação e a comunicação na área da saúde, utilizando a tecnologia da transmissão de imagem e áudio via satélite com vistas à difusão de programas e vídeos educativos no campo da saúde.

Com base nestas iniciativas, observa-se serem pouco visíveis as relações entre produção e distribuição, acesso e consumo de 'vídeos', em que pesem os esforços e iniciativas de bibliotecas em termos de organização de acervos, bem como de estratégias de distribuição da produção para instituições e grupos. Quanto à organização dos acervos e sua divulgação, merece destaque, para além de seu uso no âmbito da produção de serviços, seu valor como material de pesquisa e investigações nas diversas áreas do conhecimento. Sob este aspecto deve-se considerar a necessidade de uma melhor elaboração das categorias classificatórias desses recursos com vistas a oferecer subsídios relevantes à pesquisa. O alcance desses objetivos requer muitos investimentos e consiste em um desafio. No que diz respeito ao Banco de Materiais do Leas, cabe chamar a atenção para o grande esforço operado no sentido de tornar mais evidentes, aos interessados pelo tema, os critérios utilizados para a definição de cada um deles. Ressalta-se ainda que especificamente as classificações dos temas e públicos exigiram maior atenção, pois os temas nem sempre se encontram explicitados nos recursos e muito menos com relação ao público para o qual estão direcionados. Particularmente, com relação a este último, consideramos bastante pertinente um esforço maior de definição das categorias classificatórias devido ao grande debate no campo das ciências sociais que envolve a constituição da identidade dos sujeitos sociais na modernidade. Ainda que de forma incipiente, os resultados aqui indicados seguem nessa direção, como apresentado ao longo desse texto. Começaremos por descrever, de forma detalhada, os caminhos de conversão do acervo em Banco de Materiais.

O processo de desenvolvimento do Banco de Materiais compreendeu duas fases. A primeira diz respeito à ampliação e organização do acervo de materiais existente no Leas, fruto de pesquisas voltadas para a elaboração de materiais educativos sobre prevenção da DST/HIV/Aids e do uso indevido de drogas (Monteiro & Rebello, 2000). O processo de incorporação de novos materiais foi realizado a partir das respostas às correspondências enviadas a 45 Editoras, 49 ONGs brasileiras e programas governamentais na área da educação em saúde, ao longo do ano de 2000. A segunda fase correspondeu à etapa de informatização dos dados e tratamento técnico dos materiais, visando tanto à localização dos mesmos no acervo quanto ao acesso às informações que

forneceriam os dados empíricos para futuras análises e investigações. Esta etapa foi realizada por profissionais da área de biblioteconomia[5] e envolveu os seguintes procedimentos:

1) Desenvolvimento de uma ficha para classificação detalhada do acervo segundo os indicadores: tipo de publicação,[6] público-alvo e temas;

2) Catalogação dos materiais com base no Código de Catalogação utilizado nas bibliotecas – o AACR2;

3) Indexação dos assuntos, utilizando método de indexação 'pré-coordenado'[7] e 'pós-coordenado'[8] em duas etapas;

4) Estruturação do índice de assuntos; trata-se de vocabulário controlado retirado das próprias publicações, que possibilita as combinações para buscas pré-estabelecidas e a indexação de novos materiais.

5) Tratamento técnico dos materiais, caracterizado pela análise temática e descritiva. A análise temática se define pela indexação (da temática principal e do público-alvo) e pela classificação (segundo o tipo de material: folheto; *folder*, manual, livro, periódico e tese) dos materiais. A análise descritiva refere-se à descrição física do material (autor, título, editor, edição, local, data, paginação).

Em um momento posterior a essas duas fases, procedeu-se a uma revisão do Banco, visando à uniformização e padronização das informações contidas no mesmo, de forma a delimitar o universo de análise e uma nova ampliação do Banco. Desta vez, o objetivo foi incorporar informações sobre recursos educativos oriundos de outros acervos, tais como: Secretaria Municipal de Saúde/RJ, Centro de Documentação da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia, 1998), Catálogos Prisma do Núcleo de Saúde do Adolescente/UERJ (Barros et al., 1999) e Odebrecht (Odebrecht, 1994). Nessa etapa construiu-se uma padronização dos temas (gerais e específicos) e do público-alvo, constantes nas publicações dos acervos, que pudesse fornecer indicadores para

---

[5] Agradecemos a participação de Catia e a Fabiana Silva no desenvolvimento desta etapa do trabalho.

[6] Para a classificação, foram utilizados os parâmetros: livro (mais de 42 páginas), folhetos (até 42 páginas), *folder* (dobradura), manual; catálogo; vídeos, teses, cadernos/revistas e boletins.

[7] Método de combinação dos termos para a busca estabelecida previamente.

[8] Método de combinação dos termos para a busca não estabelecida.

análises, quantitativos e qualitativas, acerca das publicações. A realização desse procedimento foi informada pela leitura dos materiais. A criação de listagens, tanto para a categoria tema quanto para público-alvo, exigiu um detalhamento que possibilitasse explicitar com maior clareza a ênfase dada aos materiais, conforme demonstrado a seguir.

Listagem de termos para classificação da categoria 'tema'

Adotou-se como metodologia a descrição de cada material em relação a três termos: um primeiro termo genérico, um segundo específico e um terceiro que corresponde a um detalhamento do termo específico. O trabalho de classificação consiste na organização dos dados realizada por escolhas e estabelecimento de critérios que podem variar. Esse é um esforço que tem como propósito abarcar o maior número possível de informações sobre os recursos produzidos, conforme indica a o Quadro 1.

Listagem de termos para classificação da categoria 'público-alvo'

Trata-se de uma classificação que almeja a caracterização do público (ou população como comumente se denomina) para o qual estão dirigidas as mensagens e/ou informações presentes nos materiais educativos. O detalhamento dessa caracterização foi feito com base nas categorias usualmente encontradas nos recursos educativos, particularmente aqueles que compõem os acervos já mencionados. Na definição das categorias de público-alvo levou-se em conta, além de seu uso corrente nos materiais levantados, a necessidade de incorporar atributos classificatórios (geralmente pouco explícitos nos materiais) que contribuem para uma melhor delimitação dos grupos populacionais no que se refere à identidade sociocultural de segmentos populacionais e ao contexto social. Assim, foram definidos três campos: 1) Fase da vida, que corresponde à etapa cronológica; 2) Grupos populacionais que remetem a um agrupamento por identidade profissional, atributo físico ou orientação sexual; 3) Contexto de aplicação relativo ao ambiente de uso do material. No Quadro 2 encontram-se descritas as categorias utilizadas.

Quadro 1 – Termos para a classificação dos materiais educativos por tema

TERMO GENÉRICO	TERMO ESPECÍFICO	DETALHAMENTO DO TERMO ESPECÍFICO
Aids	Acidentes	Aborto
Cidadania	Aconselhamento	Adesão ao medicamento
Drogas	Amamentação	Adolescente
DST	Aspectos psicológicos	Agente comunitário
Educação	Aspectos religiosos	Colo do útero
Juventude	Aspectos econômicos	Comunidade
Meio ambiente	Aspectos epidemiológicos	Criança
Movimento social	Aspectos Sociais	Deficiente físico
Saúde	Assédio	Desenvolvimento de materiais
Saúde reprodutiva	Assistência Clínica	Doenças oportunistas
Sexualidade	Bioética	Efeitos fisiológicos
Tuberculose	Câncer	Empresa
Violência	Ciências Básicas	Escolas
	Desenvolvimento tecnológico	Família
	Direitos	Fluxo de pacientes
	Discriminação	Forças armadas
	Doméstica	Homem
	História	Homossexual
	Nutrição	Infecção hospitalar
	Políticas (diretrizes)	Informação
	Prevenção	Jovens de rua
	Reabilitação	Líderes hispanos
	Sistema de informação	Local de trabalho
		Mama
		Maternidade/Paternidade
		Métodos anticoncepcionais
		Medicamento
		Meios de comunicação
		Mulher
		Órfãos
		Preservativo masculino/feminino
		Profissional do sexo
		Próstata
		Raças
		Sangue
		Solidariedade
		Soropositivo

Fonte: Banco de Materiais Educativos do Leas/Biologia/IOC.

Quadro 2 – Termos para a classificação dos materiais educativos por público-alvo

Fase da Vida (1)	Grupos Populacionais (2)	Contexto de Aplicação (3)
Adolescente	Agente de saúde	Ação comunitária
Adulto	Balconista	Empresa
Criança	Deficiente visual	Ensino formal
Homem	Diabético	Ensino informal
Idoso	Escolar	Família
Infanto-juvenil	Farmacêutico	IEC em Saúde/Mídia
Mulher	Gestante	Religião
	Gestor	Serviço de saúde
	Hemofílico	Divulgação científica/Pesquisa
	Homossexual	
	Órfão	
	Pais	
	Pesquisador	
	População carcerária	
	População de rua	
	População geral	
	Professor	
	Profissional da educação	
	Profissional da saúde	
	Profissional do sexo	
	Proprietário de farmácia	
	Soropositivo	
	Trabalhador	
	Universitário	
	Usuário de drogas	

Fonte: Banco de Materiais Educativos do Leas/Biologia/IOC.

Sendo comumente usado o termo 'público-alvo' no contexto das práticas educativas/preventivas, ele foi aqui analisado com o objetivo de promover uma melhor organização dos dados e, conseqüentemente, permitir uma visualização da produção em seu conjunto. Nesse sentido, cabe chamar a aten-

ção que o termo 'público-alvo' encontra-se pouco refletido tanto teoricamente quanto no âmbito das ações e proposições educativas/preventivas. Em termos de sua definição, considera-se tal categoria como correspondendo ao grupo populacional para o qual são enunciadas as mensagens presentes nos recursos educativos. Vale salientar que nos materiais do Banco analisados não consta uma classificação dos títulos que explicite o 'público-específico' para o qual estariam direcionadas tais mensagens. Foi necessário, portanto, identificá-lo pelas sinopses dos conteúdos e de alguns títulos.

Outra questão pertinente à presente reflexão se refere à correlação, que merece ser aprofundada, entre as temáticas abordadas e o os públicos-alvos das mensagens. *Grosso modo,* observa-se, na relação entre as temáticas e o público, a presença dos modelos preventivos e/ou assistenciais voltados para certos grupos populacionais, característicos das intervenções no campo da saúde coletiva. O fenômeno da gravidez na adolescência, fortemente marcado pelos saberes biomédicos, é um exemplo do que se quer dizer na medida em que a abordagem desse tema no contexto educativo enfatiza a 'prevenção' da gravidez e o 'risco' de engravidar para o público adolescente. Estudos nessa área têm chamado a atenção para os diferentes sentidos da gravidez adolescente tanto em camadas médias quanto em camadas populares (Cabral, 2002; Brandão, 2003).

Assim, orientando-se pela lógica do risco, conceito fundamental da epidemiologia moderna, tais modelos distinguem grupos e segmentos populacionais específicos que requerem mais cuidados por sua maior exposição às doenças (Castiel, 1994). Configurados através deste modelo, estes grupos constituem-se em objeto das intervenções educativas/preventivas em saúde nas quais prevalece a persuasão sobre os riscos como princípio orientador com base em informações de natureza epidemiológica. No entanto, percebe-se que estes modelos sobrepõem-se a outros como aqueles voltados ao fortalecimento da autonomia e à incorporação dos valores socioculturais. É o que se observa dentro do mesmo exemplo do tema da gravidez e adolescência. A abordagem educativa sobre esse tema contém as marcas do discurso biomédico associada a orientações que levam em conta a necessidade do autoconhecimento, das relações amorosas e de uma visão ampla da sexualidade. Isto sugere que pressupostos diversos caracterizam a intencionalidade dessas propostas não

sendo possível afirmar uma total predominância de intervenções apoiadas no enfoque de risco, embora sua presença se faça marcante.

Com relação ao conjunto da produção, cabe ressaltar ainda que os títulos levantados correspondem à década de 1990. No entanto, algumas considerações sobre o contexto de produção desses materiais, na década de 1980, devem ser feitas por sua importância em termos da consolidação de políticas sociais mais afinadas com as reivindicações dos movimentos sociais por melhorias das condições de atendimento à saúde e educação e, conseqüentemente, por mudanças nas concepções que apóiam a abordagem da sexualidade e da reprodução e questões do corpo a elas relacionadas. Operando com um conjunto de instrumentais teórico-metodológicos que auxiliam as intervenções e as análises dos determinantes sociais sobre o processo de saúde/doença, as propostas alternativas metodológicas consolidadas na década de 1980 emergem das restrições ou críticas ao chamado 'modelo biomédico'. Ressalta-se aqui a contribuição das abordagens qualitativas[9] na estruturação e análise dos processos educativos preventivos em saúde que têm incorporado o uso de tecnologias educacionais. As 'metodologias' anteriormente indicadas – propondo a incorporação do saber popular e de práticas alternativas nas ações e investigações em saúde – voltavam-se para a promoção de mudanças necessárias às identidades institucionais como resposta às demandas de saúde, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Nesse sentido, os materiais educativos (vídeos, jogos etc.), como um meio de produção de mensagens, têm sido incorporados às ações de natureza educativa, visando introduzir novas questões e concepções na abordagem dos temas de saúde.

Tendo esse contexto como pano de fundo, verifica-se que a década de 1980 se caracterizou pela expansão da produção de materiais educativos voltados para temas relacionados ao comportamento sexual. Estes podem ser caracterizados amplamente e de maneira mais visível como produções sobre a temática da mulher e das relações de gênero, embaladas pelo movimento de mulheres cujas ações e intervenções almejavam à politização da intimidade, voltando-se para as relações do cotidiano na esfera do privado. Um exemplo

[9] Um investimento promissor nesse sentido tem sido o Curso Regionalizado em Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva (Heilborn & Barbosa, 2003).

ilustrativo do que se quer dizer pode ser encontrado em Melo (1993) que realiza um estudo específico sobre vídeos educativos feministas, conforme já mencionado. A partir de um extenso levantamento dos vídeos produzidos por 'entidades feministas' e 'mulheres realizadoras', entre 1981 e 1992, nas videotecas de em São Paulo, a autora constata a existência de um grande investimento na produção de vídeos que contrasta com a precariedade na sistematização de informações, divulgação e circulação da produção para além dos limites das ações do movimento. Um outro ângulo dessa discussão, também citado anteriormente, foi apresentado por Vargas (1998) que, além de corroborar esses resultados, aponta para a escassez de trabalhos de avaliação de materiais educativos, bem como para uma reduzida problematização teórico-metodológica nesse campo. Nesse sentido, o autor sugere a existência de um distanciamento entre as iniciativas de produção de recursos pedagógicos e o consumo dos mesmos pelo usuário –, 'público-alvo' das ações preventivas.

Por fim, compreende-se que os dados sobre temas e públicos-alvos predominantes no Banco de Materiais contribuem para a identificação das tendências da produção nesse campo. Os dados levantados permitem ainda refletir sobre a existência de lacunas nas abordagens educativas e preventivas, como a necessidade de ações de saúde mais integradas em relação à Aids e à saúde reprodutiva. Ademais, as informações reunidas indicam a importância de se refletir sobre as definições da categoria público-alvo, visando à análise das concepções de identidade sociocultural, sexual e de gênero a ela associada.

Com o propósito de estimular novas reflexões sobre a produção de tecnologias educacionais na área da prevenção da DST/HIV/Aids e temáticas associadas, será fornecida (em anexo) uma relação de materiais educativos extraída do Banco de Materiais. Na impossibilidade de apresentar todas as modalidades de materiais existentes no mesmo, elegemos os do tipo folheto/*folder*, manual e jogos educativos por sua relevância na utilização com a população usuária dos serviços e com profissionais de saúde em propostas educativas preventivas e pela escassez de sistematizações dessas produções nas bibliotecas, serviços públicos e organizações não-governamentais (Lopes & Pimenta, 2003). Nesta apresentação, serão destacados a classificação dos materiais por 'título', 'subtítulo', 'editor', 'local', 'data', 'público-alvo', 'tema' e 'fonte', considerados necessários para se proceder a uma caracterização mais geral do acer-

vo e fonte de investigações e demais investimentos em avaliação e desenvolvimento de materiais no campo da saúde.

Em suma, a análise aqui desenvolvida busca demonstrar que a sistematização e a reflexão acerca do acervo de materiais educativos, desenvolvidos no âmbito de programas de prevenção das DST/Aids, potencializam a identificação das iniciativas e lacunas desse tipo de produção. Tal perspectiva enfatiza que este consolidado de informações consiste em uma etapa fundamental não só da pesquisa, mas das proposições no âmbito das políticas públicas em termos da recorrência dos assuntos ou da compreensão sobre temas mais afinados com as necessidades relativas à educação no campo da saúde. Sob este aspecto, algumas lacunas já puderam ser identificadas na literatura, como a falta de integração de certos conteúdos na abordagem dos materiais de prevenção relativos à saúde reprodutiva (Barros et al., 1999). A necessidade de inclusão de novos temas, prementes nas agendas governamentais e não-governamentais, também coloca como questão de pesquisa os desafios na elaboração de modelos educativos preventivos mais complexos. Estes encontram no campo da comunicação em saúde poderosos aliados, haja vista a importância das interfaces entre os inúmeros componentes determinantes das condições de vulnerabilidade ao HIV/Aids nas estratégias educativas/preventivas.

Com base no levantamento das iniciativas identificadas pode ser dito que os investimentos nas ações de Informação, Educação e Comunicação (IEC) têm sido expressivos no âmbito das políticas públicas, mas as análises acerca da qualidade e repercussão dessa produção ainda são pontuais. É necessário, portanto, avaliar os modos através dos quais tais trabalhos têm contribuído para o aprofundamento teórico metodológico sobre o uso de tecnologias educacionais aplicadas à saúde. Nesse sentido, a presente análise do Banco visa colaborar para uma maior visibilidade dos tipos, temáticas e públicos-alvos das publicações que se convencionou chamar de 'materiais educativos' e, desta forma, estimular uma reflexão acerca das interfaces entre os campos da tecnologia educacional, da educação e da comunicação que servem de apoio às ações pedagógicas no campo da saúde.

Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA) *Catálogo de Organizações Comunitárias com Centros de Documentações*. Rio de Janeiro: Abia, 1998.

BARROS, C. R. P. et al. *Catálogo Projeto Prisma – região Sudeste*. Rio de Janeiro: Nesa/Uerj, 1999.

BRANDÃO, E. R. *Individualização e Vínculo Familiar em Camadas Médias*: *um olhar através da gravidez na adolescência*, 2003. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: IMS/Uerj.

CABRAL, C. *Vicissitudes da Gravidez na Adolescência entre Jovens das Camadas Populares do Rio de Janeiro*, 2002. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IMS/Uerj.

CASTIEL, L. D. *O Buraco e o Avestruz: a singularidade do adoecer humano*. Campinas: Papirus, 1994.

HEILBORN, M. & BARBOSA, R. Sexuality research training in Brazil. In: MAURO, D.; HERDT, G. & PARKER, R. (Eds.) *Handbook of Sexuality Research Training Initiatives*. Nova Iorque: Social Science Research Council, 2003.

LOPES, A. & PIMENTA, C. (Orgs.) *Como Montar um Centro de Documentação: democratização, organização e acesso ao conhecimento*. Rio de Janeiro: Abia, 2003.

MELO, J. V. *Trabalho de Formiga em Terra de Tamanduá – a experiência feminista com vídeo*, 1993. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/ECA/USP.

MONTEIRO, S. & REBELLO, S. Prevenção do HIV/Aids e do uso indevido de drogas: desenvolvimento e avaliação de jogos educativos. In: ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

FUNDAÇÃO EMÍLIO ODEBRECHT. *Inventários de Materiais Educativos sobre Saúde Reprodutiva e Educação Sexual para Adolescentes*. Bahia: ODEBRECHT/ Advocates for Youth ,1994.

PINA, E. R. A *Representação da Mulher nos Cartazes das Campanhas do Ministério da Saúde em Aids: visibilidades e* silêncios, 2004. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde/CCS/UFRJ.

VARGAS, E. *Sexualidade e Corpo: o olhar do sujeito através das imagens em vídeo*, 1998. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Nutes/UFRJ.

VARGAS, E., MONTEIRO, S. & REBELLO, S. Aids and reproductive health: an analysis of the production of educational technology. In: ANAIS DO PROCEEDINGS OF X IOSTE SYMPOSIUM, Foz do Iguaçu, I, 2002, p. 199-208.

Banco de Materiais

Folders e Folhetos

Título: Muito prazer: esse sexo que é nosso
Editor: Fundação Carlos Chagas
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade
Fonte:Leas

Título: Odô Yá!
Editor: Arca-Iser
Local: Rio de Janeiro
Data: 1991
Público-alvo: População geral; religião
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título:Você sabe o que é redução de danos?
Editor: Associação Casa Viva
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Aids; drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Você sabe o que é redução de danos?
Editor: Associação Casa Viva
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Aids; drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título:Violência contra a mulher: é preciso: denunciar! Acabar!
Editor: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz (Programa de Apoio à Reforma Sanitária)
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Violência doméstica; mulher
Fonte: Leas

Título: Anticoncepção e saúde
Editor: Febra
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; assistência clínica; aborto; métodos anticoncepcionais
Fonte: Leas e Prisma

Título: A próstata pode causar sérios problemas: todo homem precisa conhecer. Toda mulher pode ajudar
Editor: Conselho Brasileiro de Saúde Prostática
Data: [19—]
Público-alvo: Homem; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; câncer
Fonte: Leas

Título: Noções básicas sobre amamentação
Editor: Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Saúde reprodutiva; amamentação
Fonte: Leas

Título: Mulheres e Aids: pra começo de conversa
Editor: Abia/Arca-Iser
Local: Rio de Janeiro
Data: 1995
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção; mulher
Fonte: Leas e Prisma

Título: Endereços úteis: sim: serviço de informação à mulher
Editor: Ministério da Justiça. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
Local: Porto Alegre
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Movimento Social
Fonte: Leas

Título: Normas para diabéticos não insulino-dependentes
Editor: Hoechst
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Diabético; serviço de saúde
Tema: Saúde; assistência clínica
Fonte: Leas

Título: Câncer de colo
Editor: Prefeitura da Cidade de Curitiba
Local: Curitiba
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção; colo do útero
Fonte: Leas

Título: Câncer de colo
Editor: Ministério da Saúde; Ministério da Previdência e Assistência Social
Local: Brasília
Data:: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; câncer
Fonte: Leas

Título: Planejamento familiar
Editor: Ministério da Saúde. Coordenação de Saúde Materno Infantil; Fundo de População das Nações Unidas no Brasil; OMS; Opas
Data: [19—]
Público-alvo: Escolar; ensino formal
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas

Título: Aparelhos reprodutores
Editor: Centro Federal de Educação Tecnológica
Local: Rio de Janeiro
Data: 1997
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas

Título: Corpo humano
Editor: Centro Federal de Educação Tecnológica
Local: Rio de Janeiro
Data: 1997
Público-alvo: População geral
Tema: educação; saúde
Fonte:Leas

Título: Saúde reprodutiva e Aids-mulheres
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Mulher; serviço de saúde
Tema: DST/Aids; prevenção; mulher
Fonte:Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Mãe não fume durante a gravidez
Editor: Ministério da Saúde; Inca
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte:Leas

Título: Tétano neonatal
Editor: Fundação Nacional de Saúde
Local: Brasília
Data: 1993
Público-alvo: Gestante; Serviço de Saúde
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas

Título: Tire suas dúvidas sobre amamentação
Editor: Fiocruz; Banco de Leite Humano
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Saúde reprodutiva; amamentação
Fonte: Leas

Título: Projeto Comunidades na Luta Contra a Aids – saúde sexual e reprodutiva
Editor: Ação Comunitária Pró-Favela-SBSC/RJ
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Homem; Serviço de Saúde
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; câncer
Fonte:Leas

Título: População e direitos reprodutivos perspectivas feministas do Sul
Editor: Rede Dawn-Mudar
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Mulher; profissional de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; direitos; mulher
Fonte:Leas e Prisma

Título: Sexo, prazer e positividade
Editor: Gapa-BA
Local: Salvador
Data: 1997
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids-sexualidade; prevenção; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Hipertensão arterial na gravidez
Editor: Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte:Leas

Título: Particularidades da infecção pelo HIV na mulher – Qual a diferença ?
Editor: Projeto SOS Mulher e Aids/Gapa-SP
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção; mulher
Fonte: Leas

Título: Aborto – conhecer para decidir
Editor: Centro Nacional Bertha Lutz de Assitência, Educação e Promoção da Mulher e da Família
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; direitos; aborto
Fonte: Leas

Título: Filho é bom, sim. No momento certo, melhor ainda, não?
Editor: Associação Brasileira de Entidades de Planejamento Familiar
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fonte: Leas

Título: Mulheres...
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção; mulher
Fonte:Leas e Prisma

Título: Where the boys are: promotion greater male involvement in sexuality education – conclusions from qualitative research in
Editor: Centro de Educação Sexual (Cedus)
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Adolescente; divulgação científica/pesquisa
Tema: Educação-sexualidade
Fonte: Leas

Título: Instituto da Mama do Rio Grande do Sul, Instituto Fernandes Figueira
Editor: Instituto Fernandes Figueira/ Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção; mama
Fonte: Leas

Título: Auto-exame das mamas – um toque de carinho
Editor: Ministério da Saúde; Inca; Sociedade Brasileira de Mastologia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Mulheres positivas: guia de sintomas e tratamentos para mulheres vivendo com HIV e Aids
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Mulher; soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; mulher
Fonte: Leas e Prisma

Título: Programa de Prevenção em DST/ Aids – sexo + seguro
Editor: Hospital Evandro Chagas/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte:Leas

Título: Assessoria e orientação jurídica: conquistas
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte:Leas, Prisma, SMS/RJ e Abia

Título: Homens...
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção; homem
Fonte: Leas e Prisma

Título: O Que acontece quando o teste é positivo – viver a vida positivamente
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Odebrecht e Leas

Título: Camisinha – não saia de casa sem ela...
Editor: Atobá-Movimento de Emancipação Homosexual
Local: Rio de Janeiro
Data: 1990
Público-alvo: Homossexual
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Leas

Título: Qual é o porto seguro contra a Aids?
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1991
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Previna-se do vírus. Não das pessoas
Editor: Ministério da Saúde; Programa Nacional de Controle das DST/Aids
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: A Abia tem o prazer de apresentar sugestões relativas a um tema importante – o sexo seguro para a prevenção da Aids
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte: Leas

Título: Diretrizes sobre métodos de esterilização e desinfecção eficazes contra o vírus da imunodeficiência humana (HIV)
Editor: OMS
Local: Genebra
Data: 1988
Público-alvo: População geral; serviço de saúde
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Sida, Aids, HIV – as informações que você precisa saber!
Editor: Massachusetts Alliance of Portuguese Speaks (Maps)
Local: Somerville
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Treinamento em aconselhamento Aids – guia do multiplicador
Editor: Ministério da Saúde; Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde
Local: Brasília
Data: 1989
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; aconselhamento; agente comunitário-treinamento
Fonte: Leas

Título: Aids – comunicação e sociedade
Editor: Cict-Núcleo de Vídeo/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: 1992
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção; meio de comunicação
Fonte: Leas

Título: Amigos, amigos, seringas à parte
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1995
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Aids-drogas; prevenção
Fonte:Leas

Título: O que é Aids, como ela ataca e como evitá-la
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte:Odebrecht, Leas e Prisma

Título: Aids
Editor: Companhia Atlatic de Petróleo
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Lidando com o luto
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: São Paulo
Data: 1989
Público-alvo: Soropositivo; Família
Tema: Aids; aspectos psicológicos; soropositivo
Fonte:Leas e Prisma

Título: Mulher e Aids – desenvolvendo uma nova estratégia de saúde
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Mulher; serviço de saúde
Tema: DST/Aids; prevenção; mulher
Fonte: Leas

Título: Sexo sem riscos entre homens
Editor: Abia/Gapa
Local: Rio de Janeiro
Data: 1988
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Leas e Prisma

Título: Aids – o desafio é nosso
Editor: Nesc/CCS/UFRJ/Daiceba
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente; escolar
Tema: DST/Aids; prevenção; adolescente
Fonte: Leas

Título: Qual é a transa?
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Aids – quanto mais você conhece, mais pode evitar
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas, Prisma e Abia

Título: Tudo dentro
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1995
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Abia

Título: Aids – como usar a camisinha
Editor: Associação Petropolitana Interdisciplinar de Aids;Comissão Municipal para o Controle da Aids/SMS; Faculdade de Medicina de Petrópolis
Local: Petrópolis
Data: 1992/1993
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte: Leas

Título: Câncer de mama
Editor: Ministério da Saúde; Ministério da Previdência e Assistência Social
Local: Brasília
Data:[19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; câncer; mama
Fonte: Leas

Título: Sexo sem Aids
Editor: Grupo Gay da Bahia/Centro Baiano Anti-Aids
Local: Salvador
Data: [19—]
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção; homossexual
Fonte:Leas e Abia

Título: Aids – viver com o vírus
Editor: Governo do Estado do Rio de Janeiro/SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Leas, Prisma e Abia

Título: Crescer sem violência – um desafio para educadores
Editor: Ensp/Claves/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Infanto-juvenil; profissional da educação; família
Tema: Violência doméstica; criança; adolescente
Fonte: Leas

Título: Prevenir a violência – um desafio para profissionais de saúde
Editor: Ensp/Claves/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Infanto-juvenil; profissional de saúde; família
Tema: Violência doméstica; criança; adolescente
Fonte: Leas

Título: Fala garota! Fala garoto!
Editor: SES; Programa DST/Aids
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Cuidando de alguém com Aids – informação para amigos, familiares, pessoas que convivem e que cuidam de uma pessoa com Aids
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Soropositivo; família
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fonte: Odebrecht, Leas e Prisma

Título: Sumary Aids – the second decade
Editor: National Academy Press
Local: Washington
Data: 1990
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; aspectos epidemiológicos
Fonte: Leas

Título: Aconselhamentos em DST, HIV e Aids – diretrizes e procedimentos básicos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: DST/Aids; aconselhamento; políticas (diretrizes)
Fonte: Leas e SMS/RJ

Título: Pratique solidaried'Aids – de bar em bar em busca de um sorriso
Editor: Associação Brasileira de Assistência à Criança com Aids
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Tudo o que você sempre quis saber sobre as doenças transmitidas pelo sexo
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Dicas de saúde
Editor: INCQS/Assessoria de Comunicação Social/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; nutrição
Fonte: Leas

Título: Odô Yá!
Editor: Arca-Iser
Local: Rio de Janeiro
Data: 1991
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; religião
Fonte: Leas e Prisma

Título: Aids – um problema de toda sociedade
Editor: Vozes
Local: Petrópolis
Data: 1993
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Que qui é essa tal de Aids?
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1989
Público-alvo: Adolescente; população geral
Tema: DST/Aids; prevenção; jovens de rua
Fonte: Leas

Título: Aids no local de trabalho – você precisa saber
Editor: Abia/Projeto A Solidariedade é uma Grande Empresa
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Trabalhador; empresa
Tema: Aids; assistência clínica
Fonte: Leas e Prisma

Título: Sangue direito à vida
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção; sangue
Fonte: Leas e Prisma

Título: Herpes genital e labial– o que você deve saber e o que você pode fazer
Editor: Sociedade Brasileira de Infectologia e União/Ulacets
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas

Título: Doenças transmitidas pelo sexo. Informe-se e previna-se – programa estadual de controle e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e Aids
Editor: SES/Susc/CV; Programa de Controle de DST/Aids; secretarias municipais
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Cai dentro: camisinha – a favorita da galera.
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1995
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; adolescente
Fonte: Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Aids não está no destino de ninguém – você pode evitar
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Aids e comportamento nos anos 90
Editor: Gapa
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: A vida é uma festa! Mas a Aids não é brincadeira
Editor: Gapa
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: O homem das cavernas já pensava em prevenção, e você ???
Editor: Prefeitura de São Gonçalo/ Fundação Municipal de Saúde/ Superintendência de Saúde
Local: São Gonçalo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Teste do amor
Editor: Gapa
Local: Salvador
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Aprenda a transar com a existência da Aids
Editor: Secretaria de Projetos Especiais de Saúde/Coordenação Nacional de DST e Aids/Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data:[19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Pessoas que vivem com HIV/Aids – direitos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: O grito de carnaval este ano é camisinha!
Editor: Atobá-Movimento de Emancipação Homossexual
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Leas

Título: Se liga galera! Cartilha de prevenção à Aids para adolescentes
Editor: Projeto Papos/Nesa
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção; adolescente
Fonte: Leas e Prisma

Título: Vale tudo só não vale Aids – faça sexo seguro. Use camisinha!
Editor: Gapa
Local: Salvador
Data: [19—]
Público-alvo: Homossexual
Tema: Aids; prevenção; adolescente
Fonte: Leas

Título: Conheça a Aids e previna-se!
Editor: Acordo de Cooperação Técnica Brasil/PNUD
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Você conhece o HTLV-1?
Editor: Hospital Evandro Chagas/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico
Fonte: Leas

Título: DST – as doenças sexualmente transmissíveis são as conhecidas 'doenças venéreas'e passam de pessoa a pessoa
Editor: Ação Comunitária Pró-Favela-SBSC/RJ
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral; ação comunitária
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas

Título: Doenças sexualmente transmissíveis e Aids – como evitar
Editor: Fundo das Nações Unidas para Atividades de População; Sociedade Civil Bem-Estar Familiar
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Um passaporte para o futuro - ministério da prevenção: carteira de saúde ...
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: HIV & Aids
Editor: Governo do Estado do Rio de Janeiro; Secretaria de Estado de Justiça e Interior/
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Juntos poderemos vencer a Aids
Editor: Programa de Informação Permanente de Aids (Pipa)
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma
Título: Tenha coragem de responder não, obrigado – para depois não ser obrigado a dizer sim! E a qualquer preço: cocaína
Data: 1986
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Valorização da vida
Editor: Serviço Público Federal/Demec
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ensino formal
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: O Rio tem. Venha conhecer a gente – alcoolismo, drogas, cigarros e seus problemas
Editor: Conselho Estadual de Entorpecentes do Rio de Janeiro (Conem)
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ação comunitária
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: O Rio tem. Venha conhecer a gente – drogas
Editor: Conem
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ação comunitária
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: O Rio tem. Venha conhecer a gente – alcoolismo
Editor: Conem
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ação comunitária
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Por que tanto uso indevido de droga?
Editor: Abraço
Local: Rio de Janeiro
Data: 1987
Público-alvo: Profissional da Educação
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Pode-se prevenir o uso indevido de droga?
Editor: Abraço
Local: Rio de Janeiro
Data: 1987
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Como conduzir a educação preventiva?
Editor: Abraço
Local: Rio de Janeiro
Data: 1987
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: O que e como informar? O uso dos meios de comunicação social
Editor: Abraço
Local: Rio de Janeiro
Data: 1987
Público-alvo: Profissional da Educação
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Onde estará o problema – nas drogas ou nas pessoas?
Editor: Abraço
Local: Rio de Janeiro
Data: 1987
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: O Que não fazer? Medidas que atrapalham
Editor: Abraço
Local: Rio de Janeiro
Data: 1987
Público-alvo: Profissional da Educação
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Curiosidade mata
Editor: Gapa
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Pride: plano comunitário para a prevenção do abuso de drogas
Editor: Pride-National Parents' Resource Institute for Drug Education
Local: Atlanta
Data: 1984
Público-alvo:Usuário de drogas; ação comunitária
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: A maconha
Data: 1986
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Associação Brasileira de Agentes de Saúde em Alcoolismo
Editor: Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ação comunitária
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Drogas – uma luta sem fronteiras
Editor: Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EUA (Usis)
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Abuso de drogas em locais de trabalho
Editor: Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos EUA (Usis)
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Trabalhador; empresa
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Sanasa Campinas apresenta – nós e a Aids
Editor: Sanasa
Local: Campinas
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Sumary Aids – sexual behavior and intravenous drug use
Editor: National Academy Press
Local: Washington
Data: 1989
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos epidemiológicos
Fonte: Leas

Título: Coleção Abia
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Soropositivo; serviço de saúde
Tema: Aids; assistência clínica; doenças oportunistas
Fonte: Leas

Título: Resumo do Programa de Ação da Conferência Internacional Sobre População e Desenvolvimento
Editor: Fundo de População das Nações Unidas (FNUAP)
Local: Brasília
Data: 1994
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; direitos
Fonte: Leas

Título: Proposta para uma política nacional de drogas
Editor: Ministério da Justiça. Conselho Federal de Entorpecentes
Local: Brasília
Data: 1992
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas; políticas (diretrizes)
Fonte: Leas

Título: Protegendo nossas crianças e adolescentes
Editor: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Infanto-Juvenil; Família
Tema: Violência; doméstica; criança; adolescente
Fonte: Leas e Prisma

Título: Adolescência – uma pequena orientação
Editor: Schering do Brasil
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Sexualidade; aspectos sociais; adolescente
Fonte: Leas

Título: Conversando sobre Aids em família – manual de informações básicas
Editor: Cepel/Gapa/MS
Local: Rio de Janeiro
Data: 1997
Público-alvo: População geral; ação comunitária
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: International Reproductive Rights Research Action Group: Beijing '95 (IRRRAG)
Editor: IRRAG
Local: New York
Data: 1995
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; direitos
Fonte: Leas

Título: Cordel da DST
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Health, environment, and development –subsidies to a multidisciplinary discussion presented to United Conference on Environmental and Development
Editor: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: 1992
Público-alvo: Profissional da educação; ensino formal
Tema: Saúde; desenvolvimento tecnológico
Fonte: Leas

Título: Cocaína, ópio, maconha – problema global, resposta global
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Atualização em DST para balconistas e proprietários de farmácias – projeto de envolvimento das farmácias no programa de controle das DST
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1995
Público-alvo: Balconista
Tema: DST; aconselhamento
Fonte: Leas

Título: Farmácias, farmacêuticos e as doenças sexualmente transmissíveis – projeto de envolvimento das farmácias no programa de controle das DST
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1995
Público-alvo: Farmacêutico
Tema: DST; Aconselhamento
Fonte: Leas

Título: Malandro, sem camisinha não dá – manual de orientação para professores
Editor: FNS, CPNC-DST/Aids
Local: Brasília
Data: 1994
Público-alvo: Profissional da Educação
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Convocação e tratamento de parceiros sexuais de pacientes com DST
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1994
Público-alvo: Profissional de saúde; serviço de saúde
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas

Título: Orientação às instituições executoras de treinamento para seleção de candidatos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1995
Público-alvo: Profissional de saúde; serviço de saúde
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Vida de rua
Editor: Universidade Federal de Minas Gerais; Johns Hopkins University
Local: Belo Horizonte/Baltimore
Data: 1994
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; jovens de rua
Fonte: Leas

Título: Co-infecção TB/HIV/Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1994
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; assistência clínica
Fonte: Leas e Prisma

Título: Documento de consenso sobre terapia anti-retroviral em adultos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; assistência clínica; adesão ao medicamento
Fonte: Leas e Prisma

Título: O banco de horas
Editor: Idac
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: Soropositivo; serviço de saúde
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Implicações éticas da triagem sorológica para HIV
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1993
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; assistência clínica; sangue
Fonte: Leas e Prisma

Título: Sífilis na gravidez – como evitar, como tratar
Editor: Salamandra; Ministério da Saúde
Local: Rio de Janeiro/Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Gestante; serviço de saúde
Tema: DST; saúde reprodutiva; prevenção
Fonte: Leas e SMS/RJ

Título: 1º de dezembro dia mundial de luta contra a Aids
Editor: Companhia Vale do Rio Doce
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título:2º Simpósio Internacional de Práticas Comunitárias Institucionais
Editor: Sobepi
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; políticas (diretrizes)
Fonte: Prisma

Título: A Aids e a escola – nem diferença nem discriminação
Editor: SME
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: Pesquisador
Tema: Saúde; bioética
Fonte: Leas

Título: Plano estratégico: 1996-1998 – prevenção, controle e assistência às DST/Aids no local: de trabalho
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Empresa
Tema: DST/Aids; prevenção; local de trabalho
Fonte: Leas

Título: Dicas e jeitinhos
Editor: Governo de Sergipe/SES
Local: Aracaju
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional do sexo
Tema: Aids; prevenção; profissional do sexo
Fonte: Leas

Título: Redução da transmissão perinatal do HIV com uso de AZT
Editor: Ministério da Saúde; Programa Nacional de DST/Aids
Local: Brasília
Data: 1995
Público-alvo: Mulher; Gestante
Tema: Aids; saúde reprodutiva; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Guia de recomendações – casas de apoio em HIV/Aids
Editor: Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST e Aids
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica
Fonte: Leas

Título: Uma babá mais que perfeita – cartilha de treinamento para funcionários de casas de apoio para crianças HIV positivo
Editor: Sociedade Viva Cazuza
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Criança; soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; criança
Fonte: Leas e SMS/RJ

Título: Traveca esperta só transa com camisinha na neca
Editor: Grupo Gay da Bahia/Associação de Travestis de Salvador
Local: Salvador
Data: [199-]
Público-alvo: Homossexual
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Leas

Título: Cartilha – HIV, direitos, soropositivos
Editor: Ministério da Saúde; Coordenação-Geral do PN DST/Aids
Local: Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Estimativas do número de crianças em situação de risco de ficarem órfãs e desalojadas em razão da Aids no Brasil
Editor: John Snow do Brasil; Projeto Mundial para Órfãos
Local: Boston/Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Criança; órfão
Tema: Aids; aspectos sociais; órfãos
Fonte: Leas

Título: Ações na prevenção da transmissão sexual do HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis
Editor: Coordenção Geral de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids
Local: Brasília
Data: 1995
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Abia

Título: DST/Aids na mira
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Abia

Título: Conheça a Aids e previna-se!
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Abia
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: O que você está esperando pra fazer um teste de Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Pontes – Aids e assistência
Editor: Banco de Horas; Idac
Local: Rio de Janeiro
Data: [199-]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Aids – sujeito e comunidade
Editor: Banco de Horas; Idac
Local: Rio de Janeiro
Data: [199-]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Uma experiência de voluntariado – os profissionais de saúde mental
Editor: Banco de Horas; Idac
Local: Rio de Janeiro
Data: [199-]
Público-alvo: Soropositivo; serviço de saúde
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Drogas! Se eu quiser parar, você me ajuda?
Editor: Autores & Agentes & Associados
Local: Petrópolis
Data: 1997
Público-alvo: Adolescente; usuário de droga
Tema: Drogas; prevenção; adolescente
Fonte: Leas

Título: Análise da série de fitas de vídeo do Programa Aids/DST do Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde, Programa Nacional de DST/Aids
Editor: SMS
Local: Petrópolis
Data: 1995
Público-alvo: Profissional da Educação
Tema: DST/Aids; prevenção; desenvolvimento tecnológico
Fonte: Leas

Título: Aids – o risco é para todos
Editor: SES de Sergipe/Programa de DST/Aids
Local: Aracaju
Data: [199-]
Público-alvo: Homem
Tema: DST/Aids; prevenção; homem
Fonte: Leas

Título: Sem camisinha não há negócio
Editor: SES de Sergipe/Programa de DST/Aids
Local: Aracaju
Data: [199-]
Público-alvo: Profissional do sexo
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino

Título: Sexo seguro
Editor: Grupo *Gay* da Bahia/Centro Baiano Anti-Aids
Local: Salvador
Data: [199-]
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Leas

Título: Não vá pra cama sem ela
Editor: Ministério da Saúde; Secretaria de Projetos Especiais de Saúde; Coordenação Nacional de DST e Aids
Local: Brasília
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte: Leas

Título: Álbum seriado DST – doenças sexualmente transmissíveis
Editor: Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids
Local: Brasília
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas

Título: In the same vein the book
Editor: *Gay* Injecting Drug Use Project (Gidup)
Local: Northbridge
Data: [199-]
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Elección de anticonceptivos – consideraciones para los jóvenes
Editor: Population Action International
Data: [199-]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fonte: Leas

Título: Mente aberta, honestidade, boa vontade
Editor: Grupo Ajuda de Toxicômanos Anônimos
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Conhecimentos sobre os meios de transmissão da Aids – uma avaliação com conscritos do Exército Brasil 1996
Editor: Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST e Aids
Local: Brasília
Data: 1998
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção; forças armadas
Fonte: Leas

Título: An Activity book for children warning of the hazards of drug taking
Data: [19—]
Público-alvo: Infanto-juvenil
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Revisão da definição nacional de casos de Aids em indivíduos com 13 anos ou mais, para fins de vigilância
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1998
Público-alvo: Soropositivo; serviço de saúde
Tema: Aids; aspectos epidemiológicos
Fonte: Leas

Título: Documento de referência para trabalho de prevenção das DST, Aids e drogas – criança, adolescente e adulto jovem
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: População geral; serviço de saúde
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Sobre valores e fatos – a experiência das ONGs que trabalham com Aids no Brasil
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: Ação comunitária
Tema: Aids; movimento social
Fonte: Leas

Título: Distribuição percentual dos casos de DST segundo sexo e faixa etária
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998/1999
Público-alvo: Pesquisador
Tema: DST/Aids; aspectos sociais
Fonte: Leas

Título: A camisinha feminina – como usar
Editor: Ministério da Saúde
Local: Rio de Janeiro
Data: [199-]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo feminino
Fonte: Leas

Título: HIV, direitos, soropositivos – cartilha
Editor: Ministério da Saúde/Gapa/SP
Local: Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Abia

Título: Muito prazer camisinha
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Adulto; população geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Maconha – informação para os adolescentes
Editor: Senad
Local: Brasília
Data: 2000
Público-alvo: Adolescente; usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção; adolescente
Fonte: Leas

Título: Estrela da noite
Editor: Iser
Local: Rio de Janeiro
Data: 1990
Público-alvo: Homossexual
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Abia

Título: Formas de atendimento e endereços para pessoas que vivem com HIV/Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo; serviço de saúde
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fonte: Leas, Prisma, SMS/RJ

Título: Think about it play safe – information on sexually transmitted diseases
Editor: STD Foundation
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Que é a Aids, como ela ataca e como evitá-la
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1987
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Vamos garantir nossos direitos?
Editor: Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua
Local: Brasília
Público-alvo: População de rua
Tema: Cidadania; direitos; população de rua
Fonte: Abia

Título: Gibi da Aids – só está bem protegido quem está bem informado
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Todas as tribos
Editor: Programa Integrado de Marginalidade (PIM)
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente; população geral
Tema: Sexualidade; políticas (diretrizes); adolescente
Fonte: SMS/RJ

Título: Cartilha de hemofílico
Editor: Hemor
Local: Rio Grande do Sul
Data: 1988
Público-alvo: População geral - Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Mulher e Aids – prevenção e particularidades da infecção e doença pelo HIV
Editor: Gapa
Local: São Paulo
Data: [199-]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; aconselhamento; mulher
Fonte: Abia

Título: Acerte os ponteiros da sua saúde – informações sobre tratamento com anti-retrovirais
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; adesão ao medicamento
Fonte: Leas e Prisma

Título: Aids – você pode evitar
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Guia homens sexo homens – Rio de Janeiro 1995
Editor: Grupo pela Vidda; Abia
Local: São Paulo
Data: 1995
Público-alvo: Homem; homossexual
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Leas e Prisma

Título: Aids e trabalho
Editor: INST; CUT
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo; empresa
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Leas e Prisma

Título: Sexual harassment – a guide for faculty, students and staff to prevent, avoid and stop sexual harassment at brown
Editor: Brown University
Local: Providence
Data: [19—]
Público-alvo:Universitário
Tema: Sexualidade; assédio
Fonte: Leas

Título: Aids e comportamento nos anos 90
Editor: Gapa
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Existem duas maneiras comprovadas de fazer sexo seguro – ou você usa camisinha ou usa as próprias mãos
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Perturbadores (alucinógenos) sintéticos - LSD-25 ('ácido') MDMA ('êxtase')
Editor: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid); Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)
Local: São Paulo
Data:[19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ensino formal
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Maconha. THC (tetrahidrocanabinol). Sinônimos – hashish; bangh; ganja; diamba; marijuana,
Editor: Cebrid; Departamento de Psicobiologia da Unifesp
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ensino formal
Tema: Drogas; Prevenção
Fonte: Leas

Título: Bebidas alcoólicas (álcool etílico; etanol); fermentados (vinhos, cerveja); destilados (pinga, whisky, vodka etc.)
Editor: Cebrid; Departamento de Psicobiologia da Unifesp
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ensino formal
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Cogumelos e plantas alucinógenas
Editor: Cebrid; Departamento de Psicobiologia da Unifesp
Local: São Paulo
Data:[19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ensino formal
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Ópio e morfina – papoula do oriente, opiáceos, opióides
Editor: Cebrid; Departamento de Psicobiologia da Unifesp
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas; ensino formal
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Cocaína: pasta de coca, *crack*, merla
Editor: Cebrid; Departamento de Psicobiologia Unifesp
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo:Usuário de drogas; ensino formal
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Ousadia! Prazer de viver
Editor: Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde
Local: São Paulo
Data: 1997
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção; mulher
Fonte: Abia

Título: Sábado loco: uma história de alternativas
Editor: Network Publications
Local: Santa Cruz
Data: 1991
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Rapaz da noite
Editor:Iser
Local: Rio de Janeiro
Data: 1989
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção; homem
Fonte: Abia

Título: Assessoria e orientação jurídica – conquistas
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: *No balloon, no party*
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Pela vidda
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; aspectos psicológicos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Pressão alta e gravidez –toda mulher grávida precisa de informações seguras
Editor: Sesab
Local: Bahia
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas

Título: Aids -– pára, informe-se, viva
Editor: Gapa
Local: Salvador
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção; adolescente
Fonte: Abia

Título: Atenção – Sida
Editor: AALSida
Local: Angola
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Aids – o que é...
Editor: Secretária do Trabalho
Local: Brasília
Data: 1989
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Anticoncepção – boatos & realidade
Local: Rio de Janeiro
Data: 1989
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção
Fonte: Abia

Título: Aids e o dentista – controle de infecção
Editor: Suds
Local: São Paulo
Data: 1988
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção; profissional de saúde
Fonte: Abia

Título: Sífilis na gravidez – proteja o seu bebê desta doença
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante; serviço de saúde
Tema: DST-Saúde reprodutiva; prevenção
Fonte: Leas e SMS/RJ

Título: Corpo de mulher
Editor: SOS Corpo
Local: Recife
Data: 1990
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; aconselhamento; mulher
Fonte: Abia

Título: Gravidez e infecção pelo HIV estratégias de promoção à saúde
Editor: CSEGSE/Ensp
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante; serviço de saúde
Tema: Aids; saúde reprodutiva; prevenção
Fonte: Leas

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – herpes genital
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – sífilis (cancro duro)
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – candidíase
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – retrites não-gonococócias ou clamídia
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – gonorréia (esquentamento, pingadeira)
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – condiloma acuminado
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – tricomoníase
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – cancro mole (cavalo)
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) – linfogranuloma venéreo (mula)
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Prosex – preservativo masculino lubrificado
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte: Leas

Título: Aids
Local: USA
Data: 1992
Público-alvo: Homossexual
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Abia

Título: Cartilha de prevenção da Aids entre os cegos
Editor: Centro Baiano Anti-Aids
Local: Salvador
Data: 1990
Público-alvo: Deficiente visual
Tema: Aids; prevenção; deficiente visual
Fonte: Abia
Título: Cai dentro – camisinha. A favorita da galera.
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte: Leas

Título:Viver sem aids só depende de você – use sempre camisinha
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte: Leas

Título: Direito de nascer sem Aids. Aids não é coisa pra criança
Editor: SMS;Superintendência de Saúde Coletiva; Coordenação de Doenças
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; saúde reprodutiva; prevenção
Fonte: Leas

Título:Zona verde – conheça o programa que gera empregos e resgata a cidadania de portadores do HIV, em Campina, na Paraíba
Editor: Prefeitura de Campina Grande
Local: Campina Grande
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo; ação comunitária
Tema: Aids; aspectos psicológicos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Aids
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fonte: Leas

Título: Aids – você pode evitar
Editor: Grupo pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Doenças transmitidas pelo sexo. Informe-se e previna-se – unidos na esperança
Editor: SES/Susc/CV; Programa de Controle de DST/Aids; secretarias municipais
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e Prisma

Título: Calendário da mulher – programa de assistência integral à saúde da mulher
Editor: CSEGSF/Ensp/Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas

Título: Educação sexual
Editor: Semina
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Educação; sexualidade
Fonte: Leas

Título: Como se proteger da Sida – breve informação sobre o assunto
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Aids – Síndrome da Imunodeficiencia Adquirida
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1987
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Aids – não recuse a realidade
Editor: Embratur
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Coordenadorias estaduais de DST/Aids
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: DST/Aids; assistência clínica
Fonte: Leas

Título: Encontro nacional de pessoas vivendo com HIV e Aids;
Editor: Ática
Local: Rio de Janeiro
Data: 1995
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; aspectos psicológicos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Feminista ou feminina?
Editor: Grupo Transas do Corpo
Local: Goiás
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Movimento social; mulher
Fonte: Leas

Título: Empresas e responsabilidade social – um estudo no Nordeste do Brasil
Editor: Oxfam; CRS; Visão Mundial; Save the Children
Local: Recife
Data: 1999
Público-alvo: Empresa
Tema: Movimento social; empresa
Fonte: Leas

Título: Conviver com a cegueira
Editor: Scipione
Local: São Paulo
Data: 1994
Público-alvo: Deficiente visual; ensino formal
Tema: Saúde; assistência clínica; deficiente físico
Fonte: Leas

Título: 1º de dezembro dia mundial de luta contra a Aids – a prevenção começa pelo diálogo. Converse, aprenda e viva sem Aids
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título:Quebre o silêncio – converse com o seu parceiro e use camisinha
Editor: Governo do Estado de São Paulo
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adulto; população geral; família
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Material IEC venda
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Infanto-juvenil
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Projeto Praça Onze – não é preciso abrir mão de coisas que julgamos importantes e gostamos de fazer
Editor: Grupos pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: *Gays* americanos adotam o sexo estilo 'roleta russa'
Editor:*O Globo*
Local: Rio de Janeiro
Data: 1995
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção; homossexual
Fonte: Leas

Título: Garota/Garota vamos conversar?
Editor: SES; Governo do Estado de São Paulo; Programa Estadual DST Aids-SP
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; adolescente
Fonte: Leas

Título:Vista essa camisinha – entre para a tribo da prevenção
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Espiga de touca – o herói do São João
Editor: CN DST-Aids/MS; SES
Local: Sergipe
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Programa cidadania e direitos humanos
Editor: Uerj; Departamento de projetos e programas de extensão
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Universitário; ensino formal
Tema: Cidadania; direitos
Fonte: Leas

Título: Mestrado e doutorado em saúde e ambiente
Editor:Universidade Federal de Mato Grosso; Instituto de Saúde de Pós-Graduação
Local: Mato Grosso
Data: 1997
Público-alvo:Universitário; ensino formal
Tema: Saúde; meio ambiente
Fonte: Leas

Título: Fiocruz
Editor: Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde; serviço de saúde
Tema: Saúde; desenvolvimento tecnológico
Fonte: Leas

Título: Interface-comunicação, saúde, educação
Editor: Fundação Uni
Local: Botucatu
Data: [19—]
Público-alvo: Universitário; ensino formal
Tema: Saúde; educação
Fonte: Leas

Título: Revista de estudos feministas
Editor: Fundação Universitária José Bonifácio; UFRJ-CFCH
Local: Rio de Janeiro
Data:[19—]
Público-alvo: Universitário; ensino formal
Tema: Movimento social; aspectos sociais; mulher
Fonte: Leas

Título: Global Programme on Aids – documents and publications
Editor: Global Aidsnews
Local: Switzerland
Data: 1994
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Towards a new health strategy for Aids – a report of the global Aids policy coalition
Editor: Association Francoi-Xavier Bagnoud
Local: Cambridge
Data: 1993
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Aids; aspectos sociais
Fonte: Leas

Título: Aids é um problema de todos nós
Editor: Suds
Local: São Paulo
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Hacia una nueva politica de salud contra el sida - una publicacion de la coalicion para una politica global contra el Sida
Editor: Association Francoi-Xavier Bagnoud
Local: Cambridge
Data: 1993
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Aids; aspectos sociais
Fonte: Leas

Título: Tudo o que você sempre quis saber sobre as doenças transmitidas pelo sexo
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Gaily forward implications of men's survey - a canadian study of gay and bisexual men and HIV infection
Data: 1994
Público-alvo: Profissional da educação; divulgação científica
Tema: DST/Aids; prevenção;homossexual

Título: Drug use and HIV/Aids – reported Aids cases associated with infection drug use
Editor: Center for Disease Control (CDC) Aids Prevention
Local: Rockville
Data: 1992
Público-alvo:Usuário de drogas
Tema: Aids; drogas; prevenção

Título: The scope of the HIV/Aids epidemic in the United States
Editor: CDC
Local: Rockville
Data: 1993
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos epidemiológicos

Título: Bula – como usar corretamente a camisinha
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino

Título: Condoms and their use in preventing HIV infection and other stds
Editor: CDC
Local: Rockville
Data: 1993
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção

Título: Adolescents and HIV/Aids
Editor: CDC Aids Prevention
Local: Rockville
Data: 1993
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção adolescente;

Título: HIV/Aids and race/ethnicity
Editor: CDC
Local: Rockville
Data: 1993
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção; raças

Título: Women and HIV/Aids
Editor: CDC
Local: Rockville
Data: 1994
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção; mulher

Título: A Aids é a pior violência para a mulher que é fiel e está em casa enquanto o homem é infiel
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção

Título: Unidad de estudios sociales y conductuales prioridades de investigación, 1994-1995
Editor: OMS; Programa Mundial sobre el Sida
Local: Genebra
Data: 1994
Público-alvo: Profissional da educação; divulgação científica/ pesq.
Tema: Aids; aspectos sociais

Título: Linha de pesquisa em HTLV
Editor: Hospital Evandro Chagas
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Pesquisador; serviço de saúde
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico

Título: Exposure efficacy and change in contact rates in evaluating prophylactic HIV vaccines in the field
Editor: John Wiley & Sons
Data: 1994
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico; vacina
Fonte: Leas

Título: Anthropological issues in the design and implementation of HIV/Aids vaccine trials
Editor: Task Force
Local:Ohio
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico; vacina

Título: Ethical, behavioral and social aspects of HIV vaccine trials in developing countries
Local:Thailand
Data: 1991
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico; vacina

Título: Adolescencia y Sida
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção; adolescente

Título: A cultura sexual brasileira – classificação dos papéis
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Aids; aspectos sociais

Título: Pesquisa de uma vacina contra Aids
Data:[19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico; vacina

Título: HIV e gravidez – o que toda futura mãe deve saber
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; saúde reprodutiva; prevenção

Título: Compartilhando o desafio
Editor: Prefeitura do Município de São Paulo; SME
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: DST/Aids; prevenção

Título:Você está informado sobre a Aids?
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção

Título: Conheça a Aids e previna-se!
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção

Título: Declaración consensual sobre el Sida en las escuelas
Data:[19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos

Título:O seio: cobaia – para ensinar como amamentar
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Saúde reprodutiva; amamentação
Fonte: Leas

Título: Direitos sexuais reprodutivos e saúde das mulheres – saúde, empoderamento, direitos e responsabilidade
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; saúde reprodutiva; direitos; mulher

Título: Programação mulher saudável – relatório avaliativo
Editor: Prefeitura Municipal de Fortaleza
Local: Fortaleza
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde; políticas (diretrizes); mulher
Fonte: Leas

Título: Projeto musa –saúde da mulher e prevenção às DST/Aids nas rádios comunitárias
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção; adolescente
Fonte: Leas

Título: Violência contra a mulher
Editor: UFRJ; Ensp; Cepeba
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Violência doméstica; mulher
Fonte: Leas

Título: Será que eu quero ser mãe?
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; mulher
Fonte: Leas

Título: Quando os filhos perguntam certas coisa...
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; mulher
Fonte: Leas

Título: O exame ginecológico
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde; assistência clínica; mulher
Fonte: Leas

Título: Entendendo nosso corpo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; mulher
Fonte: Leas

Título: Muito prazer
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; mulher
Fonte: Leas

Título: Mãe, filha, mulher...
Editor: Grupo Mulher e Saúde/Centro da Mulher Brasileira
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; mulher
Fonte: Leas

Título:Femiane
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fonte: Leas

Título: A gravidez não acontece só na barriga da gente... Sexualidade feminina
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas e Prisma

Título: Saúde reprodutiva de adolescentes - uma estratégia para ação
Editor: OMS
Local: Genebra
Data: 1989
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas

Título:Vida de mulher – planejamento familiar conhecer para escolher melhor
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; direitos
Fonte: Leas, Prisma e Abia

Título: Gravidez na adolescência – encarando a realidade
Editor: Prefeitura do Rio
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Leas

Título: A adolescente grávida e os serviços de saúde no município
Editor: Governo Federal; Unicef; Conasems
Local: Brasília
Data: 1999
Público-alvo: Adolescente; gestante; serviço de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; assistência clínica
Fonte: Leas

Título:O direito de ter ou não ter filhos no Brasil
Editor: Comissão de Saúde; Conselho Estadual da Condição Feminina
Local: São Paulo
Data: 1986
Público-alvo: Adulto
Tema: Saúde reprodutiva; direitos
Fonte: Leas

Título: Salud reproductiva y justica – conferencia internacional de salud de la mujer para el cairo
Editor:IWHC; Cepia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva

Título: Brasil – 10 anos de compromisso
Editor:UNDCP
Data: 1999
Público-alvo: População geral
Tema: Drogas; prevenção; Brasil
Fonte: Leas

Título: Programa saúde do adolescente – base programática
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde; adolescente
Fonte: Leas

Título: Aniversário da convenção internacional dos direitos das crianças, 10 – cuidando hoje do amanhã
Editor: Save the Children
Local: Recife
Data: 1999
Público-alvo: Criança
Tema: Direitos; criança
Fonte: Leas

Título: Homem-mulher – por que polarizamos os sexos?
Data: [19—]
Público-alvo: Adulto
Tema: Sexualidade; aspectos sociais
Fonte: Leas

Título: A incrível história da mulher que desperdiçava
Editor: Columbus Cultural
Local: São Paulo
Data: 1991
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; nutrição
Fonte: Leas

Título: Pode falar sem medo
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção

Título: Aids services for all peoples – family service
Editor: Family service
Local: Providence
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo; Família
Tema: Aids; aspectos psicológicos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Doenças sexualmente transmissíveis
Editor: CDC
Local: Massachusetts
Data: [19—]
Público-alvo: População geral; serviço de saúde
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Em Massachusetts a discriminação contra pessoas com HIV/Aids é ilegal
Editor: CDC
Local: Massachusetts - Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fonte: Leas

Título: Hands on help for people with HIV/Aids
Editor: Sunrise House
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; aspectos psicológicos
Fonte: Leas

Título: Aids HIV infection: please don't assume you're immune
Editor: Brown University
Data: 1992
Público-alvo: Soropositivo
Tema: DST/Aids; prevenção

Título: Massachusetts alliance of Portuguese speakers: providing human services to the Portuguese-Speaking communities of Eastern
Editor: Maps
Local: Somerville
Público-alvo: População geral; ação comunitária
Tema: Saúde; assistência clínica; comunidade

Título:Tuberculose – a relação entre a tuberculose e o vírus da Sida/Aids
Editor: Maps
Local: Somerville
Data: [19—]
Público-alvo: População geral; serviço de saúde
Tema: DST/Aids; tuberculose; prevenção

Título: Abstinence & HIV
Editor: ETR
Local: Santa Cruz
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção

Título: Zig-Zaids Jogo da Onda – informe-se e previna-se
Editor: Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; drogas; prevenção

Título: Fazer sexo é como um jogo, você nunca sabe que bicho vai dar. Amanhã pode ser o seu dia e você
Editor: Resistência Adquirida/Rocinha
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral; ação comunitária
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Proteção total – o melhor do carnaval
Editor: Maps
Local: Somerville
Data: [19—]
Público-alvo: População geral; ação comunitária
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Se você pensa que tem sido atormentado ou discriminado, você deve falar conosco!
Local: Somerville
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Cidadania; direitos
Fonte: Leas

Título: Gênero e saúde
Editor: Abrasco
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; assistência clínica
Fonte: Leas

Título: Canal saúde - programação 02/03/98 a 01/04/98
Editor: SUS; Fiocruz
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Saúde; desenvolvimento tecnológico
Fonte: Leas

Título: Prevenir é melhor – uma história de amor que pode salvar sua vida
Editor: Pela Vidda
Local: Espírito Santo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Caring for someone with Aids – information for friends, relatives, household members, and others who care for a person with
Editor: CDC
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo; família
Tema: Aids; aspectos psicológicos
Fonte: Leas

Título: Super-camisinha contra o vilão HIV
Editor: Prefeitura do Rio; SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: HIV, Aids – o que é isso, gente?
Editor: Autêntica
Local: Belo Horizonte
Data: 1997
Público-alvo:Infanto-juvenil
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Abuso sexual contra criança e adolescentes – mitos e realidade
Editor: Abrapia
Local: Petrópolis
Data: 1997
Público-alvo: Infanto-juvenil
Tema: Violência; sexualidade; direitos; criança
Fonte: Leas

Título: Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira – construindo uma agenda nacional
Editor: Secretaria de Políticas de Saúde
Local: Brasília
Data: 1999
Público-alvo: Adolescente; profissional de saúde
Tema: Saúde; políticas (diretrizes)
Fonte: Leas

Título: Adolescência vulnerabilidade – projeto trance essa rede
Editor: GTPOS
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente; profissional da educação
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Hembadoon criola – festival de cultura, arte, saúde e cidadania - Ano II
Local: Gamboa
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; cidadania; aspectos sociais
Fonte: Leas

Título:I nternet, softwares, vídeos e jogos - centro de tecnologia e gestão educacional
Editor: Senac
Local: São Paulo
Data: 1996
Público-alvo: População geral
Tema: Sistema de informação
Fonte: Leas

Título:Onde está a Aids – você nunca a sabe quem tem o vírus. Use camisinha, não compartilhe seringas e proteja-se da Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data:[19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Desperta, Mulher! Projeto vhiver mulher
Editor: Grupo Vhiver
Local: Belo Horizonte
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Proteção às vítimas de violência sexual – a experiência americana
Editor:Themis
Local: Porto Alegre
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Violência; sexualidade; direitos
Fonte: Leas

Título: Aniversário da convenção internacional dos direitos das crianças, 10 – cuidando hoje do amanhã
Editor: Save the Children
Local: Recife
Data: 1999
Público-alvo: Criança
Tema: Cidadania; direitos; criança
Fonte: Leas

Título: Centro de educação em saúde
Editor: Senac
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde; ensino formal
Tema: Educação em Saúde
Fonte: Leas

Título: Aids – veja aqui como descartar este risco
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas e SMS/RJ

Título: Barraca da Saúde – neste tabuleiro, saúde rima com cultura
Editor: GCAR; Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Projeto prevenção também se ensina – inserção do projeto na proposta pedagógica da escola
Editor: SEE
Local: São Paulo
Data: 2000
Público-alvo: Profissional da educação; ensino formal
Tema: Aids ; drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: A paixão é cega – uma emocionante fotonovela
Editor:UFRGS
Local: Porto Alegre
Data: 1998
Público-alvo: Adolescente; gestante
Tema: Aids; saúde reprodutiva; prevenção
Fonte: Leas

Título: Com amor... e com camisinha
Editor:UFRGS
Local: Porto Alegre
Data: 1998
Público-alvo: Adolescente; escolar
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título:Odô yá!
Editor: Arca-Iser
Local: Rio de Janeiro
Data: 1991
Público-alvo: População geral; religião
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Odebrecht, Leas e Abia

Título: Ginecologia
Editor: Semina
Local: São Paulo
Data:[19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fonte: Odebrecht, Leas e Abia

Título:Água é vida
Editor: Rio Branco; Prefeitura; SMMA; Escola de Meio Ambiente
Local: Acre
Data:[19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Meio ambiente
Fonte: Leas

Título:Trazendo o verde para a cidade
Editor: Rio Branco; Prefeitura; SMMA; Escola de Meio Ambiente
Local: Acre
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Meio ambiente
Fonte: Leas

Título:Treinamento introdutório
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 2000
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Saúde; assistência clínica; família
Fonte: Leas

Título: Saúde e desenvolvimento da juventude brasileira – construindo uma agenda nacional
Editor: Secretaria de Políticas de Saúde
Local: Brasília
Data: 2000
Público-alvo: Adolescente; profissional de saúde
Tema: Juventude; Saúde; assistência clínica; adolescente
Fonte: Leas

Título: O trabalho pedagógico do instrutor/supervisor – reflexão crítica
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1988
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Educação
Fonte: Leas

Título: Porque controlar o tabagismo?
Editor: Sesab
Local: Bahia
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas
Fonte: Leas

Título: Reabilitar para a vida
Editor: Cepred
Local: Bahia
Data: [19—]
Público-alvo: Deficiente físico
Tema: Saúde; reabilitação; deficiente físico
Fonte: Leas

Título: *Kit* sol completo
Editor: Ministério da Justiça; Governo Federal
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde
Fonte: Leas

Título: Atenção básica: o melhor indicador de saúde
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; aspectos sociais; agente comunitário
Fonte: Leas

Título: Saúde em alta – principais ações e programas da SES/RJ
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Saúde; assistência clínica
Fonte: Leas

Título: Maconha – o que os pais devem saber
Editor: Senad
Local: Brasília
Data: 2000
Público-alvo: Usuário de drogas; família
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título:Um guia para a família
Editor: Senad
Local: Brasília
Data: 2000
Público-alvo:Usuários de drogas; família
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: A Aids não tem cura...mas você pode evitar
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Aids consome até o fim – a prevenção é o único remédio
Editor: Serviço de Medicina Ocupacional
Local: São Paulo
Data: 1991
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título:Álcool – o que você precisa saber
Editor: Senad
Local: Brasília
Data: 2000
Público-alvo:Usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção
Fonte: Leas

Título: Aids – quanto mais você conhece, mais pode evitar
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1989
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Odebrecht e Leas

Título:Oba! Sexo
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Local: Porto Alegre
Data: 1993
Público-alvo: Adolescente; população geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Odebrecht

Título: Juntos poderemos vencera Aids
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1992
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas

Título: Nossa, como você cresceu!
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Local: Porto Alegre
Data: 1993
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; assistência clínica; adolescente
Fonte: Odebrecht

Título:O que são métodos anticoncepcionais?
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: 1992
Público-alvo: Adulto; população geral
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fonte: Odebrecht

Título: Série de folhetos sobre métodos contraceptivos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; população geral
Tema: Saúde reprodutiva; assistência clínica; métodos anticoncepcionais
Fonte: Odebrecht

Título: A informação é a melhor defesa contra a Aids
Editor: Imesp
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Leas e Prisma

Título: A pílula do dia seguinte
Editor: Musa
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Prisma

Título: Aids – você sabe evitar
Editor: Sanepar
Local: Curitiba
Data: [198-]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: A prefeitura investe no futuro de Angra
Editor: SMS
Local: Angra dos Reis
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Educação; sexualidade
Fonte: Prisma

Título: A primeira vez
Editor: CTE
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Sexualidade
Fonte: Prisma

Título: A solidariedade é uma grande empresa
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção; meios de comunicação
Fonte: Prisma

Título: Abrace esta idéia: projeto cafezal – Aids e vida
Editor: SMS
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Prisma

Título: Adolescência
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde; assistência clínica; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Ah, se o papai sabe disso
Editor: UFF
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; adolescente
Fonte: Prisma e SMS/RJ

Título: Aids
Editor: Golden Cross
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids
Editor: Light
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids
Editor: McDonald's
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Leas

Título: Aids
Editor:Usina da Barra
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids e eu com isso
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids previna-se
Editor: Companhia Vale do Rio Doce
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids você precisa saber!
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – a prevenção é o melhor remédio
Editor:IBM
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – conheça-a, evite-a
Editor: Linhas correntes
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – este vírus mata
Editor: Stertesp
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – informe-se para prevenir
Editor: Seconci
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – o que você precisa saber
Editor:Laboratórios Glaxo Wellcome
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – realidade do nosso tempo
Editor: Safra Clube
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids – tudo o que você sempre quis saber e não tinha coragem de perguntar
Editor: Safra Clube
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids – um assunto que interessa a todos
Editor: Companhia Vale do Rio Doce
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Leas

Título: Aids – você pode conviver com ela na sua empresa
Editor: FOS
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids – você precisa saber evitar
Editor: CEF
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – você precisa saber evitar
Editor: Telesp
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids e a escola – vista esta camisa
Editor: Escola Municipal Orsina da Fonseca
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente; escolar
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids e empresa – um desafio que está sendo enfrentado
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: Trabalhador
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids e eu com isso
Editor: Safra Clube
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids educar para viver
Editor: Companhia Vale do Rio Doce
Local: Espírito Santo
Data: 19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids no Local: de trabalho
Editor: CGT
Data:[19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids no mundo, no Brasil, em São Paulo
Editor: Safra Clube
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids, o papo é sério
Editor: SES
Local: Espírito Santo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids. Abra os olhos para este perigo
Editor: Acesita
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Aids – e eu com isso?
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – abrace esta luta
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fonte: Prisma

Título: Aids – compartilhamento direitos e responsabilidades
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título: Aids – compromisso de todos nós
Editor: Gapa
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título: Aids – Marcelo e Andréa, uma história real
Editor: SES
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – quanto mais você mais conhece, mais pode evitar
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Aids – saúde é vida, saúde é luta
Editor: Hupe
Data: [19—]
Público-alvo: População gera
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Alguma vez você pensou em fazer um teste de Aids? Você sabe o que é Aids? E você tem alguma?
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Algumas coisas que você precisa saber sobre Aids
Editor: SES
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Amar sem medo na era da Aids
Editor: SES
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Amor a três
Editor: Grupo Pela Vidda
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: As águas vão rolar. Use salva-vidas
Editor: Companhia Vale do Rio Doce
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Assédio sexual no trabalho
Editor: Companhia Vale do Rio Doce
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Associação irmãos da solidariedade
Editor: Casa da Solidariedade
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título: Auto-exame das mamas
Editor: SES
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; câncer
Fonte: Prisma

Título: Bem-me-quer, bem-me-quer, bem-me-quer,...
Editor: SMS
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Camisinha nele
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fonte: Prisma

Título: Carnaval 92
Editor: CEF
Data: 1992
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Carnaval 93
Editor: CEF
Data: 1993
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Carnaval 94
Editor: CEF
Data: 1994
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Carnaval 98 – seja qual for sua fantasia use camisinha
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1998
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fonte: Prisma

Título: Carnaval só a alegria
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Colega você já é. Agora seja amigo
Editor: CEF
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Coletivo feminista sexualidade saúde
Editor: CFSS
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Sexualidade; aspectos sociais; mulher
Fonte: Prisma

Título: Como enfrentar a Aids na sua empresa
Editor: Suds
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Como enfrentar a Aids na sua empresa
Editor: SES
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Como falar a sua filha sobre menstruação
Editor: Johnson-Johnson
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade; aspectos psciológicos; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Comunidade Ativa
Editor: Amme
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título: Condutas clínicas em AZT
Editor: SMS
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica
Fonte: Prisma

Título: Confiar
Editor: Fundação Confiar
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde; assistência clínica; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Confirmado – ainda não inventaram nada melhor para se fazer depois do sexo do que contar pra todo mundo
Editor:UFF
Local: Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Pais
Tema: Sexualidade; aspectos psciológicos; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Conserve seu amor
Editor: Imesp
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Contato – campanha de sensibilização sobre a Aids
Editor: Sesc
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Converse mais sobre sexo com seu filho, antes que ele procure um profissional
Editor:UFF
Local: Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Pais
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Criança = vida
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Criança
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Cuide bem do seu instrumento de trabalho
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Derrube esta barreira!
Editor: Gapa Vhiver
Data: [19—]
Público-alvo: Adulto
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fonte: Prisma

Título: Direito à vida
Editor: Caarj
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids
Fonte: Prisma

Título: Disk adolescente
Editor: SOS Adolescente
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Juventude; saúde
Fonte: Prisma

Título: Dois em um!
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos sociais; paternidade
Fonte: Prisma

Título: DST: doenças sexualmente transmissíveis – como evitar
Editor: Centrais Elétricas de Santa Catarina
Local: Santa Catarina
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: DST
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST; prevenção
Fonte: Prisma

Título: DST
Editor: SMHS Santos
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Prisma

Título: DST/Aids
Editor: SMS
Local:Vitória
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Durante a gravidez você pode passar amor e carinho para o seu filho. Só não pode passar sífilis
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; gestante
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Prisma

Título: E a fome do seu filho, você vai matar no peito?
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Pais
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos sociais; paternidade
Fonte: Odebrecht, Leas, Prisma, SMS/RJ e Abia

Título: É tempo de amar: 1º de dezembro – Dia mundial contra a Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção

Título:É tempo de agir: 1º de dezembro – Dia mundial contra a Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção

Título: Estágios da maturação sexual feminina
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Sexualidade;aspectos sociais; mulher

Título: Estágios da maturação sexual masculina
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Sexualidade; aspectos sociais; homem

Título: Estatuto do Futuro
Editor: Cecip
Data: [19—]
Público-alvo: Infanto-juvenil
Tema: Cidadania; direitos; criança

Título: Eu me garanto!
Editor: SMS
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino

Título: Evite Aids contraindo o vírus do diálogo
Editor: Copebrás
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Exame de consciência: o exame pré-natal que todos deveriam fazer
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde reprodutiva; assistência clínica; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Ficar...por dentro!
Editor: Cecip
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fonte: Prisma

Título: Ficar...por dentro!
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fonte: Prisma

Título: Filho desejado nunca será rejeitado
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde reprodutiva
Fonte: Prisma

Título: Filhos da rua
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: População de Rua
Tema: Juventude; aspectos sociais; jovens de rua
Fonte: Prisma

Título: Fique consciente que este não é o único pé-de-meia necessário a quem quer ter filhos
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Aids – melhor forma de prevenção é a informação
Editor: Sesc
Local: São Paulo
Data: 1996
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Aids – síndrome de imunodeficiência adquirida
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Doenças sexualmente transmissíveis
Editor: SES
Local: São Paulo
Data: 1993
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fonte: Abia

Título:Faça amor com amor a vida! Use camisinha
Editor: Gepaso
Local: Sorocaba
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Abia

Título: Projeto adolescente e violência de gênero
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Violência; aspectos sociais; adolescente
Fonte: Prisma

Título: Projeto Aids e a escola núcleo Rio – 2ª CRE
Editor: SME
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional da educação
Tema: Educação; saúde; prevenção; escolas
Fonte: Prisma

Título: Projeto educarte
Editor: SME
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Educação; saúde
Fonte: Prisma

Título: Projeto HSH
Editor: Grupo Pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homossexuais
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: Proteção e prazer... Só depende de você!
Editor: Petrobrás
Local: Rio de Janeiro
Data:[19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título:Quando seu colega tem Aids. O que dizer? O que fazer?
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título:Que barbada, héim, cara?
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; Adolescente
Fonte: Prisma

Título: Quem não usa camisinha não tá com nada
Editor: Copebrás
Data:[19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título:Quem somos nós
Editor: GIV
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título:Quem usa sabe e quem ama usa
Editor: MCC
Local: São Paulo
Data:[19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fonte: Prisma

Título: Rebelde com causa
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Violência; aspectos sociais
Fonte: Prisma

Título: Remédio contra Aids
Editor: Grupo Vhiver
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título: Ronda pela vidda
Editor: Grupo Pela Vidda
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título: Sabe o que acontece quando um amigo seu pega o vírus da Aids?
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fonte: Prisma

Título: Sangue seguro vida segura
Editor: Hospital Adventista Silvestre
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção; sangue
Fonte: Prisma

Título: São muitos os perigos desta vida...
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data:[19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Título: São várias as formas de amar
Editor: Musa
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fonte: Prisma

Manuais

Título: Saúde, vida, alegria!
Editor: Cecip
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional da Educação
Tema: Educaçãoe saúde
Fontes: Prisma

Título: Se der zebra, eu tiro
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; adolescente
Fontes: Prisma

Título: Se for de camisinha vale tudo!
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Se você só pensa naquilo, precisa começar a pensar
Editor: SES
Local: Espírito Santo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Seja qual for sua fantasia, use camisinha
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Seringa não é droga. Não compartilhe
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Seu corpo já está pronto e sua cabeça?
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde Reprodutiva; aspectos psicológicos; adolescente
Fontes: Prisma

Título: Sexo + seguro
Editor: FioCruz
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sexo e prazer sem medo
Editor: MCCS
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sexo seguro é alegria geral
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Sexo seguro...não importa com quem I
Editor: Grupo pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sexo seguro... não importa com quem II
Editor: Grupo pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sexo seguro... não importa com quem III
Editor: Grupo pela Vidda; Abia
Data: 19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sexo seguro... não importa com quem IV
Editor: Grupo pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sexo seguro... não importa com quem V
Editor: Grupo pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sexo, homens e Aids
Editor: Grupo pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; sexualidade; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Sífilis
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST
Fontes: Prisma

Título: Solidariedade de todos para enfrentar a Aids
Editor: Grupo pela Vidda
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: Prisma

Título: Solidariedade se faz assim...participando!
Editor: Agá & Vida
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: Prisma

Título: Solidariedade - abrace este sentimento
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; Aspectos Sociais; Solidariedade
Fontes: Prisma

Título: SOS Aids
Editor: Gapa
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: Prisma

Título: Tamanho não é documento
Editor: Bemfam
Local: Rio de janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Sexualidade
Fontes: Prisma

Título: Tem muita criança por aí querendo levar vida de cachorro
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Criança; população de rua
Tema: Juventude; aspectos sociais; jovens de rua
Fontes: Prisma

Título: Teste HIV. Não é o fim...é o início de uma nova vida
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; assistência clínica; sangue
Fontes: Prisma

Título: Traje a rigor para as mais íntimas ocasiões
Editor: SL Saúde
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Tudo o que você precisa saber sobre a Aids
Editor: White Martins
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Um dia ele despertou com a angústia da certeza – estava contaminado com o vírus da Aids
Editor: Cabesp
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: Um novo olhar sobre a sexualidade
Editor: SEE
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Sexualidade
Fontes: Prisma

Título: Um toque...vida
Editor: Inca
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; câncer; prevenção; mama
Fontes: Prisma

Título: Uma história do dia-a-dia
Editor: UFF
Local: Rio de Janeiro/Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Projeto encontro marcado – mulher e Aids: uma reflexão a luz das relações sociais de gênero
Editor: Ceará
Local: Conselho Cearense dos Direitos da Mulher
Data: 1994
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids e companhia – entendendo sobre Aids e doença sexualmente transmissíveis
Editor: Secretaria Municipal de Saúde
Local: São Paulo
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Fique ligado !!!
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Gonorréia - o que é, e como previnir
Editor: Sanofi
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Gravidez não é doença. Mas precisa de cuidados
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva
Fontes: Prisma

Título: H
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Herpes labial
Editor: Laboratórios Glaxowellcome
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; assistência clínica
Fontes: Prisma

Título: HIVida
Editor: Xerox do Brasil
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids

Título: Homens
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fontes: Prisma

Título: Homens sexo homens
Editor: Grupo Pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: I Fórum brasileiro sobre Aids nas empresas
Editor: Furnas
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: Informação para mulheres sobre a infecção HIV
Editor: Usina da Barra
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção; mulher
Fontes: Prisma

Título: Informativo Aids
Editor: Copebrás
Local: Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fontes: Prisma
Título: Instituições que prestam serviços ligados à saúde
Editor: SES
Local: Minas Gerais
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde
Fontes: Prisma

Título: Já criei tantos, crio mais este
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher; Gestante
Tema: Saúde reprodutiva
Fontes: Prisma

Título: Mamãe vai me matar
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos sociais; adolescente
Fontes: Prisma

Título: Mande a Aids pro espaço
Editor: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Masculinidades
Editor: Ecos
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Sexualidade; Aspectos Sociais; Homem
Fontes: Prisma

Título: Menopausa
Editor: J ohnson-Johnson
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos sociais
Fontes: Prisma

Título: Método de anticoncepção intra-uterina diu
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fontes: Prisma

Título: Métodos de abstnência periódica
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fontes: Prisma

Título: Métodos de barreira - camisinha
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Métodos de barreira – espermicida
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: 19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde Reprodutiva; Prevenção; Métodos Anticoncepcionais
Fontes: Prisma

Título: Meu maior sonho é conhecer meu pai
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; paternidade
Fontes: Prisma

Título: Meus pais não são meus pais. Mas são superpais
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; paternidade
Fontes: Prisma

Título: Mulher
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde Reprodutiva – Sexualidade
Fontes: Prisma

Título: Mulher e Aids
Editor: GTPOS
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção; mulher
Fontes: Prisma

Título: Mulher previna o câncer com um simples exame
Editor: Bemfam
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção; colo do útero
Fontes: Prisma

Título: Mulher, previna-se do câncer ginecológico!
Editor: Bemfam
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção; colo do útero
Fontes: Prisma

Título: Mulher-esperança de equilíbrio para o mundo
Editor: CECF
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aspectos sociais; direitos; mulher
Fontes: Prisma

Título: Na democracia, a igualdade entre os sexos faz toda a diferença
Editor: CNDM
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Movimento Social; Aspectos Sociais
Fontes: Prisma

Título: Não à violência. Sim à vida
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Violência; aspectos sociais
Fontes: Prisma

Título: Não entre na obra sem capacete
Editor: Gapa
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Não foi bem isso que eu quis dizer com fantasia sexual
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Sexualidade
Fontes: Prisma

Título: Não importa com quem - se você usar preservativo será sempre gostoso...
Editor: Grupo Pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Não se pega Aids
Editor: SES
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Não se sinta um peixe fora d'água
Editor: Bemfam
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Não tenho tempo. Mas não deixo faltar nada
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; paternidade
Fontes: Prisma

Título: Não vai ser esta coisinha frágil que vai segurar marido em casa
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; adolescente
Fontes: Prisma

Título: Ninguém pode evitar o amor
Editor: Idac
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: No ano 2000, o mundo terá 24 milhões de pessoas com Aids. Vai ser difícil ignorar tanta gente
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: No carnaval só a alegria deve contagiar
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: 19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: O câncer do colo do útero pode ser evitado
Editor: Inca
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção; colo do útero
Fontes: Prisma

Título: O cara e a coroa
Editor: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho
Data: [19—]
Público-alvo: Pais
Tema: Saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; paternidade
Fontes: Prisma

Título: O fruto do seu prazer não precisa ser proibido
Editor: IBGE
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: O que é
Editor: SMS
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: O que é a Aids, como ela ataca e como evitá-la
Editor: Abia
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título:O que é quero colo? I
Editor: Abrapia
Data: [19—]
Público-alvo: Criança
Tema: Aids-saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; criança - órfã
Fontes: Prisma

Título: O que é quero colo? II
Editor: Abrapia
Data: [19—]
Público-alvo: Criança
Tema: Aids-saúde reprodutiva; aspectos psicológicos; criança - órfã
Fontes: Prisma

Título: O que são métodos anticoncepcionais
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde Reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fontes: Prisma

Título: Oficinas sobre sexualidade para homens que fazem sexo com homens
Editor: Grupo Pela Vidda; Abia
Data: [19—]
Público-alvo: Homem; Homossexual
Tema: Sexualidade; Aspectos Psicológicos; Homem
Fontes: Prisma

Título: Onde informar-se? Ser orientado em relação à Aids no Rio de Janeiro
Editor: Iser
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica
Fontes: Prisma

Título: Órgãos genitais femininos
Editor: Hupe
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva

Título: Órgãos genitais masculino
Editor: Hupe
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Saúde reprodutiva
Fontes: Prisma

Título: Os quatro estágios da Aids
Editor: Usina da Barra
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Pais apanham da vida, e filhos apanham dos pais! II
Editor: Abrapia
Data: [19—]
Público-alvo: Infanto-Juvenil; Pais
Tema: Violência; doméstica; criança-adolescente
Fontes: Prisma

Título: Papo pré-sexual
Editor: UFF
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Sexualidade
Fontes: Prisma

Título: Pela saúde a gente faz qualquer negócio
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde
Fontes: Prisma

Título: Peniscopia?!
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Homem
Tema: Saúde Reprodutiva
Fontes: Prisma

Título: Pintou transa camisinha nele
Editor: SMHS
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Planejamento Familiar
Editor: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
Local: Belo Horizonte
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; métodos anticoncepcionais
Fontes: Prisma

Título: Previna-se!
Editor: Ministério da Saúde
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Aids – o desafio é nosso!
Editor: UFRJ
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Profissional de saúde, você sabe qual o melhor remédio para previnir o câncer do colo de útero?
Editor: Ministério da Saúde
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção; colo do útero
Fontes: Prisma

Título: Profissional de saúde – você sabe qual o melhor remédio para previnir o câncer do colo de útero?
Editor: Inca
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; câncer-prevenção; colo do útero
Fontes: Prisma

Título: Programa de prevenção e combate à Aids
Editor: BCN
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Aprendendo a viver – cartilha de 15 a 19 anos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1994
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids/Sexualidade; prevenção
Fontes: Abia

Título: Vida em equilíbrio – cartilha de 10 a 14 anos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1992
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids/Sexualidade; prevenção
Fontes: Abia

Título: Xis-casinho – cartilha de 5 a 9 anos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1992
Público-alvo: Criança
Tema: Sexualidade; aconselhamento; criança
Fontes: Abia

Título: Aprendendo a conviver com as DST/Aids – cartilha para pais e professores
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1992
Público-alvo: Pais
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Doenças sexualmente transmissíveis
Editor: Sesab; Irdeb
Local: Salvador
Data: 1992
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Projeto Aids 'educar para viver'
Editor: FOS
Local: Vila Mariana
Público-alvo: Criança
Tema: Aids/Sexualidade; prevenção
Fontes: Abia

Título: Violência no relacionamento 'amoroso'
Editor: Casa Eliane de Grammont
Local: São Paulo
Público-alvo: Mulher
Tema: Violência
Fontes: Abia

Título: Aprendendo a conviver com as DST/Aids – cartilha para pais e professores
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1992
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Use a cabeça...use camisinha
Editor: SMS
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Use camisinha! Prazer sem riscos
Editor: Prudence
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Vamos levar um papo cabeça?
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro/Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: VI Ena
Editor: SME
Local: Campinas
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: Vida, amor, responsabilidade
Editor: Cabesp
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: Encontro nacional de pessoas vivendo com HIV e Aids, 2
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: Violência contra a adolescência
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Violência; aspectos sociais
Fontes: Prisma

Título: Vista a fantasia do amor sem risco – use camisinha
Editor: CEF
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: Vista essa camisa
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino/feminino
Fontes: Prisma

Título: Vista essa causa
Editor: ASF
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: Prisma

Título: Você conhece este jogo?
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fontes: Prisma

Título: Você não está sozinho
Editor: GIV
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: Prisma

Título: Você precisa aprender a transar com a existência da Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Você precisa saber sobre Aids – ninguém está imune
Editor: Papel e imprensa S/A
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Você só pega se marcar Aids
Editor: SOS Adolescente
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Cai dentro – camisinha: a favorita da galera.
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fontes: Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Cai dentro –camisinha: a favorita da galera.
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo masculino
Fontes: Leas, Prisma e SMS/RJ

Título: Não vá para cama sem ela.
Editor: Ministério da Saúde; UNDCP; Secretaria de Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Amar sem medo
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Paraná
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Aids – o quê, quando se pega, onde se pega, como se evita
Editor: Central Geral dos Trabalhadores (CGT)
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Mulher – vamos conversar sobre saúde
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção; mulher
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Não marque 'toca'
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Informe-se sobre Aids
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Resgatar a cidadania através do conhecimento
Editor: Centro de Educação para a Saúde
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de educação
Tema: Educação-Saúde
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Aids – veja aqui como descartar este risco
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Passaporte para a vida
Editor: ASP
Local: Aracaju
Data: [199-]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas

Título Como evitar DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis
Editor: GGB
Local: Salvador
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: A luta contra a Aids em Niterói
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro/Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Sida el amor no contagia sida
Editor: Ides
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Centro de convivência Joana D'Arc – em busca da melhoria da qualidade de vida
Editor: Centro de Convivência Joana D'Arc
Local: Guarujá
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Quem usa drogas...paga mico
Editor: Conselho Municipal de Entorpecentes
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de Drogas
Tema: Drogas; aspectos psicológicos; efeitos fisiológicos
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Viver e não ter vergonha de perguntar, de tirar dúvidas, de se informar, de cuidar da saúde, será que devo fazer o teste da Aids? – procure o centro de testagem e aconselhamento mais perto de você
Editor: Programa Estadual DST/Aids
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aconselhamento
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Jornada de vacinas anti-HIV, 3
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro/Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico; vacina
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Vamos levar um papo cabeça? – dicas para quem está começando a transar a vida
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro/Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Projeto – prevenção também se ensina
Editor: Secretaria de Estado da Educação
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Escolar
Tema: Educação-Saúde
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Proteja seu sistema: imunológico de infecções menores
Editor: GlaxoWellcome
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Educação; saúde
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Aids
Editor: Secretaria de Estado da Educação
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Bem me quer, bem me quer, bem me quer...
Editor: Secretaria de Estado da Saúde
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Todos os dias, 1000 crianças são infectadas pelo HIV. Você também é responsável!
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Espelho de mim - informações sobre sexo mais seguro entre mulheres
Editor: Associação Ipê Rosa
Local: Goiânia
Data: [19—]
Público-alvo: Homossexual
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Aids – mulher casada também pega
Editor: Centro de Educação em Saúde
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: DST/Aids no Local: de trabalho
Editor: Sesi
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Trabalhador
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Guia prático anti-retrovirais
Editor: Secretaria de Estado de Saúde
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; desenvolvimento tecnológico
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Guia de tratamento de infecções oportunistas
Editor: Secretaria de Estado de Saúde
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; assistência clínica; doenças oportunistas
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Troque o vírus pela vida - projeto redução de danos
Editor: Nepad
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Esperando nosso filho...
Editor: Fogarty International Training Program; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Institute of
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Onde está a Aids? – Você nunca sabe quem tem o vírus. Use camisinha, não compartilhe seringas e proteja-se da Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes:Leas e SMS/RJ

Título: A prevenção começa pelo diálogo. Fale sobre Aids e proteja-se
Editor: Secretaria de Estado da Educação
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Alguma vez você pensou em fazer um teste de Aids? Você sabe o que é Aids? e você tem alguma
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Sexualidade e Aids
Editor: SGA
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Aids – comunicação e sociedade
Editor: Fundação Oswaldo Cruz
Local: Rio de Janeiro
Data: 1992
Público-alvo: População geral
Tema: Aids
Fontes: Leas e Abia

Título: A resistência do HIV – o que você pode fazer para ajudar a combatê-la
Editor: GlaxoWellcome
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Compreendendo melhor a doença
Editor: GlaxoWellcome
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; Assistência clínica; soropositivo
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Como trabalhar com seu médico para lutar contra o HIV
Editor: GlaxoWellcome
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: A resistência do HIV – o que você pode fazer para ajudar a combatê-la
Editor: GlaxoWellcome
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Como a alimentação pode ajudar seu sistema: imunológico
Editor: GlaxoWellcome
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; nutrição; soropositivo
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Pense positivo!
Editor: GlaxoWellcome
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fontes: Leas, SMS/RJ e Abia

Título: Conversa de comadre
Editor: Grupo Pela Vidda
Local: Rio de Janeiro/Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Agenda de proteção pessoal – não saia de casa sem ela
Editor: SES
Data: 1997
Público-alvo: Criança
Tema: Aids; assistência clínica; criança
Fontes: SMS/RJ

Título: Defensa del consumidor y su pareja
Editor: Ides
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas

Título: O direito de nascer sem Aids. Aids não é coisa pra criança
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: O direito de nascer sem Aids
Editor: SMS
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Diga-me o que você usa e eu direi quem você é – frio, executivo, apaixonado, sádico, selvagem, desleixado, chique, cuidadoso, pacífico
Editor: SMS
Local: Poços de Caldas
Data: 1998
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: No discrimines al enfermo de VIH-Sida
Editor: Codicen; Ides
Local: Uruguay
Data: 1995
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fontes: Leas

Título: Para você - dona de casa, mãe, mulher que faz sexo com homens, filha, profissional do sexo, mulher que faz
Editor: SMS
Local: São Vicente
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Conselho Municipal de Entorpecentes/Rio
Editor: Comen
Local: Prefeitura do Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Usuário de drogas
Tema: Drogas; prevenção
Fontes: Leas

Título: About caring for people with Aids
Editor: HRS
Local: Flórida
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fontes: Leas

Título: Gibi da DST/Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Como evitar doenças sexualmente transmissíveis – Aids, sífilis, gonorréia, uretrite, cancro mole, linfogranuloma, tricomoníase, herpes
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Se liga, galera!
Editor: Codicen; Ides
Local: Uruguay
Data: 1995
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fontes: Leas

Título: Acorda, Adelaide!
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Se liga, galera!...
Editor: Nessa; Uerj
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: DST/Aids
Editor: Coas
Local: Pernambuco
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Cuidadoras! Quem são elas?
Editor: Programa Nacional de DST/Aids
Local: Brasília
Data: 1996
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: SMS/RJ

Título: Criança é tudo igual. Você pode ser a diferença - crianças vivendo com Aids
Editor: SES
Local: Teresina
Data: 1997
Público-alvo: Criança; soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; criança
Fontes: SMS/RJ

Título: Informação para as gestantes sobre HIV/Aids
Editor: Programa de Assistência Integral à gestante HIV Positiva
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; assistência clínica; criança
Fontes: Prisma

Título: Agora as mulheres têm uma alternativa... Tenha o controle de sua saúde e explore a primeira alternativa verdadeiramente feita para as mulheres
Editor: DKT do Brasil Produtos de Uso Pessoal
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo feminino
Fontes: SMS/RJ

Título: Livro negro da Aids – a coisa tá preta!
Editor: Centro Corsini
Local: Campinas
Data: 1994
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Viaje sempre comigo - previna-se contra Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis
Editor: CN DST-Aids/MS; Secretaria de Estado da Saúde
Local: Sergipe
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Doenças transmitidas pelo sexo. Informe-se e previna-se – unidos na esperança
Editor: Secretaria de Estado de Saúde/SUSC/CV. Programa de controle de DST/Aids
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Reality – preservativo feminino
Editor: DKT do Brasil Produtos de Uso Pessoal
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção; preservativo feminino
Fontes: SMS/RJ

Título: Aids – é sempre bom lembrar...
Editor: Prefeitura do Município de São Paulo; Programa de DST/Aids
Local: São Paulo
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Dicas para uma viagem segura
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Como evitar as doenças sexualmente transmissíveis - Aids, sífilis, gonorréia, uretrite; cancro mole; linfogranuloma; tricomoníase; herpes
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas, SMS/RJ e Abia

Título: Comigo não!
Editor: Sociedade de Amigos de Vila Kennedy
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas e SMS/RJ

Título: Sífilis na gravidez – como evitar, como tratar
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: Gestante
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas, SMS/RJ e Abia

Título: DST/Aids na mira
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Leas, SMS/RJ e Abia

Título: Discrimina al Sida – pero no al portador o al enfermo
Editor: Codicen; Ides
Local: Uruguay
Data: 1995
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fontes: Leas

Título: Sexo, prazer e posithividade
Editor: Gapa
Local: Bahia
Data: 1997
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids-sexualidade; aspectos psicológicos; soropositivo
Fontes: SMS/RJ

Título: Os jovens e a Aids
Editor: SAHRPS
Local: Rio de Janeiro
Data: [199-]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Sobre vivir con VIH
Editor: HRS
Data: 1993
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fontes: Leas

Título: Aids
Editor: Prefeitura de Campinas
Local: Campinas
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: DST-doenças sexualmente transmissíveis
Editor: Prefeitura de Campinas
Local: Campinas
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Onde mora o perigo
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Sida – el Sida no es um juego cuidatee!!!
Editor: Codicen; Ides
Local: Uruguay
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas

Título: Que empregados e empregadores deveriam saber sobre Aids
Editor: Centro Federal de Educação Sanitária
Local: Colônia
Data: 1988
Público-alvo: Trabalhador; empresa
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Vale tudo só não vale Aids
Editor: Gapa
Local: Salvador
Data: [199-]
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: A prevenção começa pelo diálogo. Fale sobre Aids e proteja-se
Editor: Secretaria de Estado e de Saúde
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Eu me garanto
Editor: SMS
Local: Santos
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Orientação e cuidados para gestantes HIV positivas
Editor: Programa de Assistência Integral à Gestante HIV Positiva
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; assistência clínica; criança
Fontes: SMS/RJ

Título: Aids - recomendações para a redução da tranmissão vertical
Editor: Secretaria de Estado da Saúde
Local: São Paulo
Data: 1997
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids-saúde reprodutiva; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Falta de solidariedade. Precisamos acabar com esse sintoma da Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: SMS/RJ

Título: Continuar a viver, significa se preservar. Preservar é dar continuidade a nossa geração! – Use camisinha
Editor: Governo do Estado de Mato Grosso
Local: Mato Grosso do Sul
Data: [19—]
Público-alvo:População Indígena
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: VIH-Sida - prevencion y tratamento una esperanza
Editor: Programa Nacional de Sida – MSP
Local: Montevideo
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Leas

Título: Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Projeto mulher samba e saúde
Editor: Uerj
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção; mulher
Fontes: SMS/RJ

Título: Profilaxia das infecções oportunistas em pacientes HIV-positivos
Editor: Programa estadual de DST/Aids
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; doenças oportunistas
Fontes: SMS/RJ

Título: A melhor prevenção é não se acidentar
Editor: Programa estadual de DST/Aids
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção-acidentes
Fontes: SMS/RJ

Título: São muitos os perigos desta vida... Previna-se de alguns, usando sempre a camisinha. Afinal, trata-se da sua vida!
Editor: Grupo Astral
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional do sexo
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: HIV mãe positiva. Bebê saudável. Juntos, podemos livrar as crianças da Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids-saúde reprodutiva; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Convivendo Aids – mostra de filmes
Editor: SES
Local: Teresina
Data: 1997
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids
Fontes: SMS/RJ

Título: Sexo é natural. Sua doença não. Informa-se – doença sexualmente transmissíveis
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Homens sexo homens
Editor: Nuances
Local: Porto Alegre
Data: [199-]
Público-alvo: Homossexual
Tema: Eduação/sexualidade
Fontes: Abia

Título: Doenças de transmissão sexual
Editor: Sesi
Local: Brasília
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; direitos
Fontes: Abia

Título: Sabe o que acontece quando um amigo seu pega o vírus da Aids? Ele continua sendo seu amigo
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais; solidariedade
Fontes: SMS/RJ

Título: Fórum científico HIV/Aids
Editor: Merck Sharp & Dohme
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; aspectos epidemiológicos
Fontes: Leas

Título: Converse mais sobre sexo com seu filho, antes que ele procure um profissional
Editor: UFF
Local: Rio de Janeiro/Niterói
Data: [19—]
Público-alvo: Pais
Tema: Sexualidade; aspectos psicológicos; adolescente
Fontes:SMS/RJ

Título: Aids mata!
Editor: Stampa
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: SMS/RJ

Título: Segure essa bola
Editor: Coas
Local: São Vicente
Data: [19—]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; assistência clínica; sangue
Fontes: SMS/RJ

Título: Crianças vivendo com Aids
Editor: SES
Local: Teresina
Data: 1997
Público-alvo: Criança; soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; criança
Fontes: SMS/RJ

Título: Flor em botão
Editor: Aproce, Abia, ASCJARP
Público-alvo: dolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: O que todo mundo precisa saber sobre Aids
Editor: Suds
Local: São Paulo
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Tudo o que você sempre quis saber sobre a Aids e não tinha coragem de perguntar
Editor: Secretaria de Estado e Saúde
Local: São Paulo
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids. Você precisa saber evitar
Editor: Itaú
Local: São Paulo
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids – Síndrome de Imunodeficiência Adquirida – Você precisa saber evitar
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids – saiba como prevenir
Editor: Centro de Referência da Aids
Local: Pará
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Campanha de prevenção a Aids
Editor: Federação dos Sindicatos de Metalúrgicos
Local: São Paulo
Data: 1998
Público-alvo: Trabalhador
Tema: Aids; prevenção; trabalhador
Fontes: Abia

Título: Contatempos do prazer – guia das doenças sexualmente transmissíveis
Editor: SOS Corpo
Local: Recife
Data: 1987
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Projeto redução de danos – troque o vírus pela vida
Editor: Uerj; Nepad
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: Aids/drogas; prevenção
Fontes: Abia

Título: Toques - prevenção de DST/Aids para adultos
Editor: Criola
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Cartilha de biossegurança quimioprofilaxia da exposição ocupacional ao HIV
Editor: Departamento de Saúde Pública
Local: Brasília
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção; profissional de saúde
Fontes: Abia

Título: Positivamente, a vida sempre vale a pena
Editor: Gapa
Local: Bahia
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; aspectos psicológicos
Fontes: Abia

Título: Aids – Síndrome de imunodeficiência adquirida
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Abra a porta do seu coração... e entre na batalha pela saúde da mulher (DST e Aids)
Editor: MUSA
Local: Belo Horizonte
Data: 1995
Público-alvo: Mulher
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids – contra ela, a sua melhor arma ainda é a informação
Editor: Cemig
Local: Minas Gerais
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Tudo o que você sempre quis saber sobre as doenças transmitidas pelo sexo
Editor: SES
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids/DSTs – Setransduc e você juntos nesta luta
Editor: Setransduc
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Doenças sexualmente transmissíveis/Aids – informações básicas
Editor: Dermatologia Sanitária
Local: Porto Alegre
Data: 1988
Público-alvo: População geral
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Como evitar doenças sexualmente transmissíveis
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fontes: Prisma

Título: Que é gênero? Um novo desafio para ação das mulheres trabalhadoras rurais
Editor: Movimento das mulheres trabalhadoras rurais do nordeste
Local: Pernambuco
Data: 1995
Público-alvo: Mulher
Tema: Cidadania; direitos; mulher
Fontes: Prisma

Título: Filho é coisa séria. Escolher seu anticoncepcional também
Editor: Cemicamp. Bemfam
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção
Fontes: Abia

Título: Que você sempre quis falar sobre camisinha e teve medo, vergonha, sei lá, de perguntar
Editor: Ética Impressora
Local: Porto Alegre
Data: 1994
Público-alvo: Adolescente
Tema: DST/Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Passaporte da saúde e cidadania
Editor: Grab
Local: Fortaleza
Público-alvo: Profissional do sexo
Tema: DST/Aids; prevenção; profissional do sexo
Fontes: Abia

Título: Droga na escola
Editor: Fundação Victor Civita
Local: São Paulo
Data: 1990
Público-alvo: Adolescente
Tema: Drogas; prevenção; adolescente
Fontes: Abia

Título: Direitos dos pacientes vivendo com HIV e Aids
Editor: Alia
Local: Paraná
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos
Fontes: Abia

Título: Drogas – que papo é esse?
Editor: SOS Adolescente
Local: Campinas
Data: 199-]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Drogas; prevenção; adolescente
Fontes: Abia

Título: Aleitamento x mulheres infectadas pelo HIV – recomendações
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1995
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; amamentação; mulher
Fontes: Abia

Título: Sejamos compreensivos com nossos filhos homossexuais
Editor: GGB
Local: Salvador
Data: 1996
Público-alvo: Homossexual
Tema: Sexualidade; aspectos psciológicos; homossexual
Fontes: Prisma

Título: ABC dos *gays* –cartilha para desenvolver auto-estima, cidadania e a promoção de práticas sexuais mais seguras
Editor: GGB
Local: Salvador
Data: 1996
Público-alvo: Homossexual
Tema: Sexualidade; direitos; homossexual
Fontes: Abia

Título: Direitos do paciente
Editor: SES
Local: São Paulo
Data: 1996
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fontes: Abia

Título: Homem & homem – prazer e sexo seguro
Editor: Gapa/CE
Local: Fortaleza
Público-alvo: Homossexual
Tema: Aids; prevenção; homossexual
Fontes: Abia

Título: Não deixe que a Aids seja sua última companheira de viagem
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Passaporte para o futuro
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Adolescente
Tema: Sexualidade; aconselhamento; adolescente
Fontes: Abia

Título: Aids – conheça. Previna-se. Seja solidário
Editor: BCN
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids – o que é? Como se transmite? Como previnir? Tratamentos atuais
Editor: Boehringer Ingelheim
Data: 1998
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Seja você mesmo – perguntas e respostas para jovens *gays*, lésbicas e bissexuais
Editor: GGB
Local: Salvador
Data: 1996
Público-alvo: Homossexual
Tema: Sexualidade; aconselhamento
Fontes: Abia

Título: Resistência do HIV – o que você pode fazer para ajudar a combatê-la?
Editor: Glaxo Wellcome
Data: 1998
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; assistência clínica; soropositivo
Fontes: Abia

Título: Babá mais que perfeita – cartilha de treinamento para funcionários de casas de apoio para crianças HIV positivo
Editor: Sociedade Viva Cazuza
Local: Rio de Janeiro
Data: 1996
Público-alvo: Criança
Tema: Aids; assistência clínica; criança
Fontes: Abia

Título: Projeto Vhiver mulher
Editor: Grupo Vhiver
Local: Belo Horizonte
Data: 1996
Público-alvo: Mulher
Tema: Aids; aconselhamento; mulher
Fontes: Abia

Título: Como previnir o câncer de mama e do colo do útero
Editor: Bemfam
Local: Rio de Janeiro
Data: 1990
Público-alvo: Mulher
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção
Fontes: Abia

Título: Cartilha de alimentação para portadores de HIV/Aids
Editor: Associação Brasileira de Combate à Aids
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; nutrição; soropositivo
Fontes: Abia

Título: Sexo seguro entre homens
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Data: [19—]
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção; homossexual
Fontes: Abia

Título: Evitando a gravidez
Editor: Fundação Carlos Chagas
Local: São Paulo
Público-alvo: Adolescente
Tema: Saúde reprodutiva; prevenção; homossexual
Fontes: Abia

Título: Prazer sem medo – informações para mulheres que transam com mulheres
Editor: Rede de Informação um Outro Olhar
Local: São Paulo
Data: 1996
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção; homossexual
Fontes: Abia

Título: Aids –o que você necessita saber
Editor: UFPA
Local: Pará
Público-alvo: Trabalhador
Tema: Aids; prevenção; trabalhador
Fontes: Prisma

Título: Conhecendo a Aids
Editor: Gestos
Local: Recife
Data: [199-]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Aids; prevenção; adolescente
Fontes: Abia

Título: Nossos filhos e filhos – perguntas e respostas para pais de *gays*, lesbicas e bissexuais
Editor: GGB
Local: Salvador
Data: 1996
Público-alvo: Homossexual
Tema: Sexualidade; aconselhamento; homossexualidade
Fontes: Abia

Título: Adolescência – sonho e consciência
Editor: SOS Adolescente
Local: São Paulo
Data: [199-]
Público-alvo: Adolescente
Tema: Cidadania; aspectos sociais; adolescente
Fontes: Abia

Título: Aids – aprenda o que e como se prevenir
Editor: Suds
Local: São Paulo
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Que você precisa saber sobre Aids
Editor: Xerox
Local: Rio de Janeiro
Data: 1994
Público-alvo: Trabalhador
Tema: Educação/saúde; aconselhamento
Fontes: Abia

Título: Código de transas sem fronteiras
Editor: Medicos sem Fronteiras
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids – não recuse a realidade
Editor: Embratur
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Testes para a Aids
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Quando um amigo tem Aids
Editor: Abia
Local: Rio de Janeiro
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais
Fontes: Abia

Título: Como investir na vida
Editor: Hospital Universitário Pedro Ernesto
Local: Rio de Janeiro
Data: [199-]
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; assistência clínica
Fontes: Abia

Título: Aids – prevenir –segurança
Editor: CNAB
Local: São Paulo
Data: 1997
Público-alvo: População negra
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Guia dos direitos do consumidor de seguros e planos de saúde
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1999
Público-alvo: População geral
Tema: Saúde; direitos
Fontes: Abia

Título: Direitos do portador de HIV/Aids
Editor: Comissão Municipal de Prevenção e Controle da Aids
Local: São José do Rio Preto
Data: 1998
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos; soropositivo
Fontes: Abia

Título: DST
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1999
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fontes: Abia

Título: Aids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1999
Público-alvo: Gestante
Tema: Aids; prevenção; gestante
Fontes: Abia

Título: Sífilis
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1999
Público-alvo: População geral
Tema: DST; prevenção
Fontes: Abia

Título: Doenças sexualmente transmissíveis. É preciso tratar. É preciso evitar
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: [199-]
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: DST; prevenção
Fontes: Abia

Título: Sorria com saúde
Editor: Grupo Vhiver
Local: Belo Horizonte
Data: 1999
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Orientações ao cuidador do paciente com HIV/Aids no domicílio
Local: São Paulo
Público-alvo: Profissional de saúde
Tema: Aids; prevenção; profissional de saúde
Fontes: Abia

Título: Projeto univerdidaids
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Diário de Sergio
Editor: Brazilian Rainbow Group
Local: New York
Data: 1999
Público-alvo: Homossexual
Tema: DST/Aids; prevenção; homossexual
Fontes: Abia

Título: Sem dúvida – crianças de 7 a 9 anos
Editor: Ministério da Saúde
Local: Brasília
Data: 1997
Público-alvo: Criança
Tema: Educação/saúde; aconselhamento
Fontes: Abia

Título: Conceitos gerais e recomendações sobre Aids
Data: 1989
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; aspectos sociais
Fontes: Abia

Título: Cartilha HIV direitos dos soropositivos
Editor: Gapa BR/SP
Local: São Paulo
Data: 2000
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Aids; direitos
Fontes: Abia

Título: Viver bem – exercícios e dieta para pessoas com HIV e Aids
Editor: Harcourt Publishers
Local: São Paulo
Data: 2000
Público-alvo: Soropositivo
Tema: Saúde; nutrição; soropositivo
Fontes: Abia

Título: Revistinha da DST
Editor: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social
Local: Fortaleza
Público-alvo: População geral
Tema: Aids; prevenção
Fontes: Abia

Título: Herpes genital – fatos
Editor: Glaxo Wellcome
Local: Rio de Janeiro
Data: 2000
Público-alvo: Gestante
Tema: DST; prevenção
Fontes: Abia

Jogos

Título: Jogo da onda: entre na onda da saúde
Autor: Sandra Rebello e Simone Monteiro (Fundação Oswaldo Cruz)
Editor: Edições Consultor
Local: Rio de Janeiro
Data: 1998
Resumo/Conteúdo: De forma divertida, educativa e motivadora, o Jogo da onda esclarece dúvidas e promove reflexões sobre a prevenção do HIV/Aids e a dimensão social do uso indevido de drogas, enfocando questões emocionais, familiares e pedagógicas. Contém: 1 tabuleiro, 4 baralhos (com um total de 100 cartas), 1 dado, 4 peças coloridas, 1 encarte com regras e 1 manual com textos, sugestões e indicações bibliográficas.
Assuntos: Drogas
Fontes: Odebrech, Prisma e Leas

Título: Zig-Zaids
Autor: Simone Monteiro, Sandra Rebello e Virgínia Schall (Fundação Oswaldo Cruz)
Editor: Salamandra
Local: Rio de Janeiro
Data: 1991
Resumo/Conteúdo: Procura através de atividades lúdicas, motivar pré-adolescentes a discutir e obter informações corretas sobre a Aids, tais como formas de transmissão, tratamento e prevenção, chamando atenção para a solidariedade. Contém: 1 tabuleiro, 2 baralhos (com um total de 3 cartas), 2 dados, 4 peças coloridas, 1 preservativo masculino, 1 encarte com regras.
Assuntos: DST/Aids
Fontes: Odebrech, Prisma e Leas

Título: Ludi-sex
Editor: Lê
Local: Belo Horizonte
Resumo/Conteúdo: Aborda a sexualidade de forma lúdica
Assuntos: DST/Aids
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Crescer, o Jogo da Sexualidade e da Vida
Editor: Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (Nupacs)
Local: Rio Grande do Sul
Resumo/Conteúdo: Procura ensinar de forma divertida e lúdica novos conhecimentos e informações sobre sexualidade e saúde reprodutiva
Assuntos: Sexo; saúde reprodutiva
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Jogo da memória ambiental
Editor: Parque Ambiental do Pará
Local: Belém do Pará
Resumo/Conteúdo: Procura ensinar de forma lúdica sobre meio ambiente e conservação ambiental
Assuntos: Meio ambiente
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Bingo das DST
Editor: Oficina do futuro
Assuntos: DST/Aids
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Boneca Gertrudes
Editor: SMS
Local: São Paulo
Assuntos: Anatomia
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Capricho
Editor: Grow
Local: Rio de Janeiro
Assuntos: Adolescência
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Como é o meu corpo
Editor: Grow
Local: Rio de Janeiro
Assuntos: Anatomia
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Jogo aberto
Editor: IDAC – Instituto de Ação Cultural/ Uerj
Local: Rio de Janeiro
Assuntos: Sexualidade
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Jogo de corpo
Editor: Instituto Kaplan
Local: São Paulo
Assuntos: Saúde reprodutiva
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Mitos e realidade. Gravidez. Parto. Pós-parto
Editor: Oficina do futuro
Assuntos: Saúde reprodutiva
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Mitos e realidade. Sexualidade Adolescente
Editor: Oficina do futuro
Assuntos: Sexualidade
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Mitos e realidade. Sexualidade Adulto
Editor: Oficina do futuro
Assuntos: Sexualidade
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Quando eu não sabia de nada
Editor: Oficina do futuro
Assuntos: Sexualidade; saúde reprodutiva
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas
Título: Sedução
Editor: Grow
Local: Rio de Janeiro
Assuntos: Sexualidade
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Sexolândia
Editor: Estrela
Local: São Paulo
Assuntos: Sexualidade
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas

Título: Trilhas: descubra o mapa cultural e científico do Rio.
Autor: Sandra Rebello e Simone Monteiro (Fundação Oswaldo Cruz)
Editor: Edições Consultor
Local: Rio de Janeiro
Data: 2001
Resumo/Conteúdo: É o jogo que você precisava para localizar os centros culturais e científicos do Rio de Janeiro, de forma divertida e motivante. No tabuleiro do jogo, você vai encontrar os mapas do Estado do Rio, da Cidade e do Centro da Cidade do Rio. Para cada mapa existe um baralho correspondente, com várias cartas. Cada carta contém informações, em forma de dicas, sobre uma instituição. Cabe a você descobrir o nome dessas instituições a partir das dicas pedidas. Quanto menos dicas foram usadas, mais pontos você ganha.
Assuntos: Divulgação dos espaços cultuais e científicos do Estado do Rio de Janeiro.
Fontes: Odebrecht, Prisma e Leas